

Márium Trierveiler Pereira

PROGRAMA
ARTE FLAMENCA
7 Anos de 107,7



EDITORA
IFPR

PROGRAMA
ARTE FLAMENCA
7 Anos de 107,7

1ª edição

PROGRAMA
ARTE FLAMENCA
7 Anos de 107,7

1ª edição

Máriam Trierveiler Pereira

Coordenadora do Programa Faça Arte no IFPR

Coordenadora dos Projetos Arte Flamenca e IFPRádio

Apresentadora do Programa Arte Flamenca na RUP FM 107,7

Professora de Dança Flamenca

Campus Umuarama

<http://lattes.cnpq.br/6867974583171879>



**INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁPRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO,
PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

Obra

Programa Arte Flamenca: 7 anos de 107,7

Autora

Máriam Trierveiler Pereira

Reitor do IFPR

Odacir Antonio Zanatta

Presidente da Editora IFPR

Marcelo Estevam

Vice-Presidente da Editora IFPR

Leandro Rafael Pinto

Coordenadora Editorial

Aline Cecília Ximenes de Andrade Bilbao

Direção Científica de Letras, Linguística e Artes

Dra. Joyce Luciane Correia Muzi

Conselho Editorial Científico

Dra. Cláudia Regina Hasegawa Zacar – Universidade Federal do Paraná

Dra. Cristine Roberta Piassetta Xavier – Instituto Federal do Paraná

Dr. Eduardo Fofonca – Instituto Federal do Paraná / Universidade Federal do Paraná

Dra. Elaine de Moraes Santos – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Dra. Greicy Pinto Bellin – Centro Universitário Campos de Andrade, Paraná

Dra. Juslaine Abreu Nogueira – Universidade Estadual do Paraná

Dra. Laeticia Jensen Eble – Universidade de Brasília

Dr. Marcos Rizolli – Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo

Dra. Marlene Aparecida Ferrarini Bigareli – Instituto Federal do Paraná

Dra. Patricia Elisabel Bento Tiuman – Instituto Federal do Paraná

Dra. Patrícia Graciela da Rocha – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Dra. Tatiana de Medeiros Canziani – Instituto Federal do Paraná

Dra. Valéria Critina Vilhena – Universidade Metodista de São Paulo

Revisão

Enéias Marinho Gomes

Capa e Contracapa

Ronaldo Cunha da Conceição (IFAC)

Imagem da Capa

Ronaldo Cunha da Conceição

Diagramação e Projeto Gráfico

Ronaldo Cunha da Conceição (IFAC)

Parceria

Editora Ifac (EDIFAC)

Equipe Técnica Editorial

Aline Cecília Ximenes de Andrade Bilbao

Elisson Mildemberg

Bárbara Rocha Bittencourt Sallaberry

Pedro Francisco Machado

Todos os direitos desta obra são reservados.
Todos os conteúdos apresentados pela autora em seus
capítulos são de inteira responsabilidade da mesma.

Dados da Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Paraná
Biblioteca do Campus Curitiba

P436 Pereira, Máriam Trierweiler
 Programa Arte Flamenca : 7 anos de 107,7 / Máriam Trierweiler.
 – Curitiba: Editora IFPR, 2021.

Inclui bibliografias.
E-book

ISBN: 978-65-88493-05-2

1. Dança. 2. Dança flamenco. I. Título.

CDD 23. ed. – 793.319468

Bibliotecária Responsável: Bárbara Rocha Bittencourt Sallaberry – CRB 9/1864

Dedico esse livro aos amantes do flamenco:

a todos que contribuíram, direta ou indiretamente,
desde as mais remotas e escondidas origens dessa arte;

a todos que contribuem, notável ou anonimamente, em
todas as latitudes e longitudes do planeta;

e a todos que contribuirão pelo espaço de tempo que
ainda nos resta.

Somos todos Patrimônio Cultural da Humanidade.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às pessoas que estiveram presentes nestes sete anos de programa Arte Flamenca, uma parceria do Instituto Federal do Paraná, Câmpus Umuarama, com a Rádio Universitária Paranaense, FM 107,7.

Ao Douglas Bácaro e à Ana Ribas, que aceitaram a ideia da parceria e me mantiveram motivada nessa missão.

Ao Guido Franchini, Luana Rossato, Zé Fagotti, João Gabriel dos Santos Sousa, Pedro Henrique da Paz, José Vagner Sampaio e Márcio Pato, que tanto me ensinaram sobre a arte da locução e a magia do rádio.

Aos mais assíduos ouvintes: Mariléa, Amilton, Marcelo, Larissa, Luana, Odacir, Augusto, Estevan, Helena, Meire, Ilda, Tainá e Creir.

Às minhas alunas de flamenco e bolsistas que participaram de alguns programas como entrevistados ou com sugestões de músicas: Alessandra Pedrangelo, Alline Pereira, Bia Bihrrer, Dalva Pontim, Denise Dutra, Eveline Navarro, Flávio Dias, Jéssica Ortiz, Josiane Trettel, Karina Ambrozio, Katiane Moreto, Lourdinha de Oliveria, Lorena Paz, Manu Delattre, Marli Knap, Milene Ribeiro, Patrícia Piffer, Silvileny Neves, Stella Alonso, Val Silva, Creir da Silva, Kathleen Mariane da Silva, Aline Campos, Bruna Cardoso, Ivone Cortonezi, Amanda Echeverria, Cilézia de Lima, Mariana Jonsson e Thamiris Palhoto.

A todos os ouvintes do programa Arte Flamenca, que contribuíram com sugestões ao longo do tempo, em especial os ouvintes de Umuarama e região, Francisco Beltrão, Presidente Prudente, Bauru, Maringá, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, São Paulo e *Madrid*.

Aos pareceristas deste texto por suas valiosas contribuições.

Ao amigo (e admirador secreto, em suas palavras), que tão gentilmente fez a revisão deste manuscrito.

¡Queridos, muchas gracias y olé

SUMÁRIO

Introdução	17
-------------------	-----------

1. Conhecendo o Flamenco	23
---------------------------------	-----------

1.1 Origens do flamenco	23
-------------------------	----

1.2. Alguns ritmos flamencos	25
------------------------------	----

1.2.1. Bulerías	32
-----------------	----

1.2.2. Alegrías	33
-----------------	----

1.2.3. Tango Flamenco	33
-----------------------	----

1.2.4. Farruca	34
----------------	----

1.2.5. Garrotín	35
-----------------	----

1.2.6. Rumba Flamenca	36
-----------------------	----

1.2.7. Sevillanas	37
-------------------	----

1.3. Trilhas sonoras flamencas	38
--------------------------------	----

1.4. Misturas musicais	45
------------------------	----

2. Personificando o Flamenco 55

2.1. Paco de Lucía	57
2.2. Sara Baras	61
2.3. Joaquín Cortés	63
2.4. Farruquito	66
2.5. Vicente Amigo	67
2.6. Carlos Saura	69
2.7. Camarón	72
2.8. Tomatito	73
2.9. José Mercé	74
2.10. Niña Pastori	74
2.11. Ketama	76
2.12. Gipsy Kings	77
2.13. Manuel De Falla	78
2.14. Chano Lobato	79
2.15. Manuel Morao	79
2.16. La Paquera de Jerez	80
2.17. Rocío Jurado	81
2.18. Carmen Linares	81
2.19. Javier Ruibal	82

2.20. Rosário Flores	83
2.21. Jesse Cook	83
2.22. Benise	84
2.23. Diego El Cigala	85
2.24. Concha Buika	86
2.25. Miguel Poveda	86
2.26. Rodrigo Domingos	87
2.27. David Bisbal	88
2.28. María Toledo	89
2.29. Chanela	89
2.30. Maita Vende Ca	90
2.31. Danza Fuego	90
2.32. Los Alhama	91
2.33. Ziroq	92
2.34. Ojos de Brujo	92
2.35. Chambao	93
2.36. Andy & Lucas	94
2.37. Decai	94
2.38. Fondo Flamenco	95
2.39. Los Marismeños	95

2.40. Cantores de Híspalis	96
2.41. Pata Negra	97
2.42. Luces del Alba	97
2.43. Homenagem a artistas inesquecíveis	98
2.43.1. Carmen Amaya	98
2.43.2. Lola Flores	99
2.43.3. Manolo Escobar	100
2.43.4. Manuel Alejandro	101
2.43.5. Antonio Gades	101
2.43.5. Cristina Hoyos	102
2.43.6. Carles Benavent	102
2.43.7. Antonio Canales	102
2.43.8. María Pagés	103
2.43.9. Chicuelo	104
2.43.10. Eva Yerbabuena	104
2.43.11. José El Francés	105
2.43.12. La Schica	106
2.43.13. Rosario de Toledo	106
2.43.14. La Húngara	106
2.43.15. Soniquete	107

3. Viajando pelo Flamenco 109

3.1. Madrid	111
3.2. Córdoba	121
3.3. Sevilla	129
3.4. Huelva	137
3.5. Jerez de la Frontera	145
3.6. Cádiz	152
3.7. San Fernando	159
3.8. Algeciras	165
3.9. Málaga	170
3.10. Granada	179
3.11. Sierra Nevada	186
3.12. Jaén	193
3.13. Linares	201
3.14. Almeria	206
3.15. Valencia	212

Considerações Finais 221

Referências 225

Webgrafia Consultada 227

Introdução

Em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) declarou o flamenco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Essa ação consolidou o flamenco como arte globalizada, não mais restrita à Espanha. Oficialmente, ele faz parte, desde então, da história da antropologia.

O conceito de ‘cultura’, entretanto, não é tarefa simples, havendo muitas definições e controvérsias. De forma prática, o termo pode ser encontrado em dicionário com as seguintes ideias:

... O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Como ações sociais seguem um padrão determinado no espaço. Compreendem as crenças, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explicam e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período... (FERREIRA, 2014).

De forma ainda mais objetiva, antropologicamente a ‘cultura’ pode ser o antônimo de ‘natural’, colocando o ser humano como construtor de uma realidade material e imaterial que ordena suas relações. Inúmeros trabalhos estabelecem um diálogo entre conceitos antropológicos, sociais e psicológicos e trazem luz a essa discussão, como Morgado (2014), Porto (2011), Canedo (2009) e Mintz (2009).

Como o debate existente a respeito dessa concepção e abstração é intenso, vamos nos ocupar dos desdobramentos concretos da cultura, como a arte e a educação, com recorte na cultura flamenca.

A arte é fundamental para o desenvolvimento do ser humano e sua completa formação como agente transformador da realidade, como defende Oliveira (2017). Como permeia vários tipos de inteligências, definidas por Gardner (1994) e Antunes (2008), é possível tornar a arte presente na educação como forma de pesquisa, experiência de abertura sensível e cognitiva para o outro, compreensão e transformação de si e do mundo, como mostram Fritzen e Moreira (2008). Esses autores defendem a ideia de que a educação contemporânea deve inserir em seu meio linguagens múltiplas para a formação do sujeito. Pressupõe-se que as artes, ao alcance de todos, “propiciam condições para um olhar que vê mais do que se suponha ser visível” (Fritzen e Moreira, 2008, p. 8).

Com essa visão, o programa Arte Flamenca, produzido e apresentado pela Rádio Universitária Paranaense, RUP FM 107,7, nasceu da produtiva parceria entre o Instituto Federal do Paraná (IFPR) com a Fundação Cândido Garcia, da Universidade Paranaense (Unipar). A ideia surgiu como projeto de extensão, chamado *IFPRádio*, que pertencia ao programa *Faça Arte no IFPR*, cujo objetivo maior era agregar projetos com intenção de produção e difusão artística e cultural.

O IFPR se instalou em Umuarama (PR), em 2010, com cursos técnicos e diretriz de expansão, a longo prazo, para cursos técnicos integrados, Educação de Jovens e Adultos, licenciaturas, bacharelados, mestrados e doutorados. Tão logo foi possível, iniciou-se a elaboração de projetos de extensão e parcerias. Essas atividades são fundamentais para uma instituição pública, pois, normalmente, as diversas formas de expressão artística e cultural de qualidade e de acesso gratuito são privilégios de grandes centros.

Na procura por parceiros para atender ao objetivo do projeto de difundir o flamenco para a população em geral, chegou-se

à RUP FM 107,7, uma rádio universitária, mantida pela Fundação Cândido Garcia, com programas culturais diversificados, como MPB, blues, samba, rock, música alternativa, música instrumental, entre outros, voltados para um público jovem e diversificado. Nesse sentido, o programa contribuiu para ampliação das opções de acesso à arte e à cultura flamenca para a população em geral. Além disso, também auxiliou na divulgação dos projetos de dança e cinema oferecidos pelo IFPR, de forma gratuita para a população, no Centro Cultural Vera Schubert, em Umuarama.

Para articulação do projeto de extensão com a pesquisa e o ensino, elementos básicos na educação, cada programa foi elaborado com comentários sobre a história do flamenco, a geografia da península Ibérica, a gastronomia da Espanha, a biografia de artistas e as curiosidades sobre as culturas que formaram ou transformaram o flamenco, como árabe, indiana, judia, celta, turca, latina etc.

Como produtos culturais dos sete anos de programas de radiodifusão, destacam-se:

- a produção do CD *“As 100 melhores do programa Arte Flamenca”*, em dois volumes, em 2011;
- a produção do CD *“Programa Arte Flamenca 2012 – Máriam Trier e Convidados”*, em 2012;
- a elaboração e a apresentação de trabalho em forma de painel no 2º Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação (SE²PIN) do IFPR, em Paranaguá, em 2013;
- a produção do CD *“Movimentando os Segredos da Alma”*, em comemoração aos cinco anos da Cia de Dança IFPR Schubert, em 2015;
- a elaboração e a apresentação oral de trabalho no 35º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS), em Foz do Iguaçu, em 2017;

- a edição de áudio dos espetáculos da Cia de Dança IFPR Schubert: “Os Amores de Carmen” (2014), “Movimentando os Segredos da Alma” (2015), “Emociones Flamencas” (2016), “Hoje é Arte-feira” (2016), “Misturança” (2017), “Em Passos & Versos” (2018) e “A Vida é uma Dança” (2019).

Para elaboração desse livro foram utilizados os setenta e cinco programas originais gravados ao longo de sete anos de pesquisas. Os programas foram agrupados por temas para uma leitura mais didática. Dessa forma, o objetivo deste livro foi descortinar os mistérios do flamenco por meio de músicas, da mesma forma como foi para os ouvintes do programa “Arte Flamenca”.

A metodologia de pesquisa bibliográfica apoiou-se em Campoy (2014), que aponta a *internet* como a mais importante fonte de referência e pesquisa para a difusão e os estudos sobre flamenco. Segundo a autora, a bibliografia flamenca ainda é restrita ao ambiente espanhol e, no Brasil, há pouco registro sobre essa arte, sobretudo em forma de artigos acadêmicos e resumos em eventos científicos. Dessa maneira, as investigações foram feitas em *sites* especializados e reconhecidos em flamenco, em páginas oficiais dos artistas apresentados, em *sites* das prefeituras dos locais abordados e em estudos acadêmicos. As referências da *webgrafia* consultada não estão no texto por uma questão de dinâmica de leitura. Ao final do livro, há uma lista de todos os *links* consultados.

O livro foi dividido em três partes que expõem sobre a cultura flamenca, em especial sua origem, alguns renomados artistas e as cidades onde as manifestações flamencas iniciaram e se consolidaram.

Assim, no capítulo *Conhecendo o Flamenco* foram reunidos os programas que falam sobre essa arte sedutora, como suas

origens históricas, os ritmos mais conhecidos e a divulgação do flamenco contemporâneo por meio de trilhas sonoras de filmes e misturas musicais. Obviamente, a leitura desse material não conseguirá transmitir ao leitor todo o conhecimento complexo por trás do flamenco, mas será uma faísca que poderá acender a curiosidade para uma pesquisa mais aprofundada ou para a prática da dança, canto ou toque de violão.

O capítulo *Personificando o Flamenco* engloba programas sobre a vida e obra de artistas flamencos. É certo que o universo flamenco conta com inúmeros astros e estrelas, porém neste livro há homenagens a cinquenta e oito destaques flamencos, sendo dezoito *cantaores*, dezesseis conjuntos musicais, onze *bailaores*, nove guitarristas, três compositores e um diretor de cinema.

No último capítulo, *Viajando pelo Flamenco*, foram agrupados os programas que desvelam algumas cidades espanholas, em especial as da região da Andaluzia, berço do flamenco. Nesse roteiro, estão catorze cidades do sul da Espanha, além da capital, Madri.

Ao final de cada seção, há uma lista de sugestões de músicas que dão vida ao tema abordado.

Com chavão do início do programa, partiremos para essa viagem:

“¡Hola, querido e querida ouvinte-leitor! ¿Que tal, bien? Eu sou Máriam Trier e estamos começando mais um programa ¡Arte Flamenca!”

1. Conhecendo o Flamenco

1.1 Origens do flamenco

Flamenco é uma palavra espanhola e a tradução direta que encontramos para o português, em dicionários, é “flamingo”. Não se sabe ao certo a correlação entre os termos. Uma teoria sobre a origem do nome ‘flamenco’ é que a palavra para essa arte veio do árabe, *felag mengu*, que significa “camponês fugitivo”.

As primeiras referências que se têm do Flamenco, mesmo que incertas, datam de cerca de 1760. O flamenco nasceu na *Andalucía*, sul da Espanha, que atualmente é formada por oito províncias: Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilha.

Essa demonstração artística surgiu da opressão do povo andaluz (os espanhóis), que desde o século VII estava sob domínio árabe. Desse modo, nota-se que a evolução social do flamenco ocorreu devido às resistências políticas e o descontentamento de povos reprimidos que, por meio de suas manifestações artísticas e costumes, exprimem suas angústias e revoltas frente às classes dominantes (CRIMALDOS, 2010).

Esses povos fundiram seus costumes e seus elementos culturais e a característica temperamental revelou a união sanguínea moura-andaluza. Além de influências árabes, que se acentuam no movimento das mãos das *bailaoras* e no canto, como se fosse um lamento, o flamenco também tem forte influência dos ciganos, indianos, judeus, sírios, grego-bizantinos, persas e africanos.

De acordo com Campoy (2014), o flamenco passou por fases em seu desenvolvimento e consolidação como arte. No início, a expressão flamenca era restrita ao cante e ao sapateado, praticados em núcleos familiares, como propagação da cultura popular.

Mais tarde, foram incorporados os instrumentos musicais, como violão e castanholas.

Até perto de 1850, como o flamenco era praticado pelos ciganos, era mal visto pela sociedade espanhola. O que deixou o flamenco menos discriminado e mais conhecido foram os Cafés Cantantes, que surgiram em *Sevilla* como forma de atração e entretenimento de clientes e turistas.

No início do século XX, ritmos latino-americanos também foram incorporados a essa rica manifestação popular. Essa época ficou conhecida como Idade de Ouro, pois houve grande divulgação pela comercialização da cultura, principalmente no cinema.

Desde meados do século XX, o flamenco-raiz foi retomado e tem sido estudado, pesquisado e aprimorado. O que antes era passado de forma intuitiva de pai para filho, agora é passado em escolas específicas de canto, baile, palmas, toque de guitarra, toque de castanholas, toque do *cajón* e teoria e história flamenca (*flamencologia*). O flamencólogo Juan Vergillos, por exemplo, retrata essa arte em quatro emoções: alegria, ira, tristeza e medo. Para cada emoção, o pesquisador associa um ritmo flamenco e faz um resgate histórico e psicológico dessa arte.

Nos dias atuais, o flamenco é visto e vivenciado como uma mistura de culturas, raças, cores, religiões, classes e costumes, com um forte apelo emocional que retrata os vários estados da alma humana: alegria, tristeza, euforia, melancolia, raiva e paixão.

Como faz parte da cultura da humanidade, constantemente em evolução, seus intérpretes ao redor do mundo têm gravado sua expressão pessoal em palcos e festivais, preservando os elementos originais, como figurinos característicos, pentes para cabelos (*peinetas*), xales de diversos tamanhos (*mantones* e *picos*), *batas de colas* (saías que imitam os trajes do século XVIII), leques

de diversos tamanhos (*abanicos* e *pericones*), castanholas (*palillos*), bengalas (*bastón*) e chapéus (*sombreros*). O *cajón*, muito utilizado no flamenco contemporâneo, é um instrumento de percussão, de origem peruana, parecido com uma caixa em que o percussionista se senta e bate na parte frontal do instrumento com as mãos.

Entretanto, os componentes destacados até agora (origem popular, emoção, sentimento, canto, dança, música, figurinos e acessórios) não são suficientes para caracterizar o flamenco. É essencial que todos estejam em conjunto com a real identidade dessa arte, os ritmos flamencos, apresentados a seguir.

1.2. Alguns ritmos flamencos

Este item não tem a intenção de apresentar todos os ritmos, ou *palos* flamencos, pois são muitos e deveras complexos. Todos os ritmos, entretanto, são derivados de quatro *palos* básicos: *Soleares*, *Seguiriyas*, *Tangos* e *Fandangos*; ou do folclore espanhol.

As Figuras 1 a 5, a seguir, mostram a maioria dos ritmos flamencos. As setas indicam suas origens e influências.

A Figura 1 ilustra o desenvolvimento das *Soleares*.

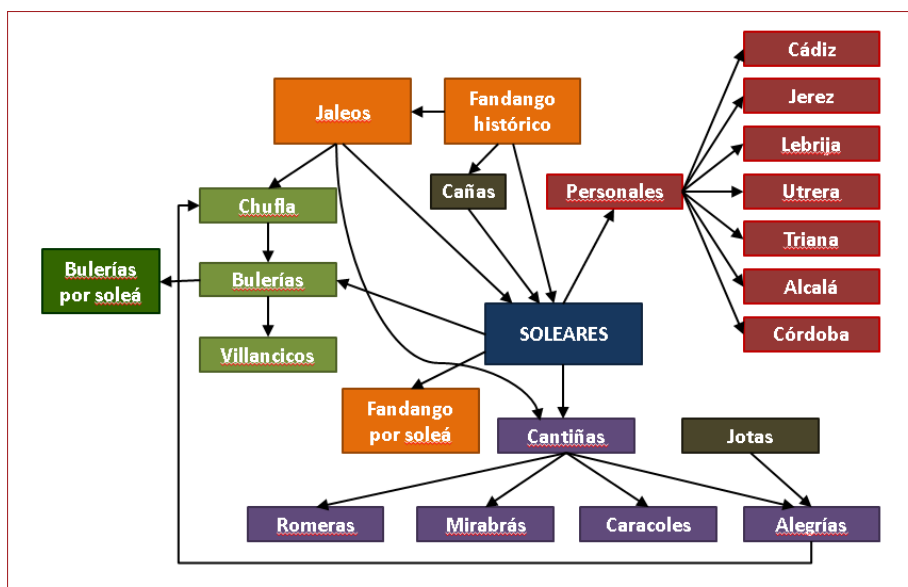


Figura 1 – Palos da família dos Soleares

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

Dos palos da família dos Soleares, os mais divulgados são: *Jaleos*, *Bulerías*, *Caña*, *Peteneras*, *Caracoles* e *Alegrías*.

Na Figura 2 podem ser visualizadas as influências do ritmo das *Seguiriyas*.

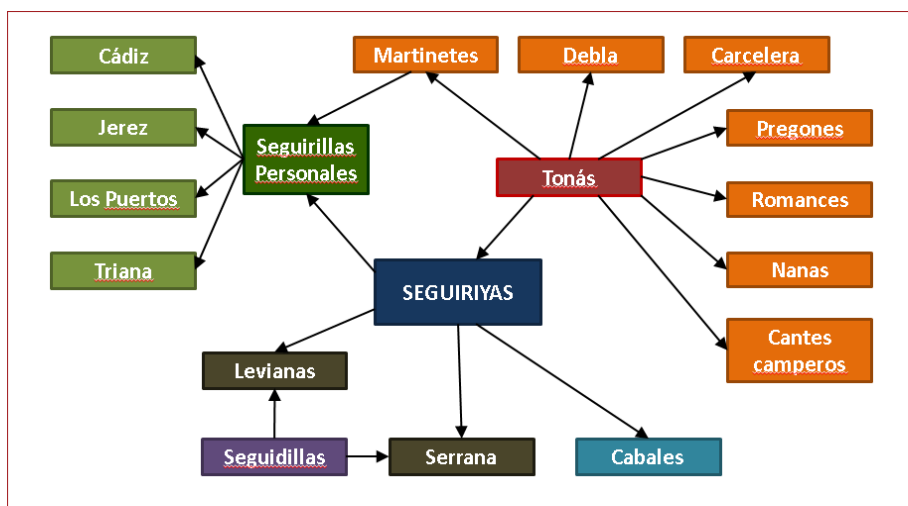


Figura 2 – Palos da família das Seguiriyas

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

O *Martinete*, a *Debla* e as *Seguidillas* são os ritmos mais conhecidos da família das *Seguiriyas*.

Os palos com origem ou influenciadores dos *Tangos* estão mostrados na Figura 3.

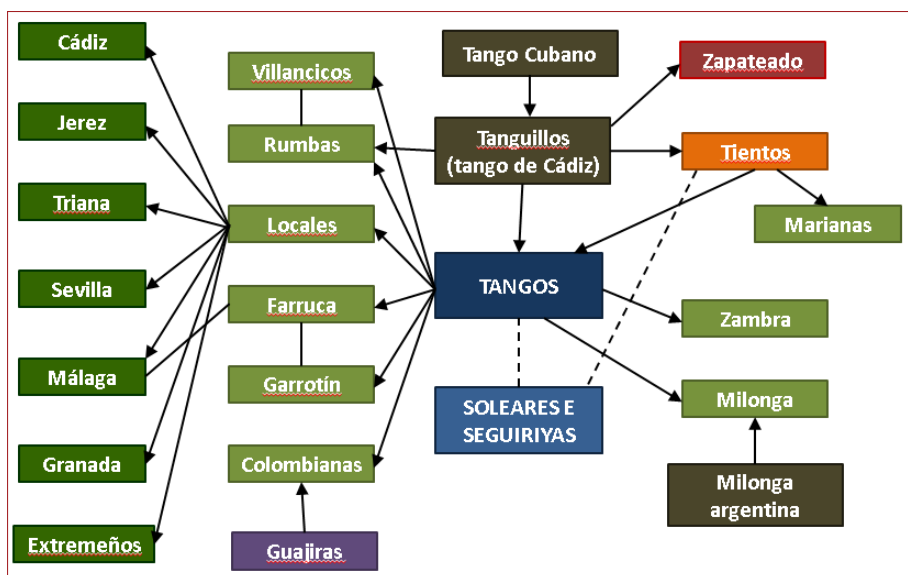


Figura 3 – Palos da família dos Tangos

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

Por serem de uma divisão métrica mais parecida com as músicas latinas, vários *palos* da família dos *Tangos* são populares no Brasil, como *Tanguillos*, *Tientos*, *Farruca*, *Zambra*, *Garrotín*, *Rumba*, *Colombianas* e *Guajiras*. Esses ritmos foram influenciados pela cultura latina e são chamados de ritmos de *ida-y-vuelta*, ou seja, o flamenco foi trazido para a América Latina e levou a musicalidade de algumas regiões para a Espanha.

A família dos *Fandangos* é apresentada na Figura 4.

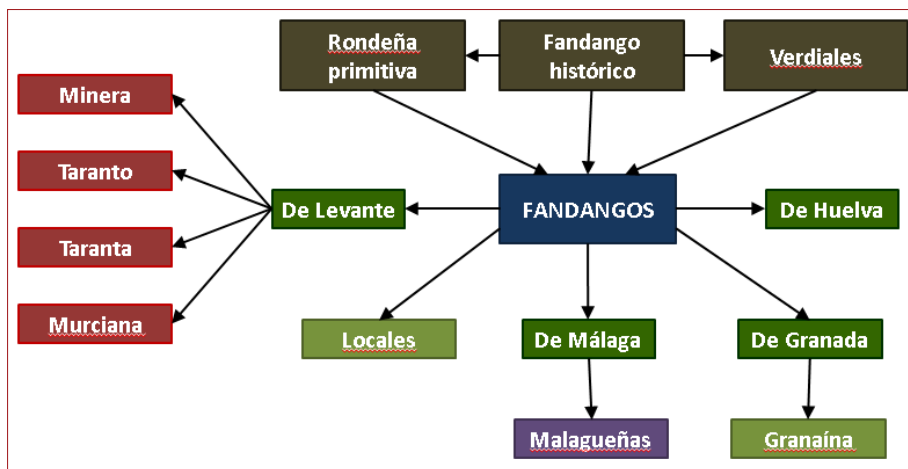


Figura 4 – Palos da família dos Fandangos

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

Os *Fandangos de Huelva* são os mais característicos dessa família. Também se destacam o *Taranto* e as *Malagueñas*.

Além dos *palos* tradicionais, o flamenco também incorporou ritmos do folclore, observados na Figura 5, como é o caso das *Sevillanas*, que atualmente são muito difundidas em todo o mundo.

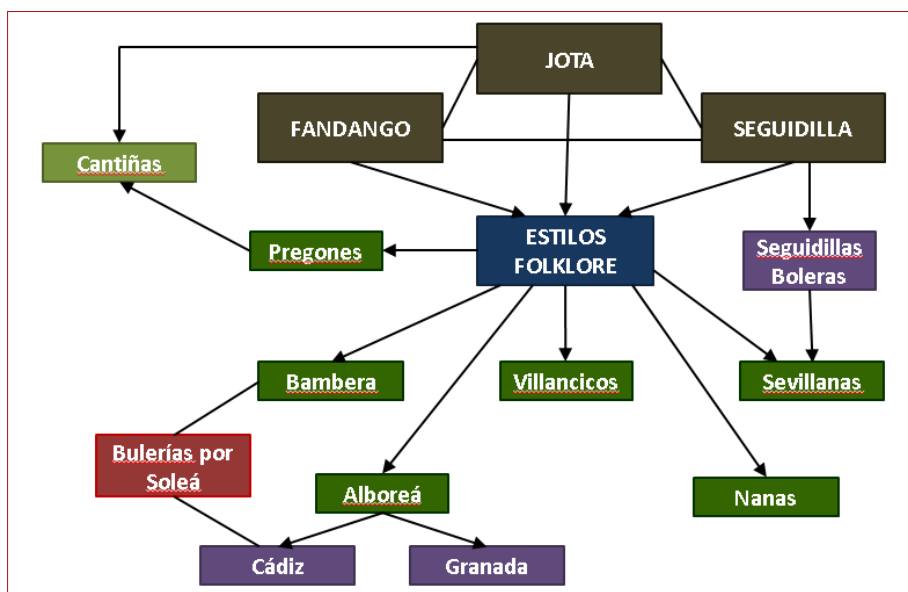


Figura 5 – Palos derivados do folclore espanhol

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

Os ritmos são diferenciados entre si, basicamente, pela divisão do compasso (métrica), pela acentuação e pela velocidade de execução. Também podem apresentar uma letra específica que os caracterize.

O sistema métrico flamenco inclui quatro tipos de compassos: binários, ternários, compassos de doze e compassos livres (ZANIN, 2008). Indiscutivelmente, por um lado, essa métrica torna-se um obstáculo para se entender a complexa música flamenca. Por outro lado, torna o flamenco riquíssimo.

Para ilustrar a contagem de tempo até doze, costuma-se utilizar a figura de um relógio que mostra a divisão dos tempos em cada ritmo. A Figura 6 exemplifica as acentuações rítmicas pelas setas dos *palos Alegrías, Soleá e Bulerías*. A diferença entre os ritmos está na velocidade de execução da música, nas letras ou na dança.

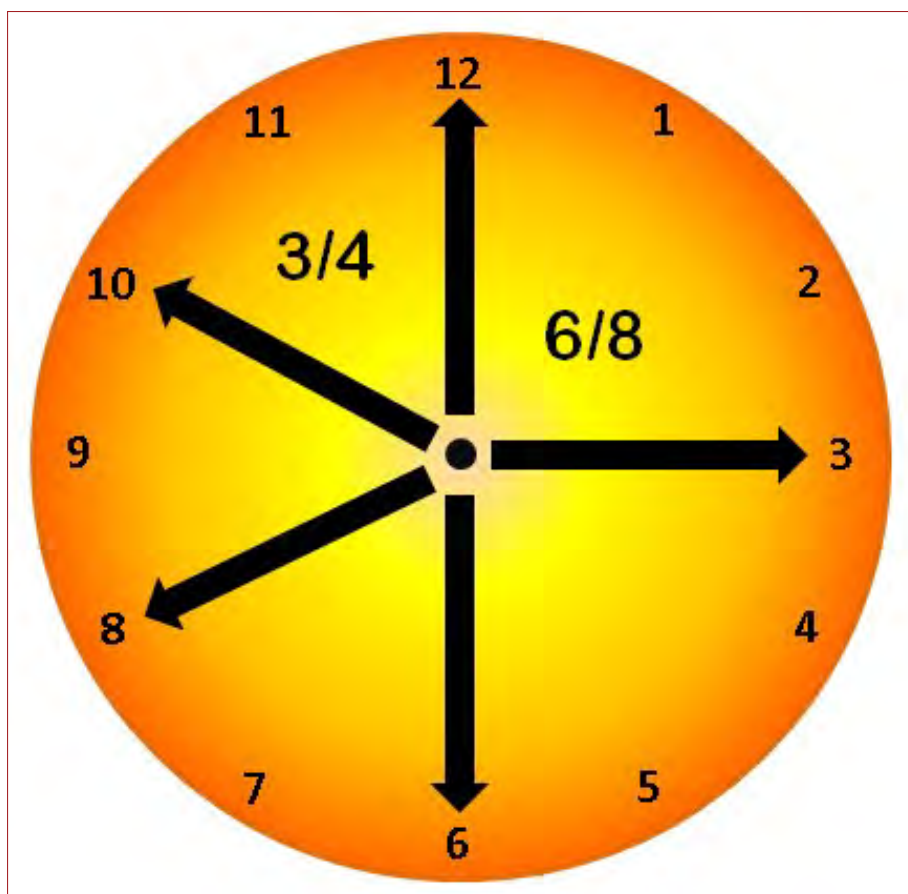


Figura 6 – Relógio flamenco para os ritmos *Alegrías*, *Soleá* e *Bulerías*

Fonte: <http://www.flamencopolis.com> (adaptado pela autora)

Como o programa Arte Flamenca era elaborado para ouvintes não-flamencos, a principal intenção foi apresentar alguns ritmos que são mais apreciados aqui no Brasil.

Nessa perspectiva, os *palos* mais tocados nestes sete anos foram *Bulerías*, *Alegrías*, *Tango Flamenco*, *Farruca*, *Garrotín*, *Rumba Flamenca* e *Sevillanas*. Não foram indicadas músicas específicas neste subitem porque todas estão distribuídas ao longo dos demais capítulos.

1.2.1. Bulerías

A *Bulería* (ou *Bulerías*), cuja origem é dos *Soleás*, é o ritmo mais característico do flamenco por causa de sua acentuação não uniforme.

Esse termo provavelmente tem origem na palavra *burla*, que significa “brincadeira”. Isso se reflete na música, na dança e nas letras das músicas. Por ser um ritmo não-regular, é difícil de dançar e tocar. A acentuação da *Bulería* é mista, do tipo 3+3+2+2+2, e o compasso de doze tempos fica dividido da seguinte forma (em negrito as acentuações):

1 2 3 / 4 5 6 / 7 8 / 9 10 / 11 12

A grande maioria dos *bailaores* de hoje dançam *Bulerías* como ápice de um espetáculo. Esses bailes, entretanto, não são coreografados, são improvisados dentro da estrutura que o ritmo impõe.

Também é muito comum ver os guitarristas, *palmeros* e *cantaores* bailando as *Bulerías* ao final de uma apresentação, pois esse é um momento de descontração. É como se fosse um agradecimento pelo sucesso do show apresentado.

As *ruedas de Bulerías*, ou *juergas*, também são comuns em festas e encontros de amantes do flamenco. Neste caso, todos dançam, mesmo sem os trajes, inclusive as crianças, que dão um show à parte. Se pudesse ser comparada a uma manifestação popular brasileira, seria com uma roda de capoeira, onde os jogadores improvisam movimentos enquanto a música aumenta de ritmo até um êxtase coletivo.

1.2.2. Alegrías

Também proveniente dos *Soleás* (termo flamenco para *solidão*), outro ritmo bem flamenco, em contraste com o sentimento de tristeza, é a *Alegrías*. É um ritmo alegre, originário de Cádiz. Sua origem está nas *Jotas de Cádiz*, música tradicional folclórica da região central espanhola de Aragão, trazida para a região sul por soldados durante a Guerra da Independência no século XIX.

As características principais desse estilo são a riqueza do acompanhamento da guitarra flamenca, a beleza da dança, demandada pelo ritmo difícil e a energia contida na música.

É mais lenta que a *Bulería*, mas mesmo assim muito viva. É perfeita para se dançar com *bata de cola* (saia com cauda) e/ou com *abanicos* e/ou *mantónes*, aproveitando o charme da música.

Os movimentos das mãos são lentos e delicados e o sapateado é bem marcado. Sua característica marcante é o *Tirititran*, que se ouve em todas as letras desse ritmo.

Muitos *bailaores* fazem das *Alegrías* seus bailes favoritos, como Farruquito, Eva Yerbabuena, Sara Baras, María Pagés, Manuela Carrasco, Matilde Coral, Merche Esmeralda, entre outros.

1.2.3. Tango Flamenco

Um ritmo mais fácil que o da *Bulería* é o *Tango Flamenco*, que não tem correlação com o tango argentino. Esse ritmo é linear e o compasso de doze tempos é dividido de quatro em quatro, do tipo 4+4+4.

A evolução natural do ritmo na Espanha, com influências latinas e africanas, originou variações ou subdivisões desse ritmo

de acordo com as letras que são cantadas. Cada letra apresenta uma estrutura que deve ser acompanhada pelo baile. Tangos de Cádiz, Tangos de Granada, Tangos de Sevilla (incluindo Tangos de Titi), Tangos de Málaga, Tangos Extremeños e Tangos de la Carlótica são alguns exemplos desse ritmo.

Nos últimos trinta anos, o *Tango Flamenco* sofreu grande modernização, com a introdução de novos instrumentos que o deixam mais leve, como flautas transversais, baixo, contrabaixo e violino. Normalmente, o cante é alegre e festeiro e adotado por quase todos os *bailaores* e guitarristas contemporâneos. Assim como a *Bulería*, o Tango possui os elementos necessários para uma festa flamenca.

1.2.4. Farruca

A *Farruca* é um ritmo tradicional que se originou junto com o *Tango Flamenco*, como compasso dividido de quatro em quatro tempos. Tem influências do tango argentino e do *pasodoble* espanhol. No baile, a *Farruca* se destaca pelo sapateado com uma grande profusão de contratempos e figuras rítmicas de grande virtuosismo.

Esse baile já foi predominantemente masculino, tendo sido imortalizado por Antonio Gades, Antonio Canales e El Farruco. Este último deu início a uma dinastia de grandes *bailaores*: sua filha, La Farruca; e seus netos, Farruquito, Farru e El Carpeta.

Atualmente ganhou força junto às mulheres, como Sara Baras. Usualmente é dançado com calças, a fim de realçar o sapateado firme e preciso.

No filme *Flamenco*, do diretor Carlos Saura, o *bailaor* Joaquín Cortés dança uma *Farruca* contemporânea, com instrumentos clássicos, como violino e violoncelo. Na Figura 7 é possível verificar o uso de violino em um baile flamenco.



Figura 7 – Uso de violino em baile flamenco

Fonte: Werner Gmünder, por Pixabay

1.2.5. Garrotín

O *Garrotín*, também originário dos *Tangos Flamencos*, é um ritmo alegre e colorido e foi amplamente popularizado pela antológica bailaora e cantaora Carmen Amaya. Ele tem partes lentas e sensuais, paradas e começos repentinos, que se transformam em passos furiosos nos pés do bailarino.

Não faz muito tempo, esse *palo* era considerado como pertencente mais ao folclore andaluz do que ao flamenco propriamente dito. Lentamente, no entanto, foi tomando seu espaço dentro dessa arte e finalmente aceito nos círculos flamencos atuais.

Alguns bailaores da nova geração têm inserido o *Garrotín* em seus espetáculos, como María Pagés.

1.2.6. Rumba Flamenca

Um ritmo bem conhecido pelos latino-americanos, proveniente dos *Tangos Flamencos*, é a Rumba Flamenca. A rumba flamenca tem forte influência da rumba caribenha e sua característica marcante é o tom festivo. As brincadeiras também são constantes na rumba, presentes tanto na música como na dança.

A rumba é uma música com melodia contagiante, empolgante e com um ritmo dançante. Também apresenta elementos musicais de outros ritmos latinos, como a salsa, o merengue e o mambo.

Esse ritmo é bem flexível e aceita muitas variações: podem ser lentas ou mais agitadas; podem receber instrumentos africanos, árabes, espanhóis, clássicos; e podem ser cantadas em outras línguas além do espanhol.

As rumbas, salsas, mambos e merengues influenciaram muito os artistas flamencos em meados do século XX. Por serem ritmos dançantes, alegres e divertidos, logo foram incorporados ao espírito do flamenco nos anos 40 e 50, quando o flamenco começou a ser mais divulgado fora da Espanha.

Geralmente uma apresentação de rumba flamenca é feita com os bailarinos dispostos em meia-lua e em cada estrofe da música um ou mais *bailaores* vão ao centro do *tablao* e fazem uma *performance*. Vários grupos musicais se especializaram em Rumbas Flamencas, como Gipsy Kings, Ketama, Azúcar Moreno e Ojos de Brujo.

1.2.7. Sevillanas

As Sevillanas são resultantes do folclore espanhol. Como o próprio nome diz, esse ritmo vem da região de *Sevilla*, que fica na *Andalucía*, sul da Espanha. Esse ritmo é estruturado em quatro partes, chamadas de *coplas*. Normalmente, as *Sevillanas* têm letras que homenageiam *Sevilla*.

Cada vila na Espanha tem sua própria versão do baile das *Sevillanas*, que normalmente é dançada aos pares. A música é muito alegre, contagiante, festiva, e tem acompanhamento de palmas e castanholas. A dança ainda pode ser feita com xales, leques, bengalas, chapéus, cadeiras, entre outros elementos.

Além de versátil, não há idade para bailar as *Sevillanas*. As crianças aprendem desde cedo e é comum assistir a idosos bailando (Figura 8).

Essa é a dança mais comum na *Feria de Sevilla*, uma feira tradicional que acontece todos os anos em abril. A vestimenta feminina característica são os vestidos coloridos, estampados e com muitos babados.

Existem vários conjuntos musicais tradicionais que só produzem *Sevillanas*, como *Pata Negra*, *Cantores de Híspalis*, *Ecos da la Marismas*, *Luces del Alba*, *Los Marismeños*, *Los Romeros de la Puebla* e *Las Corraleras de Lebrija*.



Figura 8 – Grupo folclórico de Sevillanas

Fonte: Sgrunden, por Pixabay

1.3. Trilhas sonoras flamencas

Este tópico pretende reunir alguns filmes que apresentam músicas flamencas em suas trilhas sonoras. Algumas películas são flamencas e outras apenas utilizam o universo flamenco como atmosfera que envolve os personagens. De cada filme, foram escolhidas músicas para tocar no programa Arte Flamenca. Nesse formato, foram gravados e apresentados dois programas de rádio.

Para iniciar esse tópico foi eleita uma música do filme **Carmen**, escrito e dirigido pelo gênio Carlos Saura, baseado no romance homônimo de Prosper Merimée. Essa música dá vida à cena mais famosa do diretor Carlos Saura, que é cena da briga de mulheres na tabacaria de Sevilha.

Nessa fábrica só trabalham mulheres e estão todas à vontade por causa do calor que faz em *Sevilla*. No verão, a temperatura pode chegar aos 42°C na sombra. O clima só não é pior por causa da proximidade do mar Mediterrâneo e pelo rio que corta a cidade, o *Guadalquivir*.

Voltando à cena do filme, as trabalhadoras da fábrica começam a marcar o ritmo de uma música batendo nas mesas onde trabalham e cantando. Logo em seguida, uma trabalhadora da tabacaria, por inveja, provoca Carmen, uma cigana muito bonita. Com personalidade muito forte, Carmen a ameaça e aceita a provocação. A briga é representada por sapateados em ritmo cada vez mais forte. Ao final da cena, Carmen, com uma navalha, corta o pescoço da trabalhadora, que morre no local. A trama continua com muita emoção, mostrando toda a paixão e a tragédia do flamenco.

Esse filme foi premiado e indicado a prêmios em diversos países. O filme *Carmen* foi gravado em 1983, e em 1986, Carlos Saura dirigiu outro filme flamenco, ***El Amor Brujo***, que significa “Amor Bruxo”.

Nessa história, Candela está prometida para José, pela lei cigana, e se casa com ele. Na noite do casamento, em uma briga, José é morto e Candela passa a dançar todas as madrugadas com o espírito de José.

No filme existem também outras personagens marcantes, como o apaixonado por Candela, Carmelo, interpretado pelo mestre Antonio Gades; e a amante de José, Lucia, interpretada por Laura Del Sol. O elenco é basicamente o mesmo de *Carmen*.

Na trilha sonora de *El Amor Brujo*, além das músicas de Manuel de Falla, que foi um grande compositor e músico espanhol, interpretadas por Rocío Jurado, uma excelente cantora, há tam-

bém músicas populares e mais modernas. Uma delas é *Azúcar Moreno*, que embala a festa de casamento de Candela e José.

Essa música é interpretada pelas irmãs Salazar, que fizeram muito sucesso na Espanha nas décadas de 80 e 90 com músicas pop e rumbas. Depois de mais de vinte anos cantando na dupla *Azúcar Moreno*, as irmãs se separaram em 2008 e seu último disco foi em 2009.

Ainda na trilha sonora de *El Amor Brujo* encontramos outra rumba, *Como el agua*, que foi escrita pelo irmão de Paco de Lucía, apelidado de Pepe de Lucía, mas que se chama Jose Sanchez Gomez. Pepe de Lucía e *Camarón de la Isla* gravaram originalmente essa música em ritmo de tangos, bem lenta. Na trilha sonora do filme é cantada em ritmo de rumba por Gomez de Jerez, Manuel Sevilla e pelo *ballet* de Antonio Gades.

Permita-me fazer um comentário sobre os nomes dos artistas flamencos, que é característico dessa arte: as crianças que nascem nas famílias de artistas flamencos desde cedo aprendem a cantar, dançar ou tocar instrumentos. Quando começam a fazer sucesso, eles adotam um nome artístico, ou um padrinho flamenco, que pode ser da família ou um artista famoso, dá um apelido para o iniciante. Normalmente os apelidos são relacionados à cidade natal do artista, ou então a uma característica marcante em seu estilo. Paco de Lucía e seu irmão, Pepe de Lucía, adotaram o nome da mãe, Lucía. *Camarón de la Isla* teve esse apelido dado por seu tio porque era loiro e tinha o rosto vermelho. Gomez de Jerez e Manuel Sevilla têm como 'sobrenome' suas cidades-natal.

Outro filme que ficou muito conhecido no mundo da dança foi o filme **Flamenco**, também de Carlos Saura (1995). Esse filme não tem um enredo, é um documentário sobre vários artistas e formas de expressão do flamenco.

São mostrados vários *bailaores* e *bailaoras*, como Joaquín Cortés, Merche Esmeralda, Matilde Coral, Mario Maya, María Pages, Farruco, Farruquito e Manuela Carrasco. Aparecem também *cantaores* e *cantaoras*, como Pepe de Lucía, Remédios Amaya, Carmen Linares, El Chocolate, José Mercé, Diego Carrasco, e ainda guitarristas, como Paco de Lucía, Manolo Sanlúcar, Juan Romero e Tomatito.

Todos trabalharam juntos com um só objetivo: expor o universo flamenco e sua riqueza como arte. O documentário mostra várias coreografias de vários ritmos, como *Bulerías*, *Alegrías*, *Guajiras*, *Farruca*, *Martinete*, *Fandango*, *Soleares*, *Tarantos*, *Tangos* e *Rumbas*. Uma música muito alegre e divertida desse documentário é *La Puerta del Principe*, do ritmo *Alegrías*, com os guitarristas Manolo Sanlúcar e Juan Carlos Romero, o *cantaor* Diego Carrasco e o trio Las Peligro.

Seguindo em ordem cronológica, em 1998, estreou uma comédia que fez grande sucesso nos EUA, ***The big Lebowski***, de direção dos irmãos Coen (Ethan Coen e Joel Coen). O filme conta a história de um desempregado, jogador de boliche convicto, que é confundido com um milionário.

A trilha sonora desse filme tem grandes nomes, como Creedence, Bob Dylan, Captain Beefheart, Elvis Costello, Kenny Rogers, Santana, Eagles e até Mozart. Gipsy Kings, especialista em flamenco não-tradicional, se junta ao time interpretando *Hotel Califórnia* em ritmo de rumba, originando uma mistura muito interessante.

Em 2000 estreou o filme ***Vengo***, do diretor Tony Gatlif. Filho de mãe cigana andaluza e de pai árabe, Tony Gatlif nasceu na Argélia. Polêmico e vencedor de vários prêmios, como Carlos Saura, ele gosta de retratar o povo cigano e o povo argeliano.

O filme conta a história de Caco, interpretado pelo grande *bailaor* Antonio Canales. Caco é um belo e orgulhoso chefe de família, muito poderoso em sua comunidade. No entanto, com a morte de sua amada filha, ele transferiu todo o seu amor e proteção para o sobrinho Diego, que é deficiente mental.

O pai de Diego, irmão de Caco, está na clandestinidade, depois de ter matado um homem da família Caravaca, que é igualmente poderosa na comunidade. Os Caravacas estão procurando vingança, e vão a Caco atrás de justiça.

Quando ele se recusa a trair seu irmão, a família rival se impaciente, e ameaça matar Diego, o seu sobrinho. Apesar de seu feroz orgulho, Caco finalmente percebe que o ciclo de morte e vingança deve ser quebrado.

Esse é um filme forte, com elevada carga emocional, típica do flamenco. A música sugerida, tema do filme, chama-se *Nací en Álamo*, interpretada pela *cantaora* Remédios Silva Pisa. Essa música é do ritmo *Tangos Flamencos*. A letra é da bela morena Yasmin Levy, uma das mais conhecidas cantoras de Israel e considerada uma das melhores cantoras do Oriente Médio.

Yasmin nasceu em Jerusalém, em 1975, e seu primeiro álbum saiu em 2000, fazendo-a famosa no mundo inteiro, especialmente na Europa, como cantora de *world music*, pois ela canta em ladino (que é a língua dos judeus), espanhol, hebraico, árabe e turco.

Em *Sevilla*, ela aprendeu flamenco e tem um singular estilo emotivo e nostálgico, exatamente como nessa música, que fala do lugar onde nasceu, que apesar de não ser um lugar com lindas paisagens, é o lugar que ela leva no coração, pois é sua pátria.

Outra sugestão de música está na trilha sonora de um filme que tem Tom Cruise como ator principal: **Missão Impossível 2**, do diretor John Woo, de 2000.

Logo no começo do filme, o agente Ethan, interpretado por Tom Cruise, precisa achar a ladra Nyah, interpretada pela atriz Thandie Newton, natural da Zâmbia.

Para isso, ele vai a *Sevilla*, a um *tablao* flamenco. Durante uma empolgante apresentação de flamenco, eles trocam olhares por entre as saias vermelhas esvoaçantes das bailarinas. A tensão do sapateado se intensifica e a coreografia termina, no exato momento que Nyah some. A mulher rouba um colar e, com a chegada da polícia, ela foge, começando uma bela sequência de perseguição e um lindo romance.

A música em questão se chama *Seville*, do famoso compositor Hans Zimmer, que fez toda a trilha sonora desse filme, e que tem outras faixas inspiradas no flamenco.

Na mesma linha de filmes norte-americanos com músicas flamencas encontramos ***Vicky Cristina Barcelona***, de 2008. O vídeo foi escrito e dirigido por Woody Allen, o que indica a boa qualidade do filme, que inclui sarcasmo, comédia, drama y *otras cositas más*.

Em resumo, o filme, que tem uma bela fotografia da Espanha, começa em Barcelona, onde duas amigas estão de férias e conhecem um sedutor artista, que as convida para um fim de semana em Oviedo, na província de Astúrias, também na Espanha.

O filme traz no elenco a ganhadora do Oscar Penélope Cruz, Scarlett Johansson, Rebeca Hall e Javier Bardem. A trilha sonora desse filme é assinada por Paco de Lucía e a música *Entre dos aguas* que é uma bela rumba dele, tema do filme.

Olhando para produções cinematográficas nacionais com música flamenca, encontramos ***Meu nome não é Johnny***, de direção de Mauro Lima, 2008.

Ganhador em várias categorias e com indicações para outras do Grande Prêmio Cinema Brasil, e vencedor do Festival de

Cinema Brasileiro de Los Angeles, a obra é divertida e dramática, protagonizada pelo ator Selton Mello e pela atriz Cléo Pires. O filme, baseado em fatos reais, conta a história de um jovem de classe média que se transformou no maior traficante da zona sul do Rio de Janeiro nos anos 80.

A música flamenca da trilha sonora se chama *Me llevaste*, interpretada pela cantora Tiza Harbas, com guitarra de Allan Harbas.

Como representante de um filme infantil, ***Toy Story 3***, de Lee Unkrich (2010), é um filme muito gracioso que conta as aventuras de alguns brinquedos que ganham vida quando os seres humanos não estão olhando. Os protagonistas são o xerife Woody e o astronauta Buzz Lightyear.

Essa continuação é uma parceria da Disney e estúdios Pixar, assim como os demais. No primeiro filme, Woody conhece Buzz. No segundo filme, Woody vai parar nas mãos de um colecionador e encontra mais brinquedos de sua coleção. E no terceiro, o dono de Woody vai para a faculdade enquanto os brinquedos vão para uma creche. Esse filme é recorde de público, considerada a animação mais rentável da história.

Com relação a sua trilha sonora, o longa-metragem tem uma curiosidade: os Gipsy Kings cantam a versão de *You've got a friend in me* (*Hay um amigo en mí*), em ritmo de rumba. A canção é tema do Buzz, que é capturado por brinquedos maus e tem sua memória apagada. Quando finalmente é resgatado, parece outro brinquedo, pois só fala em espanhol. No final da história, ele dança a música dos Gipsy Kings com a vaqueira Jessie.

PLAYLIST TRILHAS SONORAS FLAMENCAS:

1. *A briga na Tabacaria de Sevilla* (Trilha sonora do filme *Carmen*, 1983)
2. *Azúcar Moreno* (Azúcar Moreno, 1986)
3. *Como el agua* (Paco de Lucía e Camarón, 1973)
4. *La puerta del príncipe* (Manolo Sanlúcar, Juan Carlos Romero, Diego Carrasco e Las Peligro, 1995)
5. *Hotel Califórnia* (Gipsy Kings, 1991)
6. *Nací en Álamo* (Remédios Silva Pisa, 2000)
7. *Seville* (Hanz Zimmer, 2000)
8. *Entre dos aguas* (Paco de Lucía, 1973)
9. *Me llevaste* (Tiza Harbas e Allan Harbas, 2008)
10. *Hay un amigo en mí* (Gipsy Kings, 2010)

1.4. Misturas musicais

Este tópico foi organizado com informações sobre músicas que apresentam fusões de vários estilos e ritmos com a música ou a dança flamenca. Esse tema rendeu a gravação e radiodifusão de quatro programas.

Como o flamenco tem fortes raízes na cultura árabe e egípcia, iniciaremos com essa mescla.

A música *Flamenco Oriental* é uma rumba estilizada remixada, uma mistura muito rica e interessante. É cantada por Dalida e foi remixada em 1998 pelo cantor Sebastián Albadonato. Dalida foi uma cantora egípcia que fez muito sucesso na Europa nos anos 50, 60 e 70 com músicas gravadas em mais de dez idiomas, como francês, italiano, árabe, alemão, espanhol, inglês, holandês, japonês, hebraico e grego. É considerada uma das mais notáveis

cantoras políglotas do século XX. Ela nasceu no Cairo, Egito, filha de pais italianos. Mais tarde, tornou-se atriz e foi morar na França, onde, tragicamente, suicidou-se em 1987, aos 54 anos.

Outras músicas, bem alegres, que mesclam a rumba de *Los Niños de Sara* com música árabe do grupo Alabina, são *Fiesta Mora* e *Ya mama ya mama*. A cantora do grupo Alabina é a israelita Ishtar.

A próxima música sugerida tem os dois primeiros minutos só de percussão: sapateado, da bailarina Ana Moreno, palmas, *cajón*, vaso de barro (que produz um som de água, típico de músicas indianas), e instrumentos de percussão africanos, como o caxixi (que é um chocalho, também usado na capoeira) e o jembê africano (que é parecido com um tambor). Além disso, a música tem um solo árabe, representada pelo seu principal instrumento, o *derbak*. Depois de toda a percussão, ouve-se um piano e uma flauta magnífica. Todos esses instrumentos deixam a música multicultural. Ela é um trabalho dos músicos Roberto Angerosa, Christianne Neves e Luiz Cabrera. A música se chama *Más allá de la leyenda*.

Como foram mencionados os instrumentos africanos, pode-se apresentar o compositor e multi-instrumentista Wafir, originário do Sudão. Ele toca instrumentos orientais de percussão e acordeón. Hoje ele vive em Madri com sua irmã Rasha, que é cantora, e grava muitas músicas com artistas espanhóis, como por exemplo, com o grupo Radio Tarifa. Na música *Lel*, Wafir criou uma íntima interação entre o flamenco, ritmos cubanos e elementos orientais.

Mas, antes de ir para Cuba, seria interessante passar pela Irlanda e conhecer uma fusão bem sucedida, executada pela Orquestra Filarmônica de Berlim, que faz parte do show de sapateado irlandês *River Dance*, estrelado pelo bailarino Michael Flatley. Ele é americano, de Chicago, mas aprendeu o sapateado irlandês,

que também era dançado por sua avó, e se tornou o melhor bailarino dessa modalidade. No show *River Dance*, de 1994, Michael Flatley faz uma performance com a grande bailaora de flamenco María Pagés, cada um no seu estilo, com uma música que se chama *Fire Dance*. O compositor musical do espetáculo é Bill Whelan e o intérprete dessa música é o guitarrista flamenco Rafael Riqueni. Esse show faz sucesso no mundo todo até hoje, apesar de ser pouco conhecido no Brasil. O básico do espetáculo é sapateado irlandês, mas tem uma harmoniosa mistura com dança flamenca e com dança russa, que também tem origens ciganas.

Indo para Cuba, pode-se encontrar os precursores da rumba flamenca, a mistura mais perfeita entre flamenco e música latina, e seus mais notáveis representantes, a banda *Buena Vista Social Club*. O conjunto tem esse nome por causa do local onde os músicos se encontravam e tocavam na década de 40, em um clube de dança e atividades musicais de Havana de mesmo nome, em Cuba. Dentre os fundadores do grupo estão Manuel “Puntillita” Licea, Compay Segundo, Rubén González, Ibrahim Ferrer, Pío Leyva, Anga Díaz.

Ao longo dos anos, novos membros incorporam o grupo. Em 1996, o músico Ry Cooder reuniu alguns dos maiores nomes da história da música cubana para gravar o álbum *Buena Vista Social Club*, premiado com o *Grammy*. Depois de dois anos, voltou a Havana com o cineasta Wim Wenders e uma pequena equipe para registrar a *performance* dos músicos num estúdio, além de gravar entrevistas que contavam suas trajetórias.

A filmagem continuou em Amsterdã, onde o *Buena Vista Social Club* fez duas apresentações, e terminou em Nova York, num concerto triunfante no *Carnegie Hall*. O filme *Buena Vista Social Club* foi aclamado pela crítica, sendo indicado ao Oscar na categoria Melhor Documentário. Ganhou o prêmio de Melhor Do-

cumentário no *European Film Awards*. Uma bela música que esses gigantes compuseram chama-se *Chan Chan*.

Outra fusão alegre e divertida de rumba flamenca e salsa cubana tem a assinatura de duas grandes cantoras desses estilos, Lola Flores e Celia Cruz. Celia nasceu em Havana, Cuba, em 1925, mas saiu do país em 1959 devido ao regime de Fidel Castro e nunca mais regressou. Morou no México e depois se mudou para Nova York, onde viveu até sua morte, em 2003. Foi a maior interprete cubana, tendo recebido o título de rainha da Salsa. Lola, sua parceira nessa música, nasceu em 1923, em Jerez de la Frontera, e foi atriz, bailarina e cantora de flamenco. Faleceu aos 72 anos de câncer de mama, em 1995. Quatorze dias após sua morte, seu filho Antonio, de 34 anos, foi encontrado morto em seu apartamento, supostamente por overdose.

Nos anos 80 elas gravaram juntas um programa de televisão com o tema salsa e cantaram essa alegríssima canção, que se chama *Burundanga*.

Ainda em Cuba foi concretizada uma fusão musical magnífica de um cantor flamenco com um pianista cubano, tocando jazz ao piano, com uma pitada de tango argentino. O cantor é Diego El Cigala e o pianista é Bebo Valdez. A música se chama *Corazón Loco*, do álbum *Lágrimas Negras*, de 2003.

A letra fala do amor por duas mulheres. Ele pergunta a seu coração como é possível que se ame tão tranquilamente duas mulheres de uma só vez. E seu coração responde que uma é o amor sagrado, companheira de vida, esposa e mãe. A outra é o amor proibido, complemento da alma. Outra belíssima canção dessa curiosa dupla é *Seremos los mismos*. Bebo Valdez, na época da gravação, em 2003, tinha 85 anos. Ele faleceu em 2013.

Continuando pelo flamenco-jazz, há um projeto riquíssimo de Paco de Lucía, guitarrista flamenco, Al di Meola, guitar-

rista americano, e John McLaughlin, guitarrista de jazz britânico. Paco de Lucía será apresentado no capítulo seguinte, em um item à parte. Al di Meola nasceu nos Estados Unidos, em New Jersey, em 1954. Dedicou-se à exploração de uma grande variedade de estilos, notando-se, sobretudo, os seus trabalhos de fusão influenciados pela música latina. Por quatro vezes foi considerado o melhor guitarrista pela revista *Guitar Player Magazine*. John McLaughlin nasceu na Inglaterra, em Yorkshire, em 1942. Tornou-se conhecido como integrante do grupo de Miles Davis nos fins dos anos 60. Também tocou com Carlos Santana e John Coltrane.

Em 1981, em São Francisco, nos EUA, os três guitarristas gravaram o CD *Friday Night in San Francisco*. Desse álbum, foram mostradas no programa Arte Flamenca as músicas *Spanish Rumba* e *Pink Panther Theme*, uma versão do tema da Pantera Cor-de-rosa, do filme de 1963, estrelado por Peter Sellers, que nos anos 80 ganhou um divertido desenho animado. Os três gênios da guitarra ainda gravaram juntos em 1983 e em 1996. Aliás, foi o contato com o jazz, principalmente de Paco de Lucía, que fez com que o flamenco se modernizasse e se espalhasse pelo mundo, chegando com força também ao Brasil.

Mas observa-se que o contrário também proporciona uma mistura interessante, ou seja, um jazz, com todas as características e instrumentos de jazz, cantado pelo Antonio Carmona, vocalista do grupo flamenco *Ketama*. Os irmãos Carmona, que compunham o grupo *Ketama*, são filhos de Juan Habichuela, que é um excelente guitarrista flamenco. E todos tiveram muita influência do jazz de Ronnie Scotts para compor um novo ritmo musical.

Ronnie Scott foi um saxofonista de jazz inglês, nascido em 1927, em Londres. Em 1959 fundou o *Ronnie Scott's Jazz Club*, em Londres. Também gravou com os Beatles um solo para a música

Lady Madonna. Mas Ronnie sofria períodos de depressão e, em 1996, aos 69 anos, quando se recuperava de um implante dentário, Ronnie morreu por uma overdose accidental de barbitúricos prescrita por seu dentista.

Pouco antes de sua morte, em 1993, com muita criatividade, o grupo *Ketama* juntou o flamenco e o jazz, personificados por Juan Habichuela e Ronnie Scott. A letra da música fala sobre “dois instrumentos unidos, a guitarra e o saxofone, num encontro musical, uma mescla de sons diferentes, mas iguais, uma fábula inventada, um romance sem final”. O resultado é a música *Habichuela em Ronnie Scotts*, que está no álbum *El Arte de lo Invisible*, de 1993, do grupo *Ketama*.

Do jazz vamos à música clássica. Em 2002, o guitarrista e cantor Gustavo Montesano, juntamente com o maestro Carlos Gomez e a Royal Philharmonic Orchestra, arranjou e gravou o CD *Flamenco Fantasy*, com releituras flamencas de alguns clássicos da música. O arranjo da *Primavera*, de *As Quatro Estações*, de Vivaldi, foi feito em ritmo de tango flamenco e resultou na belíssima *Primavera Tango*.

Outra preciosidade é *Flamenco Bolero*, que possui elementos flamencos, como palmas, guitarra flamenca, percussão com *cajón* e canto flamenco, em cima da base do *Bolero*, de Ravel, que tem um aumento crescente do ritmo. A música de Beethoven, *Pour Elise*, foi base para a inspiração de *Fandango para Elisa*, em ritmo de *Fandango*, que é um ritmo flamenco alegre, com uma marcação característica. Neste CD também se encontra *Tango Serenata*, uma rica versão flamenca da *Serenata*, de Schubert.

Falando em música clássica, um ritmo espanhol tradicional é o *pasodoble*, executado por orquestras. O *pasodoble* surgiu na Espanha no século XVI, principalmente para desfiles militares e

aberturas de touradas. Na década de 1920, a dança tornou-se popular nos bailes madrilenhos. Entretanto, há uma musicista francesa, Yvette Horner, que ficou famosa ao executar *pasodobles* no acordeón. A versão de *España Cañi* com Yvette tornou-se célebre.

Mais modernamente, encontramos fusões de flamenco com reggae, rock-pop e música eletrônica.

O conjunto *Canteca de Macao*, um divertido grupo espanhol, fundado em 2003, em Madrid, mistura flamenco com reggae e ska. Foi formado originalmente pela cantora Ana Saboya (Anita) e o guitarrista Isidoro Lora-Tamayo (Chiki). Já teve vários integrantes, entre percussionistas, flautistas, saxofonistas e pianistas. Em 2014, lançaram o CD *Una Década*, em comemoração aos seus dez anos de estrada. Mas, após sucesso mundial, catorze anos de carreira e seis álbuns, o grupo se despediu dos fãs em 2017, pois Anita e Chiki iniciaram carreiras solo. A sugestão de música deles é a experimental *Bellas*.

Outro grupo, *Estopa*, tem uma rumba flamenca bem moderna, com piano, bateria, guitarra elétrica, baixo elétrico e um cantor muito divertido, com uma voz diferente. É um grupo formado pelos irmãos David e José Manuel Muñoz, em Barcelona, em 1999, com o lançamento de seu primeiro disco, *Estopa*. O último álbum, *Rumba a lo desconocido*, foi lançado em 2015. A dupla tem muito sucesso na Espanha e já ganhou vários prêmios. Esse grupo é originário de Barcelona, da região norte da Cataluña.

Antigamente, a população do norte discriminava muito os sulistas, berço do flamenco, por serem ciganos. Hoje, essa visão já está modificada e é admirável que esse grupo divida o palco com a *cantaora* flamenca Niña Pastori e faça uma rumba ao estilo catalão, com uma mistura de pop-rock. A música a que me refiro chama-se *Tu perfume es el veneno*.

Um bom exemplo de música flamenca com música eletrônica é *Lamento Gitano*, com interpretação do violão de Zezo Ribeiro e programação eletrônica e mixagem de Edson X, ambos brasileiros. O CD que traz essa música é *Noches de España*, de 1999.

Como última sugestão de misturas flamencas, gostaria de recomendar *Puchero Light*, do grupo *Ketama*. O *puchero* é um prato da culinária espanhola feito com grão-de-bico, carne bovina, paio, toucinho, linguiça calabresa, cenoura e tomate. O grupo *Ketama* usou esse nome na música porque a letra fala de várias influências para o flamenco.

O ritmo dessa música é *sevillana*, dividida em quatro coplas. Cada copla tem elementos musicais referentes à letra. Na primeira copla eles cantam em homenagem a Cuba, de onde veio a rumba flamenca. Depois eles saúdam o Brasil, com nossa bossa nova, que tem características semelhantes ao flamenco. Em seguida, na terceira copla, eles tocam em ritmo de jazz e blues, que também são parceiros do flamenco. E por, último, eles cantam sobre a alegria de serem ciganos e a música toma ares de flamenco puro. Para o *Ketama*, essa é a receita de *Puchero Light*.

PLAYLIST MISTURAS MUSICAIS:

1. *Flamenco Oriental* (Dalida e Sebastian Albadonato, 1998)
2. *Fiesta Mora* (Alabina e Los Niños de Sara, 1996)
3. *Ya mama ya mama* (Alabina e Los Niños de Sara, 1996)
4. *Más allá de la leyenda* (Roberto Angerosa, 1997)
5. *Lel* (Wafir, 2002)
6. *Fire Dance* (Bill Whelan e Rafael Riqueni, 1994)
7. *Chan Chan* (Buena Vista Social Club, 1997)
8. *Burundanga* (Lola Flores e Celia Cruz, 1990)
9. *Corazón Loco* (Diego El Cigala e Bebo Valdez, 2003)

10. *Seremos los mismos* (Diego El Cigala e Bebo Valdez, 2003)
11. *Spanish Rumba* (Paco de Lucía, Al di Meola e John McLaughlin, 1981)
12. *Pink Panther Theme* (Paco de Lucía, Al di Meola e John McLaughlin, 1981)
13. *Habichuela em Ronnie Scotts* (Ketama, 1993)
14. *Primavera Tango* (Gustavo Montesano e Royal Philharmonic Orchestra, 2002)
15. *Flamenco Bolero* (Gustavo Montesano e Royal Philharmonic Orchestra, 2002)
16. *Fandango para Elisa* (Gustavo Montesano e Royal Philharmonic Orchestra, 2002)
17. *Tango Serenata* (Gustavo Montesano e Royal Philharmonic Orchestra, 2002)
18. *España Cañi* (Yvette Horner, 1975)
19. *Bellas* (Canteca de Macao, 2014)
20. *Tu perfume es el veneno* (Estopa e Niña Pastori, 1999)
21. *Lamento Gitano* (Zezo Ribeiro e Edson X, 1999)
22. *Puchero Light* (Ketama, 1990)

2. Personificando o Flamenco

Esse capítulo pretende apresentar alguns artistas flamencos que são conhecidos fora da Espanha por sua influência musical ou artística em palcos de todo o mundo. Evidentemente, não são citados todos os artistas flamencos, pois isso seria obra para um flamencólogo com vários anos de pesquisa. Tampouco será mostrada toda a biografia ou discografia do artista citado, mas apenas uma breve introdução com fatos relevantes e que agucem a curiosidade do leitor.

Também não foi adotada subdivisão em categorias dos artistas, pois vários têm múltiplos talentos. Os seis primeiros artistas desse capítulo tiveram um programa de rádio especial, dedicado a eles. Não houve uma razão especial, foi por gosto pessoal. É o caso de Paco de Lucía, Sara Baras, Joaquín Cortés, Farruquito, Vicente Amigo e Carlos Saura.

Os demais artistas apareceram em programas sem uma temática específica e tiveram poucas, ou nenhuma música divulgada. Isso pode parecer um sacrilégio, considerando o nível de excelência dos artistas aqui relacionados, mas não se pode confundir quantidade com qualidade. A autora encerra o mesmo respeito e admiração por todos os artistas flamencos.

Durante o período do programa Arte Flamenca também foram homenageados artistas de *world music*, como africanos, alemães, árabes, indianos, turcos, irlandeses, italianos, latinos e brasileiros. Como esse livro trata da cultura flamenca, esses artistas não tiveram suas biografias incluídas neste capítulo, mas como fizeram história no programa, registra-se o reconhecimento a esses grandes guerreiros:

Adriah Esteves	Hugo Blanco	Philipp Kirkorov
Alabina	Índios Aka-wi	Pólo Montañes
Albert Buss	Javier Limón	Presuntos Implicados
Alejandro Fernandez	Jon Secada	Radio Tarifa
Alejandro Sanz	Jorge Drexler	Rafael Riqueni
Ana Gabriel	Jose Luis Peralta	Rainhard Fendrich,
Bebo Valde	Jose Maria Parra	Ricky Martin
Beto Cuevas	Juan Gabriel	Righeira
Buena Vista Social Club	Juan Luis Guerra	Sadhana Sargam
Caetano Velozo	Juanes	Sameer
Carlos Baute	Julieta Venegas	Selena Leo
Carlos Nuñez	King África	Shakira
Carlos Santana	Kunal Ganjawala	Shankar Mahadevan
Célia Cruz	La India	Shreya Ghoshal
Celito Espíndola	Laura Pausini	Sonu Nigam
Celtic Women	Los Hermanos Rosário	Thalia
Chloe Lowery	Los Lobos	The Young Dubliners
Cuecas Chilenas	Los Mariachis	Totó la Momposina
Curro Velez	Loy Menfonsa	Varadero
Dalida y Sebastian	Luis Enrique	Victor Manuelle
Daniel Robles	Maná	Wafir
Dissidenten	Marc Anthony	Yasmin Levi
Don Omar	Maria Jimenez	
Duo Camino Real	Maria Rita	
Ehsaan Noorani	Mariachis Vargas	
El Cata	Maryem Tollar	
Elvis Crespo	Michael Buble	
Emad Sayayh	Michael Flatley	
Ender Thomas	Orquesta River Dance	
Enrique Iglesias	Michel Batista	
Enya	Michele El Buenon	
Eros Ramazotti	Miguel Bosé	
Fito Paez	Natalia Jimenes	
Flávio Rodrigues	Oscar de Leon	
Genera Cortes	Paulina Rubio	
Harry Belafonte	Pedro Capo	

2.1. Paco de Lucía

Paco de Lucía nasceu em Algeciras em 21 de dezembro de 1947, com o nome de Francisco Sánchez Gomes. Ele era o mais novo de cinco irmãos, filhos do também guitarrista de flamenco Antonio Sánchez.

Em Algecira, e de uma forma geral na maior parte da Andalúcia, é costume os rapazes adotarem o nome da mãe como forma de serem corretamente identificados, por exemplo: “Paco de (la) Carmen,” ou “Paco de (la) María”. Deste modo, o seu nome artístico foi adotado em honra a sua mãe, de origem portuguesa, Lucía Gomes.

Foi com seu pai e seu irmão Ramón que aprendeu a tocar guitarra. Em 1958, com apenas onze anos de idade, fez a sua primeira aparição pública na *Rádio Algeciras*, e no ano seguinte recebeu um prêmio especial numa competição de flamenco em *Jerez de la Frontera*, acompanhado pelo seu irmão Pepe em um duo que se chamava *Los chiquitos de Algeciras*.

Como consequência desse êxito, entrou para a trupe de José Greco em 1961. Entre 1968 e 1977 participou de uma frutuosíssima colaboração com o cantor *Camarón de la Isla*, outro músico inovador do novo flamenco. Juntos gravaram nove álbuns.

Fundou, em 1981, o grupo *Sextet*, com seus irmãos Ramón de Algeciras (segundo violão) e Pepe de Lucía (vocais e palmas), além de Jorge Pardo (saxofone e flauta), Rubén Dantas (percussão) e Carles Benavent (baixo), o que lhe permitiu criar o conceito atual de grupo de flamenco.

Também participou como ele mesmo no filme *Carmen*, em 1983, de Carlos Saura, em que é o músico que toca nas apresentações no palco do filme. Em 1995, gravou com Saura o documentário *Flamenco* e, em 2011, repetiu a atuação em *Flamenco Flamenco*.

Em 1991, gravou *Concierto de Aranjuez*, de Joaquín Rodrigo, com a Orquestra de Cadaques. O autor, presente nas gravações, teria dito que nunca ninguém havia tocado sua peça com tanta paixão e intensidade como Paco de Lucía.

Colaborou no disco *Potro de Rabia y Miel*, de seu grande amigo Camarón, e a morte deste, em 1992, o fez cancelar suas apresentações por todo o mundo durante quase um ano. Pensou em se aposentar, mas retornou aos palcos com uma nova turnê, na qual fez quarenta apresentações nos EUA e gravou *Live in America*.

Em 2004, Paco de Lucía recebeu o Prêmio Príncipe das Astúrias, como “um músico que transcendeu fronteiras e estilos”. Esse prêmio pertence a uma série de prêmios anuais atribuídos pela *Fundación Príncipe de Asturias*, na Espanha, a indivíduos ou instituições de todo o mundo que tenham produzido contribuições notáveis nas áreas de artes, esportes, ciências sociais, comunicação e humanidades, por exemplo.

Paco de Lucía conseguiu com maestria fazer misturar a música flamenca com a música clássica espanhola, a bossa nova, o tango, o country, a salsa, a música árabe, o jazz e blues. Ele se declarava fã de Manuel de Falla, Isaac Albéniz, Tom Jobim, Astor Piazzolla, John McLaughlin e Al Di Meola.

Paco era um homem formidável, uma mente brilhante. Em uma entrevista em 2009, ele disse à repórter: “O dia que eu vir que faço algo que não surpreenda, não haverá sentido continuar”.

Em outra entrevista ele revelou que gostaria de ter sido cantor e que desistiu depois de ter ouvido o *cantaor* Camarón. Em vez de cantar, ele fez uma parceria com Camarón, uma das mais belas do flamenco, por quase vinte anos.

Infelizmente, após cinquenta e cinco anos de carreira, Paco morreu dia 26 de fevereiro de 2014, em Cancún, no México,

aos 66 anos de idade. O músico sofreu um infarto enquanto brincava com seus filhos na praia.

A última vez que ele esteve no Brasil foi em 2013, para uma turnê pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Em sua longa carreira, Paco criou obras primas musicais. Como o programa Arte Flamenca foi abrilhantado várias vezes por esse grande artista, foram reproduzidas quatorze músicas dele, mas toda sua discografia merece atenção. Algumas de suas composições serão apresentadas a seguir.

Aos vinte anos, Paco lançou o LP *La Fabulosa Guitarra de Paco de Lucía*, em 1967. Neste álbum, ele fez uma homenagem a uma cidade turística que fica no mar Mediterrâneo, no sul da Espanha, *Punta Umbría*. Esse nome vem de sua forma geográfica, pois fica numa ponta de areia que avança sobre o mar. A cidade, que é milenar e contava com apenas quinze mil habitantes em 2016, tem 13 km de praias com águas cristalinas e límpidas e uma grande faixa de areia em sua extremidade.

A música *Cepa Andaluza*, do álbum *Fuente e Caudal*, de 1973, é uma *bulería* muito envolvente. Deste mesmo álbum, a rumba *Entre dos aguas* é sucesso até hoje. Como já vimos no capítulo anterior, ela faz parte da trilha sonora do filme *Vicky Cristina Barcelona*, de 2008.

Em 1976, Paco lançou o álbum *Almoráima*. Desse disco, a música mais impressionante é, sem dúvida, a que dá nome ao álbum. A música *Almoráima* é a alma do flamenco. Do mesmo LP, a *bulería* *Rio Ancho* e a *sevillana* *Cobre* também foram muito divulgadas.

Mais tarde, em 5 de dezembro de 1980, Paco de Lucía tocou *Rio Ancho* com Al di Meola e John MacLaughlin em São Francisco, e essa versão ficou mais conhecida do que a original. Desse encontro nasceu o álbum *Friday Night in San Francisco*. Como obras

desse show são destaques também as belíssimas músicas *Mediterranean Sundance* e *Fantasia Suite for Two Guitars*.

Outra música que marcou a carreira de Paco é do álbum que leva o mesmo nome da música: *Sólo quiero caminar*, de 1981, com o grupo *Sextet*. Essa música tem participação do irmão do Paco, o Pepe de Lucia, que é *cantaor*. É uma música flamenca bem moderna, com baixo elétrico e flauta transversal. A letra, que é bem curtinha, diz: “eu só quero caminhar como corre a chuva de cristal, como corre o rio até o mar”.

Desse mesmo álbum, uma *bulería* chama a atenção: *Alcázar de Sevilla*. Nessa música a flauta transversal a deixa com um ar suave, mas ao mesmo tempo a guitarra flamenca não perdoa e, de vez, em quando se “irrita”, pedindo que a música fique mais tensa. O *cantaor* também é o Pepe de Lucia, como na música anterior, e mais para o fim da música tem um sapateado executado por Manolo Soler, que até então estava fazendo a percussão da música com *cajón*.

Em 1987, Paco compôs uma música para sua esposa Casilda Varela, com quem se casou em 1977. A homenagem também serviu para sua primeira filha, que leva o nome da mãe e nasceu em 1978. Paco ainda tem outros dois filhos: Lucía, que leva o nome da mãe de Paco, nasceu em 1979; e, em, 1983, nasceu seu caçula, Curro. A música *Casilda* está no álbum *Siroco*, onde também encontramos a maravilhosa *alegría La Barrosa*.

La Barrosa é uma lindíssima praia de areia fina e branca, que se estende ao longo de 8 km de costa, no sul da Espanha. É uma das praias mais apreciadas da *Andalucía*. Nesta praia ficam luxuosos hotéis e resorts, onde os artistas normalmente passam suas férias, como Paco de Lucia, por exemplo.

Uma última sugestão de música de Paco de Lucía é a divertida rumba *Buana Buana King Kong*, com o grupo *Sextet*, do ál-

bum *Live in America*, de 1993. Esse show foi realizado em Nova York e apresentado também em Boston e Oakland.

PLAYLIST PACO DE LUCÍA:

1. *Punta Umbría* (1967)
2. *Cepa Andaluza* (1973)
3. *Entre dos águas* (1973)
4. *Almoraíma* (1976)
5. *Rio Ancho* (1976)
6. *Cobre* (1976)
7. *Rio Ancho* (com Al di Meola e John MacLaughlin, 1980)
8. *Mediterranean Sundance* (com Al di Meola e John MacLaughlin, 1980)
9. *Fantasia Suite for Two Guitars* (com Al di Meola e John MacLaughlin, 1980)
10. *Sólo quiero caminar* (com Sextet, 1981)
11. *Alcázar de Sevilla* (com Sextet, 1981)
12. *Casilda* (1987)
13. *La Barrosa* (1987)
14. *Buana Buana King Kong* (com Sextet, 1993)

2.2. Sara Baras

Sara Pereyra Baras nasceu em San Fernando, província de Cádiz, sul da Espanha, no dia 25 de abril de 1971.

Há mais de trinta anos, ela iniciou sua carreira tendo aulas de dança com sua mãe, Concha Baras. Sara também estudou com grandes *maestros* do baile flamenco, dentre os quais destacaram Ciro, Manolete, El Güito e Dania González.

Em 1998, ela fundou sua própria companhia, *Flamenco Ballet Sara Baras*.

Até hoje, Sara apresentou treze shows, todos eles coreografados por ela e vários com sua direção:

- *Sensaciones*, dirigido por Sara Baras (1998);
- *Cádiz -La Isla*, dirigido por Sara Baras (1998);
- *Sueños*, dirigido por Sara Baras (1999);
- *Sueños de Sara*, dirigido por Sara Baras (1999);
- *Juana la Loca*, dirigido por Luis Olmos (2000);
- *Mariana Pineda*, dirigido por Lluís Pascual (2002);
- *Sabores*, dirigido por Sara Baras (2005);
- *Baras - Carreras*, dirigido por Sara Baras y José Carreras (2006);
- *Carmen*, dirigido por Sara Baras (2007);
- *Esencia*, dirigido por Sara Baras (2009);
- *La Pepa*, dirigido por Sara Baras (2012);
- *Medusa*, dirigido por Sara Baras (2014);
- *Voces*, dirigido por Sara Baras (2015).

Sara Baras já realizou mais de quatro mil apresentações com sua companhia nos melhores teatros do mundo. O sucesso e a aceitação de seus espetáculos lhe permitiu ficar por longas temporadas em cidades como Madrid, Barcelona, Londres e Paris.

Além dos shows autorais, ela também dividiu o palco com grandes artistas como Paco de Lucía, Chavela Vargas, Alejandro Sanz e Josep Carreras. Também participou da gravação de álbuns de artistas como Niña Pastori, Pitingo, Diego “El Cigala” e Tim Ries (saxofonista dos Rollings Stones).

Na frente das câmeras participou dos filmes *Flamenco Women*, de Mike Figgis; *Escola de Sedução*, de Javier Balaguer; *O sonho de Eleanor*, de Luís Danes; e *Iberia, Flamenco Flamenco* e *La Jota*, de

Carlos Saura. Também foi apresentadora do programa “Algo mais do que Flamenco”, pela TVE (Televisión Española).

No campo da solidariedade, ela já colaborou dançando e emprestando sua imagem em numerosas ocasiões na luta contra o câncer, em favor de crianças menos favorecidas, e para crianças com Síndrome de Down e Síndrome de Rett.

PLAYLIST SARA BARAS:

1. *Farruca*, do espetáculo *Sensaciones* (1998);
2. *Zambra*, do espetáculo *Sabores* (2005);
3. *Asturias*, do filme *Ibéria* (2005);
4. *Jumpin Jack Flash* por *Bulerías*, com Tim Ries (2008);
5. *Alegrías*, do filme *Flamenco Flamenco* (2010);
6. *Suite Flamenca*, do espetáculo *Voces* (2015).

2.3. Joaquín Cortés

Nascido em Córdoba, em 1969, no seio de uma família cigana, mudou-se para Madri, onde aos doze anos começou seus estudos em dança.

Aos catorze anos de idade, ele foi admitido como membro do *Ballet Nacional da Espanha*. Joaquín viajou com essa companhia para muitas cidades do mundo, dançando em importantes teatros como o *Metropolitan Opera House*, de Nova York, e o Palácio dos Congressos do Kremlin, de Moscou. Aos dezesseis anos ele ascendeu à categoria de solista e, durante os três anos seguintes, atuou como o primeiro dançarino.

Em 1988, quando tinha 19 anos, decidiu deixar o *Ballet Nacional Espanhol*, e, sendo aclamado pela crítica e pelo público, decidiu criar sua própria companhia, *Joaquín Cortés Ballet Flamenco*.

Em 1992, ele criou seu primeiro trabalho, *Cibayí*, e o exibiu na França, Itália, Japão, Venezuela, Estados Unidos e Rússia, onde também trabalhou no Teatro Bolshoi, em Moscou, e no Teatro Kirov, em São Petersburgo.

Seu segundo espetáculo foi estreado em 1995, *Pasión Gitana*, que incluiu o Brasil em sua turnê. Neste mesmo ano estreou no cinema com o filme *La flor de mi secreto*, dirigido pelo aclamado diretor Pedro Almodóvar, onde também criou uma coreografia com a grande dançarina Manuela Vargas, acompanhada pela música de Miles Davis. Também repetiu a experiência com outro longa-metragem, o documentário *Flamenco*, dirigido por Carlos Saura.

Em 1997, Joaquín fez um trabalho como percussionista: gravou seu primeiro CD, *Gipsy Passion Band*. Com esse álbum, Joaquín foi o segundo artista espanhol na história em vendas (depois do espanhol Julio Iglesias). Com esse CD, ele iniciou seu trabalho solidário, apresentando-se com Luciano Pavarotti para doação a instituições de caridade.

Em 1999, mudou-se para Nova York e criou a Fundação *Gitana Joaquín Cortés*, na Espanha, para a divulgação, disseminação, promoção e desenvolvimento de cultura e arte cigana. Neste mesmo ano, estreou seu terceiro espetáculo, *Alma*.

Como Joaquín gostou da experiência na frente das câmeras, em 2000 participou como protagonista do filme *Gypsy*, escrito por Arturo Pérez Reverte.

No ano seguinte, ele apresentou seu novo trabalho, *Live*. Foi neste ano que ele participou do show de Jennifer Lopez e, em 2003, filmou o longa-metragem *Vaniglia e Cioccolato*, do diretor italiano Ciro Ippolito.

Seu quinto espetáculo, *De Amor y Odio*, estreou em 2004, tendo sido, além de coreógrafo, o diretor e produtor. No ano seguinte começou a divulgar seu sexto espetáculo, *Mi Soledad*.

Em 2009, estreou seu sétimo trabalho, *Calé (Gypsy)*, uma fusão dos melhores momentos de todas as suas criações anteriores, dedicada a sua mãe. Seu último espetáculo, *Gitano*, teve grande repercussão e é apresentado até hoje.

Durante sua carreira como artista, foi escolhido como imagem de várias empresas, como a *Telecome Italia Mobile (TIM)*, roupas esportivas *Freddy*, *Chopard*, *IWC*, *La Veuve Clicquot*, *Samsonite* e *Carpisa*. Também criou sua própria marca de perfumes masculinos e femininos: *Yekipe*, *24K*, *Night Show*. Já foi jurado de *reality shows* de dança e virou um personagem da saga “*Metal Gear Solid*”, *Vamp*, pelo diretor de videogames *Hideo Kojima*.

Fora dos palcos, Joaquín sempre manteve a prática da caridade, por exemplo, para a construção de um hospital para crianças no Haiti, na proteção contra discriminação dos ciganos, para a integração dos povos subjulgados na Grécia, e foi nomeado “*Embaixador para a Mudança Climática*” pelo vice-presidente dos EUA, *Al Gore*.

Joaquín Cortés, com seu estilo próprio que ele intitula de *flamenco fusion*, mudou a história do flamenco e da dança espanhola. Ele até obteve o reconhecimento da UNESCO, que declarou seu legado artístico como “*Patrimônio Universal da Humanidade*” (mesmo anos antes de essa nomeação ser concedida à arte flamenca em si).

PLAYLIST JOAQUÍN CORTÉS:

1. *Farruca*, do filme *Flamenco* (1995);
2. *Dejame dolares*, do álbum *Gipsy Passion Band* (1997);
3. *Gitanos de Europa*, do álbum *Gipsy Passion Band* (1997);

4. *Bulerías*, do espetáculo *Alma* (1999);
5. *Alegrías*, do espetáculo *Calé!* (2009);
6. *Ain't it funny*, Jennifer Lopez e Joaquín Cortés (2001).

2.4. Farruquito

Juan Manuel Fernández Montoya, mais conhecido como Farruquito, nasceu em Sevilla, em 15 de agosto de 1982. Ele é o filho mais velho do *cantaor* Juan Fernández Flores “El Moreno” e da bailaora Rosario Montoya Manzano “La Farruca”. Seu avô, *El Farruco*, foi seu grande incentivador na mais pura arte do flamenco.

Ele estreou na cena internacional aos quatro anos, na *Broadway*, com o show *Puro*, compartilhando o cartaz com as figuras mais lendárias do flamenco dos anos 80, incluindo sua família. Com doze anos, dividiu a cena com seu avô no filme *Flamenco*, de Carlos Saura.

Aos quinze anos, com a morte do seu avô, Farruquito assumiu a responsabilidade de perpetuar a linhagem, liderando a academia de dança localizada em *Sevilla*, que dissemina os preceitos do estilo de *El Farruco*. Assim, ele criou seu primeiro espetáculo, *Raíces Flamencas*.

Em 2003, a Academia de Música premiou-o pela letra “Dulce canela”, do álbum *María*, de Niña Pastori. No fim desse ano, estreou o espetáculo *Alma Vieja*.

Em 2008, estreou *Puro*, com catorze músicos no palco. Em 2010, criou o espetáculo *Sonerías* e, em 2011, o espetáculo *Baile Flamenco*, com figurinos de Louis Vuitton e Berlutti. Em *Abolengo*, de 2012, Farruquito convidou Karime Amaya, sobrinha da famosa bailarina Carmen Amaya, para compartilhar o palco. Esse show

combinou o perfeccionismo e a espontaneidade, com acompanhamento de voz, violão, violino e percussão.

Nos últimos anos, Farruquito tem levado as raízes do flamenco ao mais alto nível de qualidade, com muito sucesso em seus shows: *Improvisao* (2013), *Pinacendá* (2014), *Baile Moreno* (2016) e *Tres Flamencos* (2016).

No Brasil, Farruquito divulgou seu trabalho em 2013 e em 2014.

PLAYLIST FARRUQUITO:

1. *Soleá por Bulerías*, do filme *Flamenco* (1995)
2. *Dulce canela*, do álbum *María*, de Niña Pastori (2003)
3. *Alegrías*, do espetáculo *Alma Vieja* (2003)
4. *Bulerías*, do espetáculo *Abolengo* (2012)
5. *Tangos*, do espetáculo *Improvisao* (2013)
6. *Bulerías com pandero*, do espetáculo *Tres Flamencos* (2016)

2.5. Vicente Amigo

Vicente Amigo Girol nasceu em 25 de março de 1967, em Guadalcanal, um pequeno distrito de *Sevilla*, mas cresceu e vive em *Córdoba*, também na *Andalucía*.

Ele começou a estudar guitarra quando tinha oito anos e, aos quinze, tornou-se um aprendiz do grande *maestro* Manolo Sanlúcar. Tocou muito tempo com Sanlúcar e participou do álbum *Tauromagia* (1988), considerado pelos estudiosos do flamenco como um dos melhores de todos os tempos.

Amigo tocou para vários *cantaores* flamencos famosos, como Camarón de la Isla, Enrique Morente, Estrella Morente, Carmen Linares e Diego El Cigala. Também acompanhou artistas

pop, como Sting, Alejandro Sanz, e os brasileiros Milton Nascimento e Eliane Elias.

Atuou com grandes guitarristas, como John McLaughlin e Al Di Meola. E também procurou expandir-se como artista, envolvendo-se como intérprete, compositor e produtor em obras de cantores de flamenco como Remedios Amaya (*Me Voy Contigo*) e José Mercé (*Del Amanecer*).

Sobre seu trabalho com Paco de Lucía, que, aliás, era também seu compadre, Vicente diz que “ao longo do tempo fomos muito bons amigos, compartilhamos muito. Para todos os flamencos, Paco tem sido o maior. Ele abriu o caminho e fez tanto pela guitarra flamenca que estamos todos em dívida com ele”. Em uma entrevista, Vicente confessou que a admiração por Paco era de longa data: “Comecei a tocar guitarra porque quando eu tinha três anos vi Paco de Lucía na TV e aquilo ficou comigo”.

Considerado por muitos como um dos grandes guitarristas de sua geração, Vicente ganhou vários prêmios importantes de guitarra flamenca.

Embora claramente enraizado no flamenco, Vicente explorou fusões musicais e outras expressões artísticas desde o início da carreira. Em 1997, o álbum *Poeta* explorou o clássico. Em *Cuidad de las Ideias* (2000) e *Paseo de Gracia* (2009), trabalhou o pop latino e o pop rock.

Tierra (2013), seu sétimo lançamento, é uma coleção de faixas compostas por Vicente e organizadas por ele e Guy Fletcher, tecladista de Dire Straits, que também produziu o álbum. *Tierra* foi gravado com membros da banda do guitarrista Mark Knopfler (ex-líder de Dire Straits) e do grupo de música popular escocês Capercaillie.

Seus álbuns flamencos são:

- *De mi corazón al aire* (1991)
- *Vivencias imaginadas* (1995)
- *Concierto desde Córdoba* (2004)
- *Un momento en el sonido* (2005)
- *Vivencias la obra de un genio* (2010)
- *Memoria de los sentidos* (2017)

Em seu último trabalho, Vicente reúne um elenco líder de artistas de flamenco de primeira ordem, como Potito, El Pele, Niña Pastori, Miguel Poveda, Pedro “El Granaino” e Farruquito, que grava um preciso sapateado.

PLAYLIST VICENTE AMIGO:

1. *Tres notas para decir te quiero*, do álbum *Ciudad de las Ideas* (2000)
2. *Bolero a Marcos*, do álbum *Un momento en el sonido* (2005)
3. *Tangos del Arco Bajo*, do álbum *Un momento en el sonido* (2005)
4. *Demipati*, do álbum *Un momento en el sonido* (2005)
5. *Paseo de gracia*, do álbum *Paseo de Gracia* (2009)
6. *La estrella*, do álbum *Paseo de Gracia* (2009)

2.6. Carlos Saura

Diretor e roteirista espanhol, Carlos Saura Atarés nasceu em 4 de janeiro de 1932, em Huesca, no seio de uma família de artistas. Sua mãe era pianista e seu irmão, pintor expressionista, o que o influenciou em sua carreira. Sua paixão pelo cinema surgiu cedo e ele começou a fotografar ainda adolescente.

Em 1950, fez seu primeiro filme caseiro, com uma câmera de 16 mm, e mudou-se para Madrid para estudar engenharia industrial. Entretanto, desistiu dos estudos e matriculou-se no Instituto de Investigação e Estudo Cinematográfico.

O primeiro curta-metragem, *El Pequeño Río Manzanares*, foi filmado em 1956, e o primeiro longa-metragem, *Los Golfos*, em 1959.

Geraldine Chaplin, filha de Charles Chaplin, foi a musa de Carlos Saura. Tornou-se sua esposa e protagonizou nove de seus filmes.

Sua obra é extensa, sendo os filmes premiados:

- *La caza* (1966);
- *Peppermint frappé* (1967);
- *La prima Angélica* (1974);
- *Cria cuervos* (1976);
- *Elisa, vida mía* (1977);
- *Los ojos vendados* (1978);
- *Mamá cumple cien años* (1979);
- *Deprisa, deprisa* (1980);
- *Carmen* (1983);
- *¡Ay, Carmela!* (1990);
- *Tango* (1998);
- *Goya en Burdeos* (1999);
- *Salomé* (2003);
- *Ibéria* (2005);
- *Fados* (2007).

Saura sempre buscou um ponto de fusão entre o cinema e outras artes, como música, teatro, dança e pintura. Seus filmes musicais introduziram o flamenco, o tango e o fado nas grandes telas de uma maneira única.

Sua primeira trilogia dedicada ao flamenco alcançou grande sucesso: *Bodas de Sangre* (1981); *Carmen* (1983) e o drama *El Amor Brujo* (1986).

Depois, em 1991, Saura filmou o documentário *Sevillanas* e, em 1995, lançou o filme intitulado *Flamenco*, onde apresentou vários artistas da época.

Em 2002, Carlos Saura dirigiu o filme *Salomé*, que mostra como uma companhia de dança de flamenca monta um espetáculo.

Inspirado pelo compositor espanhol Isaac Albéniz, em 2005, Carlos filmou *Ibéria*, que reúne vários estilos de dança com a arte flamenca, personificada por artistas de renome da dança, canto e música.

Para comemorar quinze anos de lançamento do filme *Flamenco*, em 2011, Carlos Saura voltou a abordar o mesmo tema com *Flamenco Flamenco*, onde é mostrada a evolução que essa arte havia sofrido ao longo do tempo. O filme mostra os guitarristas Paco de Lucía, Manolo Sanlúcar e Tomatito; os cantores José Mercé, Estrella Morente, Niña Pastori, Miguel Poveda e Arcanjo; e os *bailaores* Sara Baras, Eva Yerbabuena, Israel Galván, Farruquito e Rocío Molina; além de músicos, como o pianista Dorantes e Diego Amador. Seu último filme sobre dança foi *Jota*, para além do flamenco, de 2016.

No início deste ano de 2019 foi lançado seu mais recente trabalho, *33 Dias*. O filme conta a história do momento em que Pablo Picasso pintou o quadro *Guernica*.

Várias músicas dos filmes de Saura foram executadas ao longo dos sete anos de programa Arte Flamenca. Para que não houvesse repetição, foram escolhidas seis músicas de vários filmes de dança.

PLAYLIST CARLOS SAURA:

1. *Casamento gitano*, do filme *El Amor Brujo* (1986)
2. *Sevillanas Corraleras*, com Rocío Jurado do filme *Sevillanas* (1991)
3. *Alegrías*, com Manolo Sanlúcar do filme *Flamenco* (1995)
4. *Sevillanas para Carlos*, do filme *Salomé* (2002)
5. *El Albaicín*, com Sara Baras do filme *Ibéria* (2005)
6. *En el alto del cerro*, com Estrella Morente do filme *Flamenco Flamenco* (2010)

2.7. Camarón

Camarón de la Isla nasceu como José Monge Cruz, em San Fernando, sul da Espanha, em 1950.

Ele foi um dos grandes cantores que flamenco já conheceu. Foi par de seu conterrâneo, Paco de Lucía, por quase dez anos. Com Paco, Camarón gravou nove álbuns entre 1969 e 1977.

Quando Paco de Lucía começou a sua carreira solo, Camarón passou a trabalhar com o guitarrista Tomatito. O primeiro disco sem Paco de Lucía, *La leyenda del tiempo*, lançado em 1979, é considerado um marco do flamenco, aproximando-o de gêneros como o rock e o jazz. Foi também a partir desse disco que o cantor abreviou seu nome artístico para somente *Camarón*.

Com apenas quarenta e dois anos, em 1992, morreu de câncer no pulmão. Mesmo com a dor da doença cantou até seus últimos dias. Estima-se que mais de cem mil pessoas tenham comparecido no seu funeral.

PLAYLIST CAMARÓN:

1. *Barrio de Santa María*, com Paco de Lucía (1969)
2. *Como tengo voz sonora*, com El Turroneiro (1971)
3. *Gitana te quiero*, com Paco de Lucía (1981)
4. *Soy gitano*, com Vicente Amigo (1989)
5. *Bulerías*, com Tomatito (1990)
6. *La primavera*, com Paco de Lucía (1992)

2.8. Tomatito

José Fernandez Torres, o *Tomatito*, nasceu em 1958 na cidade de *Almeria*, em uma vila de pescadores, em uma família cigana com uma grande tradição musical.

Seu pai, “El Tomate”, era guitarrista amador e tocava clarinete na Banda Musical de *Almeria*. Seu avô e tios também tocavam guitarra e foi daí que *Tomatito* herdou seu gosto pela música. Sua estreia, como guitarrista de acompanhamento, foi aos dez anos de idade. Tocou em várias tabernas e *tablaos*, acompanhando seus familiares.

Quando *Tomatito* estava com quinze anos, num dia em que *Camarón* ficou sem guitarrista em um festival, alguém sugeriu chamar “o menino da *Taberna Gitana* que toca bem as coisas do *Paco*”. Esse foi o primeiro encontro de *Tomatito* com *Camarón*, em uma parceria que durou quinze anos.

Após o falecimento de *Camarón*, *Tomatito* se dedicou principalmente a tocar como solista em concertos e participou de alguns filmes. Trouxe ao mercado vários álbuns-solo com ilustres colaboradores do mundo flamenco. Dentre seus álbuns estão *Guitarra Gitana* (1997), *Spain* (2000), *Paseo de los Castaños* (2001), *Tomatito* (2002), *Aguadulce* (2004), *Spain Again* (2006), *Sonanta Suite* (2010), *Soy Flamenco* (2013) e *Spain Forever* (2016).

PLAYLIST TOMATITO:

1. *A mi niño José*, do álbum *Spain* (2000)
2. *Paseo de los castaños*, do álbum *Paseo de los castaños* (2001)
3. *Al Maryya*, do álbum *Aguadulca* (2004)
4. *La fiesta*, do álbum *Spain Again* (2006)
5. *Canción turca*, do álbum *Sonanta Suite* (2010)
6. *Soy flamenco*, do álbum *Soy Flamenco* (2013)

2.9. José Mercé

José Soto Soto, ou José Mercé, nasceu em 1955, em *Jerez de la Frontera*. Ganhou seu apelido, Mercé, porque fazia parte do coro da *Basílica de Merced* quando criança.

José Mercé ingressou na companhia de Antonio Gades e participou do filme *Bodas de Sangre e Flamenco*, de Carlos Saura. Seu álbum, *Doy la cara* (2016) é marcado por duetos com vários amigos, dentre eles Alejandro Sanz e Jorge Drexler. Em 2018, gravou com Tomatito seu último álbum, *De Verdad*.

PLAYLIST JOSÉ MERCÉ:

1. *Del amanecer*, do álbum *Del Amanecer* (1998)
2. *Espejo del rio*, do álbum *Del Amanecer* (1998)
3. *Aire*, do álbum *Aire* (2000)
4. *Vivo cielo*, do álbum *Aire* (2000)
5. *Lío*, do álbum *Lío* (2002)
6. *Entre estrellas y olivares*, do álbum *Lío* (2002)
7. *La filarmonía del barrio de Santiago*, do álbum *Lío* (2002)
8. *Pan y pico*, do álbum *Ruido* (2010)
9. *Todos seremos*, do álbum *Ruido* (2010)

2.10. Niña Pastori

Niña Rosa Garcia Garcia, mais conhecida como Niña Pastori, é da nova geração de cantores flamencos. Ela nasceu em San Fernando, em 1978. Sua mãe é a *cantaora* La Pastori e, por isso, Niña Rosa era conhecida como La niña de la Pastori, ou seja, a filha da Pastori. Com o tempo ela reduziu seu apelido para Niña Pastori.

Niña começou a cantar com oito anos e, aos doze, foi descoberta por Camarón. Gravou seu primeiro disco quando tinha dezessete anos, graças a Alejandro Sanz, que também tem família flamenca e não apenas canta, mas também toca guitarra.

Hoje, Niña Pastori é considerada uma das principais representantes do Novo Flamenco, que é uma coleção de estilos musicais que apareceram nas últimas décadas do século XX com a evolução do flamenco. O Novo Flamenco explora e mistura-se com outros estilos musicais, principalmente com o jazz, o rock e o pop, podendo-se também encontrar ritmos latinos e bossa-nova.

A discografia de Niña inclui:

- *Entre dos puertos* (1996)
- *Eres luz* (1998)
- *Cañailla* (2000)
- *Maria* (2002)
- *No hay quinto malo* (2004)
- *Joyas prestadas* (2006)
- *Joyas propias* (2007)
- *Esperando verte* (2009)
- *Capricho de mujer* (2009)
- *La orilla de mi pelo* (2011)
- *Raíz* (2014)
- *Bajo tus alas* (2018)

PLAYLIST NIÑA PASTORI:

1. *Que pena*, com Alejandro Sanz do álbum *Eres luz* (1998)
2. *Dos que se quieren*, do álbum *Eres Luz* (1998)
3. *Ya no quiero tu querer*, com José El Francés (1999)
4. *Sobre la arena*, do álbum *Cañailla* (2000)
5. *Burbujas de amor*, do álbum *Joyas prestadas* (2006)

6. *Amor de San Juan*, do álbum *Joyas propias* (2007)
7. *Capricho de mujer*, do álbum *Capricho de mujer* (2009)
8. *Esperando verte*, do álbum *Esperando verte* (2009)
9. *Estoy enamorada de ti*, do álbum *La orilla de mi pelo* (2011)

2.11. Ketama

Originalmente, o *Ketama* era formado por Jose Soto, Ray Heredia e Juan Carmona. Posteriormente, os dois primeiros deixaram o grupo e deram espaço para o irmão e o primo de Juan, José Miguel e Antonio Carmona.

Ketama, cujo nome é de um vale que fica no Marrocos, conseguia misturar as diferentes gerações de flamenco e, por isso, tinha muita popularidade na Espanha. Os vocais já são mais limpos, apesar de se perceber a influência flamenca.

Esse conjunto se equiparava aos *Gipsy Kings* dos anos 80, pois a maioria de suas composições eram rumbas. O *Ketama*, entretanto, foi um pouco mais flamenco e se arriscava por palos mais puros às vezes, com bom resultado.

Infelizmente, o grupo se desfez em 2004, mas deixou uma influência muito forte sobre o novo flamenco, principalmente com os instrumentos usados nas rumbas, como guitarra elétrica, contrabaixo, baixo, instrumentos de sopro e instrumentos latinos de percussão.

Antonio Carmona, um dos seus vocalistas, continuou com sucesso em carreira solo, com ritmos mais populares e menos flamencos.

PLAYLIST KETAMA:

1. *Y es ke me he kambiao los tempos*, do álbum *Y es que me he kambiao los tempos* (1990)
2. *Kalikeño*, do álbum *Y es que me he kambiao los tempos* (1990)
3. *Loko*, do álbum *Y es que me he kambiao los tempos* (1990)
4. *Estay quieta niña*, do álbum *Y es que me he kambiao los tempos* (1990)
5. *Pirata*, do álbum *Y es que me he kambiao los tempos* (1990)
6. *Demasiado corazón*, do álbum *El arte de lo invisible* (1993)
7. *Agustito*, do álbum *Toma Ketama!* (1999)
8. *Ari-ari-o*, do álbum *De noche*, de Antonio Carmona (2011)

2.12. Gipsy Kings

O *Gipsy Kings* iniciou sua formação pelos irmãos Reyes, que são Nicolas, Pablo, Canut, Patchai e Andre, e pelos irmãos Baliardos, que são Diego, Paco e Tonnino.

O pai dos irmãos Reyes, José Reyes, era cantor e durante muito tempo cantou com o guitarrista Manitas de Plata. Muitos artistas eram fãs da dupla, como Charlie Chaplin, Pablo Picasso, Miles Davis e Salvador Dali.

Depois que os pais dos Reyes se mudaram para a França, o grupo foi formado, em 1970, mas foi em 1987, com o *hit Bamboleo*, que eles ficaram mundialmente famosos.

Os *Gipsy Kings* fizeram várias trilhas sonoras de filmes, como *The Big Lebowski*, *Toy Story 3*, *Camping 2*, *Chicas* e o musical *Zorro*. O estilo musical característico do grupo são as *Rumbas*, em que são misturados o *blend flamenco* com música oriental e latina.

A língua principal das letras dos *Gipsy Kings* é o espanhol, mas eles cantam também em romani, um dialeto próprio dos ciganos, de origem grega, húngara, indiana e espanhola.

Atualmente, da formação original apenas permanecem Nicolas Reyes (cantor) e Tonnino Baliardo (violonista). Os demais componentes são de uma nova geração. No Brasil o grupo esteve em 2012, e em 2018 retornou para divulgar seu novo álbum, *Savor Flamenco*.

PLAYLIST GIPSY KINGS:

1. *Alegria Spanish Guitar*, do álbum *Alegria* (1989)
2. *Bem, Bem, Maria*, do álbum *Gipsy Kings* (1988)
3. *Bamboleo*, do álbum *Gipsy Kings* (1988)
4. *Soy*, do álbum *Mosaique* (1989)
5. *Canto a Brazil*, do álbum *Compas* (1997)
6. *Lolole*, com o grupo Alabina do álbum *Sahara* (1999)

2.13. Manuel De Falla

Manuel de Falla y Matheu, ou apenas Manuel de Falla, nasceu em 1876, em Cádiz. Recebeu as primeiras aulas de piano de sua mãe com nove anos e aos vinte mudou-se para *Madrid* para se aperfeiçoar. Em *Madrid*, em 1915, compôs *El Amor Brujo*, que inspirou várias releituras em palcos e no cinema.

Como compositor, aos trinta e um anos, foi convidado para morar em Paris, onde ficou por dez anos. De volta à Espanha, foi morar em *Granada*, e tornou-se grande amigo de Federico García Lorca, com quem criou um festival de canto do folclore andaluz, pelo qual era apaixonado.

Durante a Guerra Civil Espanhola, em 1936, tentou em vão impedir o assassinato de Federico e se exilou na Argentina até sua morte, em 1949, com sessenta e nove anos.

SINGLE MANUEL DE FALLA:

1. *Danza ritual de fuego*, da obra *El Amor Brujo* (1915)

2.14. Chano Lobato

Juan Miguel Ramírez Sarabia, mais conhecido como Chano Lobato, nasceu em Cádiz em 1927, e começou a cantar, ainda criança, por diversão.

Em 1953 ganhou um concurso de cante por *Alegrías*, sua especialidade. Em 1962, gravou o primeiro de seus dez álbuns. Durante sua carreira, cantou para os melhores bailarinos de flamenco da Espanha, como Carmen Amaya, Matilde Coral e Manuela Vargas.

Chano faleceu em Sevilha, em 2009. Em frente ao Centro Municipal de Arte Flamenca, de Cádiz, há uma estátua sua, em bronze.

SINGLE CHANO LOBATO:

1. *Alegría de Cádiz*, do álbum *Aromas de Cádiz* (1996)

2.15. Manuel Morao

Manuel Moreno Jiménez, que atende pelo nome artístico de Manuel Morao, nasceu em 1929, em Jerez de la Frontera, em Cádiz, em uma família cigana humilde. Muito pequeno, aos onze anos, já começou a ganhar dinheiro com seu toque flamenco.

Manuel foi o primeiro guitarrista a tocar com contratempos e a dificultar o toque da guitarra flamenca. Ele tem mais de sessenta gravações com quase todos os artistas da cena flamenca.

Em 1987, criou a empresa *Gitanos de Jerez* para descobrir novos talentos flamencos e promovê-los ao mercado artístico. Em 2016, foi homenageado como o “Filho Predileto de *Jerez de la Frontera*”. Manuel, atualmente com 90 anos, é testemunha de todas as fases da evolução do flamenco do século passado até hoje.

SINGLE MANUEL MORAO:

1. *El sentíó me lo quita*, com Sernita de Jerez (1959)

2.16. La Paquera de Jerez

Seu nome verdadeiro era Francisca Méndez Garrido. O apelido *Paquera* foi dado por uma avó e, como nasceu na cidade de *Jerez de la Frontera*, em 1934, adquiriu o nome artístico *La Paquera de Jerez*.

Em San Miguel, no bairro que nasceu, tem um monumento lindíssimo em sua homenagem: uma estátua de bronze em tamanho natural, em uma posição bem característica da *cantaora*.

La Paquera de Jerez morreu em 2004, depois de ter dedicado quase cinquenta anos para o flamenco e ter cantado com os guitarristas Paco de Lucía e Manolo Sanlúcar. Também cantou com os famosos *cantaores* Camarón e El Chocolate. Participou de filmes, como *Flamenco*, de Carlos Saura, e *Vengo*, de Tony Gatlif.

SINGLE LA PAQUERA DE JEREZ:

1. *Malena*, do álbum *Malena* (1976)

2.17. Rocío Jurado

María del Rocío Trinidad Mohedano Jurado, ou simplesmente Rocío Jurado, nasceu em 1946, em Cádiz. Sua família era humilde, o pai era sapateiro e cantor de flamenco, sua mãe era dona de casa e também gostava de cantar.

Rocío se apresentou pela primeira vez aos oito anos e participou de vários concursos em emissoras rádios. Como ganhava todos os prêmios, ficou conhecida como “*La niña de los premios*”.

Aos dezesseis anos foi para *Madrid* com sua mãe para trabalhar em um *tablaó* e teve que mentir sobre sua idade para poder ser admitida. Profissionalmente, trabalhou como atriz e cantora. Cantava músicas românticas, músicas folclóricas e flamenco.

Deixou uma vasta discografia, com mais de trinta álbuns. Seu primeiro trabalho foi lançado em 1967 e o último em 2006, ao vivo, meses antes de falecer de câncer de pâncreas, aos 61 anos.

SINGLE ROCÍO JURADO:

1. *Canción del fuego fátuo*, do filme *El Amor Brujo* (1986)

2.18. Carmen Linares

Carmen Linares, ou María del Carmen Pacheco Rodríguez, nasceu em *Linares*, na província de *Jaén*, sul da Espanha, em 1951.

Ela começou no flamenco com sua família, já que seu pai era um guitarrista amador, chamado Antonio Pacheco. Tem uma voz privilegiada para cantar flamenco e seu canto é poderoso e autêntico.

Em 1965, instalou-se em *Madrid* e estreou discograficamente em 1970, com a guitarra de Juan Habichuela. Também dividiu o palco com Camarón, Enrique Morente, os irmãos Habichuela, Perla e El Güito.

Carmen ganhou vários prêmios nacionais e internacionais por seu canto e, junto com o cantor Manolo Sanlúcar, gravou vários poemas de Federico Garcia Lorca, que se transformaram no álbum *Locura de brisa e trino*. Ela tem dez álbuns gravados e seu trabalho mais recente é de 2017, *Verso a Verso*.

SINGLE CARMEN LINARES:

1. *A mi Lucía*, do álbum *La Luna en el Río* (1991)

2.19. Javier Ruibal

Javier Ruibal é natural de *Cádiz*. Nasceu em 1955, no distrito de *El Puerto de Santa Maria*.

Sua música tem uma mistura muito interessante de jazz, rock, ritmos afrocubanos, música do norte da África, árabes e, claro, do flamenco.

Seu primeiro álbum foi gravado em 1983 e, desde então, lançou mais doze CDs, sendo que o último, *Paraísos Mejores* (2018), é uma coletânea de músicas inéditas que trazem os sonhos e a esperança como tema de suas letras.

PLAYLIST JAVIER RUIBAL:

1. *Isla Mujeres*, do álbum *Las damas primero* (2001)
2. *Pension Triana*, do álbum *Pension Triana* (2010)

2.20. Rosário Flores

Rosário Flores nasceu em 1963, em *Madrid*. É a terceira filha da grande artista Lola Flores com o guitarrista flamenco Antonio González.

Iniciou a carreira artística aos cinco anos, como atriz, mas em 1984 decidiu-se pela carreira de cantora, gravando seu primeiro disco em 1992, *De ley*. Já ganhou duas vezes o *Grammy Latino* e canta vários ritmos, como flamenco, rumba, tango, pop, bolero e bossa nova.

Em 2001, atuou no filme de Pedro Almodóvar *Hable con ella*, onde interpretou a toureira Lidia. Seus quinze álbuns refletem seu profissionalismo e talento. O último data de 2018, *Noche de gloria*.

SINGLE ROSÁRIO FLORES:

1. *La última canción*, do álbum *Contigo me voy* (2006)

2.21. Jesse Cook

Apesar do nome de origem inglesa, Jesse Cook é francês. Nasceu em Paris, em 1964, filho de pais canadenses: John Cook, fotógrafo e cineasta, e Heather Cook, diretora e produtora de TV. Quando adolescente, morou em Barcelona e se apaixonou pelo som flamenco enquanto ouvia os discos de *Manitas de Plata*.

Mas, com a separação dos pais, ele foi para o Canadá com a mãe e, anos mais tarde, o pai se mudou para a cidade francesa de Arles, onde, coincidentemente, foi morar como vizinho de Nicolas Reyes, nada menos que fundador dos *Gipsy Kings*.

A partir daí, Jesse Cook especializou-se em música flamenca, sem perder seu interesse por jazz e música clássica. Jesse tem doze álbuns gravados e seu mais recente trabalho é *Beyond Borders*, de 2017.

PLAYLIST JESSE COOK:

1. *Qadukka al mayyas*, com Maryem Tollar do álbum *Nomade* (2003)
2. *La rumba d'el jefe*, do álbum *The Rumba Foundation* (2009)

2.22. Benise

Roni Benise (pronuncia-se *Buh-nesai*) nasceu em Nebraska, EUA, em 1965.

Desde a idade de onze anos, quando recebeu sua primeira guitarra, Benise praticou implacavelmente, de forma autodidata, dominando uma variedade de estilos diferentes que acabariam por se tornar seu próprio som.

Embora incapaz de ler uma única nota em partitura, ele começou a compor trabalhos originais com poderosos arranjos emocionais que são selvagens e refinados, produzindo um som tão nervoso e exótico quanto romântico e sensual.

Benise descobriu o flamenco por acaso, enquanto ouvia rádio em seu carro. Em entrevista ele disse: “Ouvir a guitarra flamenca no carro foi um momento de mudança para mim, porque o som me levou para longe a um lugar exótico, em ajuste perfeito”.

Ele era roqueiro com grande influência de Jimmy Hendrix e Jimmy Page. Por isso, batizou seu flamenco de *rockmenco*.

Tentando a vida como músico em Los Angeles, foi rejeitado por quase todos os clubes e começou a tocar nas ruas. Desco-

berto por turistas, atualmente ele tem onze álbuns gravados por sua própria gravadora independente.

As gravações capturam os expressivos acordes da guitarra espanhola com influências do mundo todo, levando os ouvintes a destinos tão culturalmente ricos como Espanha, África, Brasil, Mediterrâneo, Cuba, Índia e Egito.

SINGLE BENISE:

1. *Flamenco a go-go*, do álbum *Meditarranea* (2002)

2.23. Diego El Cigala

Ramón Jiménez Salazar nasceu em *Madrid*, em 1968. Ficou conhecido como Diego devido a uma briga familiar e o apelido *El Cigala*, que significa 'lagosta' ou 'lagostim', foi dado por seus irmãos para se diferenciar de outro grande cantor: Camarón.

Iniciou sua carreira com doze anos e colaborou com vários cantores e guitarristas antes de lançar seu primeiro álbum solo, em 1997. Em 2000, Diego el Cigala conheceu o pianista cubano Bebo Valdez e iniciou uma grande parceria com várias premiações.

Em 2010, esteve na Argentina para lançar seu disco *Cigala & Tango*, com um repertório baseado no tango argentino, novamente premiado. Atualmente, tem estudado salsa e seu novo projeto, *Indestructible*, de 2016, leva esse ritmo ao grande público.

PLAYLIST DIEGO EL CIGALA:

1. *Lágrimas negras*, do álbum *Lágrimas negras* (2003)
2. *Luna de plata*, do álbum *Picasso en mis ojos* (2005)

2.24. Concha Buika

Maria Concepción Balboa Buika, mais conhecida como Concha Buika, nasceu em 1972, em *Palma de Maiorca*, a capital das Ilhas Baleares, na Espanha.

Em 2000, ela lançou seu primeiro álbum, *Mestizuo*, e em 2017 foi produzido seu nono álbum. Buika combina todos os estilos com suas letras carregadas de emoção e sua voz sensual a faz uma cantora sem paralelos.

Além de shows, ela assina músicas em trilhas sonoras, como a do filme *A pele que habito*, de Pedro Almodóvar.

SINGLE CONCHA BUIKA:

1. *No habrá nadie en el mundo*, do álbum *Niña de fuego* (2008)

2.25. Miguel Poveda

Miguel Ángel Poveda León, mais conhecido como Miguel Poveda, nasceu em 1973, em Barcelona, em uma família humilde e sem vocações para artes.

Miguel, tímido, cresceu ouvindo flamenco no rádio e em discos de sua mãe, mas não tinha com quem compartilhar seu gosto, pois vivia em uma cidade que não tem tradição flamenca. Por esse motivo, viveu a infância solitariamente, e aprendeu a cantar flamenco como autodidata.

Aos quinze anos, subiu ao palco pela primeira vez e, em 1995, gravou seu primeiro álbum. Sua participação como ganhador de prêmios em vários festivais e sua colaboração com vários outros artistas flamencos o deixaram mundialmente conhecido.

Miguel tem quatorze álbuns, já participou como ator em dois filmes, e como cantor em dois documentários de Carlos Saura. Seus dois últimos álbuns são de 2018. *Enlorquecido* foi lançado no início daquele ano e contém músicas baseadas em poemas de Federico Garcia Lorca. No final do ano, Poveda lançou o CD duplo *El tiempo pasa volando*, com canções suas e de artistas renomados para celebrar seus 30 anos de carreira.

SINGLE MIGUEL POVEDA:

1. *Lamento por Alegría*, do álbum *Sueña Flamenco* (1998)

2.26. Rodrigo Domingos

Ao contrário do que se pode pensar, temos no Brasil excelentes guitarristas flamencos, como é o caso de Rodrigo Domingos.

Compositor, multi-instrumentista e arranjador, ele nasceu em 1976 e teve seus primeiros contatos com a música aos sete anos. Iniciou seus estudos como autodidata aos dez anos de idade.

Em 1995, ingressou na faculdade de música da Universidade de São Paulo, no curso de Bacharelado em Violão, estudando com o grande violonista Edelson Gloeden.

Participou de diversos recitais e festivais por todo o Brasil. Durante quinze anos, foi guitarrista flamenco, fazendo shows por todo o país com as principais companhias nacionais e, em 2004, gravou o CD *Noches de España* com vários companheiros. Seus temas já fizeram parte de inúmeros programas e documentários de diversos canais. Hoje se dedica à composição de trilhas sonoras orquestrais e arranjos.

PLAYLIST RODRIGO DOMINGOS:

1. *Canción para mi hijo*, com Edson X, do álbum *Noches de España* (2004)
2. *La mañana*, do álbum *Noches de España* (2004)

2.27. David Bisbal

David Bisbal nasceu em *Almeria*, em 1979. Sua vocação para música foi notada pelos pais desde cedo e ele chegou a deixar a escola para se dedicar à arte.

Em 2001, David foi o segundo finalista do reality show *Operación Triunfo*, similar a alguns que têm no Brasil para descobrir talentos. Devido à sua exposição no programa, foi notado pela gravadora *Vale Music*, que gravou seu primeiro álbum, *Corazón Latino*, em 2002. Em 2003, David começou uma turnê na América Latina, com conquistas de vários prêmios.

Em 2004, ele lançou seu segundo álbum, *Bulería*. Este se tornou um *hit* e rapidamente subiu para o topo das paradas na Espanha, na América Latina e nos EUA. *Bulería* é um álbum com a intenção de prestar homenagem a sua terra natal e inclui um sabor de flamenco junto com seu costumeiro estilo latino.

Nos dezesseis anos de carreira, David já gravou nove álbuns, sendo que o último foi em 2017, *Hijos del mar*.

SINGLE DAVID BISBAL:

1. *Bulería*, do álbum *Bulería* (2004)

2.28. María Toledo

María Rodríguez del Álamo nasceu em 1983, em Toledo, perto de *Madrid*, e leva o nome de sua cidade natal como nome artístico, segundo o costume flamenco.

María Toledo começou a cantar com oito anos, fez parte do coro de Rocío Jurado e também cantou com Manolo Sanlúcar. Ela é formada em Direito e também em piano, pelo conservatório de Toledo.

María tem uma peculiaridade extraordinária: é a única cantora flamenca que canta e toca piano ao mesmo tempo. Seu primeiro disco foi lançado em 2009; o último, que se chama *Magnetica*, em 2016.

Seu segundo álbum *Uñas Rojas* (2012) tem esse nome devido a sua marca registrada. Em uma entrevista ela disse que sempre pinta as unhas de vermelho para ter mais destaque ao tocar piano.

O álbum *ConSentido* (2015) ganhou o prêmio de melhor álbum flamenco no *Grammy Latino*.

SINGLE MARÍA TOLEDO:

1. *Tangos retrecheros*, do álbum *ConSentido* (2015)

2.29. Chanela

Chanela é um grupo formado por Verônica, Virginia e José, dedicado a músicas de *rumbas*, *sevillanas*, *bulerías*, *tangos*, *zambomba* e *latina*. Sua formação é de 1994, data de seu primeiro álbum, *Flamenco de hoy*. Seu último álbum, *Flamenco Latino*, é de 2010. Por não serem muito conhecidos do público fora da Espanha, as informações sobre o grupo *Chanela* são muito restritas.

PLAYLIST CHANELA:

1. *Endikela*, do álbum *Flamenco Nuevo: de Andalucía Rio* (2000)
2. *Amorau de Liguél*, do álbum *Flamenco Nuevo: de Andalucía Rio* (2000)

2.30. Maita Vende Ca

O conjunto *Maita Vende Ca*, cujo nome, na língua dos ciganos espanhóis, significa “minha mãe é cigana” ou “minha origem é cigana”, tem uma história curiosa.

Surgiu de um acidente ocorrido com o cantor Antonio Cañas, que fraturou a perna e foi submetido a repouso absoluto, por recomendação médica. Para não se aborrecer com o tratamento, começou a convidar seus amigos para algumas sessões flamencas de canto e baile em sua casa, as famosas *juergas flamencas*.

Maita Vende Ca mesclou, em suas músicas aflamencadas, elementos exóticos dos árabes e os ritmos latinos, sempre com um toque divertido. Assim, surgiu seu primeiro disco, *Maita vende Ca*, em 1996. O último, *X20+*, de 2017, foi gravado em comemoração aos vinte anos de carreira, com grandes artistas convidados.

SINGLE MAITA VENDE CA:

1. *Rankankin*, do álbum *Trabajito me ha costao* (2001)

2.31. Danza Fuego

O grupo flamenco *Danza Fuego* conta com vários artistas: Enrique Heredia (vocaís, guitarra, percussão e bandoneon); Esperanza Figueras (vocaís e castanholas); Sabine Weber, Roswitha

Braun, Chiquilin de Cordoba, Mimi Heredia (vocaís); Rampli de Chiclana (guitarra e percussão); Rainer “El Loco” Hawelka (guitarra); Samuel Bandara (violoncelo); El Lobito (flauta); Norbert Huwer (clarinete, saxofone); Christoph Mersinger (baixo); Rafael Amaro (bateria e percussão); Manolo Lojo (percussão e vocais).

Como se pode perceber, eles fazem música no estilo de flamenco moderno, com instrumentos clássicos incorporados aos tradicionais. O resultado é uma música melodiosa e leve.

Eles têm cinco álbuns gravados e têm músicas em outras cinco coletâneas flamencas, porém não são muito divulgados. No Brasil, eles chegaram por meio do CD *The Best of Flamenco from Spain*, em 1997. Em 2016, lançaram seu último álbum, *Flamenco Andalucía*.

SINGLE DANZA FUEGO:

1. *Alegría*, do álbum *The Best of Flamenco From Spain* (1997)

2.32. Los Alhama

Los Alhama era uma banda que fazia músicas ciganas, principalmente *rumbas*, como os *Gipsy Kings*. Por ser um grupo antigo e já desfeito, não é fácil encontrar referências sobre eles. Eles têm dois álbuns, *Flamenco* e *Los Alhama*, e aparecem em oito coletâneas.

PLAYLIST LOS ALHAMA:

1. *Gitana*, do álbum *The Best of Flamenco From Spain* (1997)
2. *La Juani*, do álbum *The Best of Flamenco From Spain* (1997)

2.33. Ziroq

O grupo Ziroq foi formado em 1997, na Califórnia, pelo encontro do guitarrista e cantor inglês, Marcus Nand, e o baixista americano, Carmine Rojas.

Apesar de nascido na Inglaterra, Marcus Nand foi para a Espanha com oito anos e acompanhou muitos ciganos em sua adolescência. Carmine Rojas, de descendência latina, ficou famoso por ter tocado com David Bowie, Julian Lennon, Rod Stewart, Tina Turner, Stevie Wonder, entre outros.

O nome do grupo, *Ziroq*, é um jogo de palavras baseado em *Siroco*, que é o vento que sopra do deserto do norte da África para o sul da Espanha. *Siroco*, metaforicamente, designa a difusão da cultura árabe na Europa, e é o nome de um belíssimo disco de Paco de Lucía.

SINGLE ZIROQ:

1. *Que pena*, do álbum *Ziroq* (2002)

2.34. Ojos de Brujo

O grupo *Ojos de Brujo* surgiu em 1999, em Barcelona, com o guitarrista Ramon Giménez, a cantora Marina “La Canillas” e o percussionista Xavi Turull. O grupo incorporou elementos de hip-hop, funk, jazz, salsa, reggae e música eletrônica ao flamenco e o resultado foi um som novo, apaixonante.

Os músicos têm um estilo bem alternativo, usam roupas indianas, rastafári e muitos acessórios, não se parecem nem um pouco com os artistas flamencos tradicionais, que conservam o estilo cigano.

O grupo têm oito álbuns, sendo o primeiro de 2001, *Vengue*. A compilação *Corriente Vital 10 años*, de 2010, é o último. Em 2012, o grupo se desfez e seus integrantes continuam em trabalhos individuais.

PLAYLIST OJOS DE BRUJO:

1. *Vacileo*, do álbum *Vengue* (2001)
2. *Tesoro*, do álbum *Vengue* (2001)

2.35. Chambao

Chambao é um grupo de *Málaga*, de música flamenco-eletrônica, conhecida como *Flamenco Chill*, formado em 2001. Segundo o dialeto andaluz, um *chambao* é uma tenda de campismo improvisada para proteger-se do sol e da brisa da tarde na praia.

O seu primeiro trabalho, *Flamenco Chill*, foi um sucesso de vendas. Após esse, outros nove álbuns lhe conferiram o merecido reconhecimento e sucesso. A parceria com outros artistas, como Enrique e Estrella Morente, Carles Benavent, Javier Ruibal, Totó la Momposina, Rosário Flores, Ricky Martin, Antonio Carmona, Caetano Velozo, confirmam a qualidade e seriedade do trabalho de *Chambao*.

Maria del Mar, conhecida como *La Mari*, vocalista, é a única que continua na banda desde sua formação original. Em 2007, ela se recuperou de um câncer e continuou em atividade. Em fevereiro de 2018, o grupo fez seu show de despedida e *La Mari* iniciou sua carreira solo.

PLAYLIST CHAMBAO:

1. *Papeles mojados*, do álbum *Con otro aire* (2007)
2. *Desconocido*, do álbum *Endorfinas en la mente* (2003)

2.36. Andy & Lucas

Andrés Morales e Lucas González nasceram em 1982, cresceram no mesmo bairro, *La Laguna*, em Cádiz, e estudaram na mesma escola.

Em 2003, tendo Andy como principal compositor, eles lançaram seu primeiro álbum, *Andy & Lucas*, com treze músicas. A música *Son de Amores* se tornou o sucesso do verão espanhol.

Em quinze anos de carreira, eles já gravaram dez álbuns, e tiveram participações em trabalhos de outros artistas, como Niña Pastori. O último trabalho, de 2018, chama-se *Nueva Vida*.

SINGLE ANDY & LUCAS:

1. *La llama del amor*, com Niña Pastori, do álbum *En su salsa* (2004)

2.37. Decai

O grupo Decai foi formado em 2005 por três jovens componentes: Pablo Iglesias, Emi Núñez e Francis Chicó Domínguez, todos da bela cidade litorânea de Cádiz.

Esse grupo gosta da fusão do flamenco com reggae e é muito popular entre os jovens na Espanha. Em treze anos de carreira, eles têm quatro álbuns e quatro *singles*.

SINGLE DECAI:

1. *Ella y yo*, do álbum *Baila Morena* (2008)

2.38. Fondo Flamenco

Representantes do flamenco moderno, o grupo *Fondo Flamenco* foi formado em *Sevilla*, cidade natal dos três integrantes: Alejandro Astola, Rafael Ruda e Antonio Manuel. Esse grupo teve seu primeiro CD lançado em 2007, quando eles tinham apenas dezoito anos.

O grupo se chama *Fondo Flamenco* porque Astola e Rafael foram fazer fotos em um típico pátio sevilhano, com uma fonte no centro e cercada por colunas em estilo árabe, e Astola, brincando, disse: 'ei, vamos tirar uma foto neste fundo flamenco'... e aí ficou *Fondo Flamenco*.

Durante a curta carreira eles lançaram cinco álbuns. Em 2013, despediram-se dos fãs e cada integrante seguiu sua carreira independente. Antonio e Rafael mantêm um canal no *Youtube* para divulgar seus trabalhos como músicos e Alejandro lançou, em 2015, um álbum solo.

PLAYLIST FONDO FLAMENCO:

1. *Princesa*, do álbum *Contracorriente* (2007)
2. *Escuchame mujer*, do álbum *Contracorriente* (2007)

2.39. Los Marismeños

O grupo *Los Marismeños*, fundado por Antonio Herrero, Antonio Mendoza, Emilio Losada e Manolo Millán, em 1965, foi um dos pioneiros a gravar *sevillanas*. É um dos grupos mais importantes e influentes do gênero, embora também cantem *rumbas* e *fandangos*. Mais tarde, em 1967, Juan Alejandre (Juanini) se juntou ao grupo para a gravação do primeiro álbum.

Los Marismeños é um grupo natural de Huelva, no sul da Espanha. Quebrando a tradição de que as *Sevillanas* tenham letras sobre *Sevilla* e sobre o povo andaluz, esse grupo começou a cantar orações nos anos 80.

O grupo foi tendo outras formações pela saída ou falecimento de algum membro. O único membro da formação original que atua até hoje é Emilio Losada.

O grupo gravou vinte e três álbuns, sendo o primeiro e o último, de 1971 e 2002, respectivamente, e lançou quatorze compilações, sendo a última em 2015.

As *sevillanas* têm um estilo de música com ar de saudade, mesmo para quem não conhece *Sevilla* ou mesmo para quem nunca ouviu uma *sevillana*.

PLAYLIST LOS MARISMEÑOS:

1. *La historia de una amapola*, do álbum *De Coco* (1979)
2. *Enamorao de ti... Rocío*, do single *Enamorao de ti... Rocío* (1984)
3. *Que guapa está Sevilla*, do álbum *Sonido Andaluz 2* (1974)

2.40. Cantores de Híspalis

Juan Luis Calceteiro (Juani) e Pascual González eram conhecidos como *Los Macarenos*, em 1976. Um ano depois, juntaram-se a eles Rafael Ojeda (Falín) e José Antonio Rua e, então, todos eles viraram os “Cantores de Híspalis”, especializando-se no ritmo das *Sevillanas*. Seu primeiro álbum é de 1978, *Cosas de mi tierra*.

Esses quatro sevilhanos fizeram uma verdadeira revolução na música popular espanhola, incorporando as últimas tecnologias instrumentais em suas gravações. Em 1989, Rafael e José Antonio deixaram o grupo e Carlos e Mario Ruiz se juntaram a ele.

O grupo se dissolveu nos anos 90, cada um seguiu carreira solo. Entretanto, voltaram à formação de grupo sob o nome de “Pascual González e Cantores de Híspalis”. Com essa formação gravaram mais quatro álbuns. Em 2018 gravaram seu último álbum, *Cristo: pasión y esperanza*.

SINGLE CANTORES DE HÍSPALIS:

1. *A bailar, a bailar*, do álbum *Al’baraka* (1998)

2.41. Pata Negra

O grupo Pata Negra foi formado pelos irmãos Raimundo e Rafael Amador Fernandez, em 1978, em *Sevilla*.

Por misturar flamenco com pop-rock e blues, batizaram seu estilo de *blueslería* e fizeram grande sucesso nos anos 80 na Espanha. Em 1995, o grupo terminou, após terem lançado sete álbuns, e Raimundo continuou em carreira solo.

SINGLE PATA NEGRA:

1. *Pasa la vida*, do álbum *Blues de la Frontera* (1987)

2.42. Luces del Alba

Pouca coisa encontra-se sobre esse grupo, comandado por Juan José Orta, provavelmente porque sua atuação é restrita à Espanha.

Entretanto, é possível conseguir seus três álbuns no Brasil e, devido à sua qualidade musical, suas *sevillanas* são ouvidas em espetáculos nacionais de dança flamenca.

Na Espanha, eles influenciaram a geração musical seguinte, pois Juan *Juanelo*, filho de Juan José Orta, canta desde muito cedo e já alcançou sucesso nas rodas de bulerías em *Utreta* e *Chipiona*.

Seus três lançamentos são: *Sevillanas de siempre: Salve Rociera Olé Olé* (1997), *Tengo una cita em Sevilla* (1998) e a compilação *Luces del Alba* (2013).

PLAYLIST LUCES DEL ALBA:

1. *Mala Partia*, do álbum *Sevillanas de siempre: Salve Rociera del Olé Olé* (1998)
2. *Esa mujer*, do álbum *Sevillanas de siempre: Salve Rociera del Olé Olé* (1998)
3. *Hablando de amor*, do álbum *Sevillanas de siempre: Salve Rociera del Olé Olé* (1998)

2.43. Homenagem a artistas inesquecíveis

Neste tópico, estão registradas homenagens a artistas brilhantes que marcaram suas épocas e foram citados nos programas Arte Flamenca; entretanto, não foram exibidas músicas relacionadas a eles.

2.43.1. Carmen Amaya

Carmen Amaya é considerada a maior *bailaora* de sua geração e a personalidade mais extraordinária de todos os tempos em dança flamenca.

Ela nasceu em uma família de ciganos, na favela de *Somorrostro*, hoje Vila Olímpica de Barcelona. Sua data de nasci-

mento é controversa: algumas referências indicam 1913, e outras, 1918.

Carmen Amaya começou a dançar aos cinco anos, acompanhada no violão por seu pai. Nesta época ela dançava em bares à beira-mar em Barcelona.

Um jovem, chamado Agustín Castellón Campos, mais conhecido como *Sabicas*, a viu dançando ainda menina e mais tarde disse: “Eu a vi dançar e parecia que era algo sobrenatural para mim... Eu nunca vi ninguém dançando como ela”. *Sabicas* tornou-se um grande guitarrista flamenco e a acompanhou por muitos anos.

Carmen Amaya mudou-se para os Estados Unidos, em 1936, onde passou a atuar em vários filmes que quebraram recordes de bilheteria, incluindo *Romeu e Julieta*, uma adaptação para o baile flamenco, e o curta-metragem *Danzas Gitanas* (danças ciganas).

Carmen dançou na Casa Branca em duas ocasiões - em 1944, convidada por Franklin Roosevelt, e em 1953, convidada por Harry S. Truman. Amaya faleceu em 1963 e está enterrada no Cemitério do Sudoeste de Barcelona.

2.43.2. Lola Flores

Maria Dolores Flores Ruiz, nascida em 1923, em *Jerez de la Frontera*, foi uma das figuras mais queridas da Espanha no século XX. Famosa cantora folclórica, bailarina e atriz, ficou conhecida por Lola Flores. Com 16 anos, estreou no Teatro Villamarta com o espetáculo *Luces de España*.

Casou-se com o guitarrista Antonio González Batista (El Pescaílla), em 1958, com quem teve três filhos. Faleceu em 1995 e a cidade de *Jerez de la Frontera* a homenageou com a inauguração de uma estátua em bronze.

2.43.3. Manolo Escobar

Manuel García Escobar, mais conhecido com o Manolo Escobar, nasceu em 1931, na cidade de Almeria. Manolo Escobar é o quinto dos dez filhos de Antonio Garcia e Maria del Carmen Escobar, a quem dedicou a canção *Madrecita María del Carmen*.

Seu pai deixou a tradição agrícola familiar para dedicar-se a hotelaria e cultura. Assim, conheceu um maestro republicano aposentado, que lhe deu abrigo e se ocupou com a formação de todos os seus filhos, incluindo a música. Manolo começou a tocar alaúde e também aprendeu piano em seus primeiros anos.

Aos catorze anos mudou-se para Barcelona, onde trabalhou como aprendiz de vários ofícios. Ele começou na carreira artística junto com seus irmãos, Salvador e Baldomero. Mais tarde, outros dois irmãos foram incorporados ao grupo.

No campo sentimental, três meses depois de conhecer a alemã Anita Marx, casou-se com ela, em Colônia, Alemanha, sem falarem um o idioma do outro. Com mais de 50 anos de casamento, são pais de uma filha adotiva, Vanessa, a quem dedicou a canção *Mi pequeña flor*.

Fez muito sucesso em *Madrid* como cantor e ator. Participou de mais de vinte filmes e lançou quase oitenta álbuns musicais. Seu álbum mais vendido foi *Y Viva España*, que vendeu seis milhões de cópias originais e dez milhões de cópias em subsequentes reedições oficiais. Foi o álbum mais vendido na história da música da Espanha, desde 1973 até 1992.

Desde o início da década de 90, estabeleceu-se em sua casa de campo em *Benidorm*, Província de Alicante, onde faleceu em 2013.

2.43.4. Manuel Alejandro

Manuel Alejandro nasceu em 1933, em *Jerez de la Frontera*.

É um compositor espanhol de canções de amor latinas. Ele escreveu, compôs e arranjou músicas para os diversos artistas como Luis Miguel, Rocío Jurado, Plácido Domingo, Julio Iglesias, Ray Conniff, Lola Flores, Nino Bravo, entre muitos outros.

2.43.5. Antonio Gades

Antonio Esteve Ródenas, artisticamente conhecido como Antonio Gades, nasceu em 1936, em Elda, Espanha. Logo após a Guerra Civil Espanhola, sua família mudou-se para *Madrid*, onde ele começou a trabalhar, aos onze anos, em três empregos diferentes para completar a renda familiar.

Aos treze anos, ele percebeu que jovens *bailaores* ganhavam bons salários e iniciou suas primeiras aulas de dança. Aos dezesseis anos, começou a trabalhar em um cabaré. Também tentou ser toureiro, mas achou que a dança seria mais seguro. Ele mesmo disse certa vez: “Não tenho veia artística, tenho fome”.

As portas foram se abrindo a Antonio Gades a partir de 1961, quando trabalhou na Itália e França. De volta à Espanha, iniciou a carreira de ator.

Seu grande sucesso veio quando foi nomeado diretor do *Ballet Nacional da Espanha* e, por esse trabalho, filmou com Carlos Saura a trilogia flamenca de maior sucesso nos cinemas. Em 2004, Antonio Gades faleceu, vítima de um câncer.

2.43.5. Cristina Hoyos

Cristina Hoyos nasceu em 1946, em *Alfafa*, distrito de *Sevilla*. Quando criança, dançava nas ruas de sua cidade e sonhava em ser *bailaora* profissional.

Em 1969, foi descoberta por Antonio Gades e eles trabalharam juntos por vinte anos, inclusive nas filmagens da trilogia de flamenco de Carlos Saura. Também fez outros filmes de dança, como *Montoyas y Tarantos* (1989).

Em 1989, fundou sua própria companhia, *Ballet Cristina Hoyos*, e em 2009 apresentou seu décimo espetáculo, *Poema del Cante Jondo*.

2.43.6. Carles Benavent

Carles Benavent, nascido em 1954, foi atraído desde cedo por blues e rock, principalmente por Jimi Hendrix. Carles é um baixista de jazz totalmente autodidata, que fundou o grupo *Música Urbana* e com quem gravou dois álbuns.

Chegou a criar um modo de interpretar o baixo elétrico “para o flamenco”, utilizando-o como uma *alzapúa* (estilo de bater e soltar as cordas com os dedos). Carles é um daqueles gênios privilegiados que já contou com parcerias de diversos artistas renomados, como Chick Corea, Miles Davis e Paco de Lucía.

2.43.7. Antonio Canales

Antonio Canales nasceu em 1961, em *Sevilla*, em uma família de gerações de artistas. Ele começou seus estudos no *Ballet*

Nacional, do qual ele era solista. Após dançar com grandes artistas, em 1992 ele fundou sua própria companhia de dança.

Fez filmes de dança, como *Montoyas y Tarantos*, junto com Cristina Hoyos, e participou de clipes de músicas com *Ketama* e Alejandro Sanz.

Também foi escolhido como imagens de empresas como Ericson, Ducados, Cruz Campo e Air Europa. Pela sua ligação com a moda, já desfilou como modelo para John Galliano, Gucci e Versace, entre outros.

2.43.8. María Pagés

María Jesús Pagés Madrigal nasceu em 1963, em *Sevilla*. É dona de um estilo de flamenco contemporâneo único, que a fez ganhar notoriedade, principalmente após sua aparição no espetáculo de sapateado irlandês *Riverdance*, em 1995.

Com sua companhia, María Pagés criou vinte e um espetáculos, de 1990 a 2017:

- *Sol y sombra* (1990);
- *De la luna al viento* (1994);
- *El perro andaluz. Burlerías* (1996);
- *La Tirana* (1998);
- *Flamenco Republic* (2001);
- *Canciones, antes de una guerra* (2004);
- *Sevilla* (2006);
- *Autorretrato* (2008);
- *Flamenco y poesía* (2008);
- *Dunas* (2009);
- *Mirada* (2010);
- *Utopía* (2011);

- *Casi divina, leve* (2012);
- *La alegría de los niños* (2013);
- *Siete golpes y un camino* (2014);
- *Yo, Carmen* (2014);
- *Óyeme con los ojos* (2014);
- *No dejes que termine el día* (2015);
- *Visages* (2016);
- *Dance of hearts* (2017);
- *Una oda al tiempo* (2017)

2.43.9. Chicuelo

Juan Gomez “Chicuelo” nasceu em Barcelona, em 1968, e Iniciou, ainda criança, seus estudos de guitarra, na atmosfera dos clubes de flamenco.

Aprendeu com grandes mestres da guitarra flamenca, como Manolo Sanlucar e Isidro Muñoz. No início de sua carreira, trabalhou no *Tablao de Carmen*, em Barcelona.

Em 2000, ele apresentou seu primeiro CD solo e seu próprio repertório, *Cómplices*. Este trabalho foi premiado como melhor álbum solo de guitarra pela revista *Flamenco Hoy*. Em 2014, Chicuelo iniciou um projeto com Marinah (ex-cantora do *Ojos de Brujo*) e até hoje faz trabalhos com Miguel Poveda.

2.43.10. Eva Yerbabuena

Eva María Garrido nasceu em Frankfurt, em 1970 e, com dezessete dias, foi levada ao povoado de *Ojígares*, em *Granada*, para morar com seus avós. Quando ela tinha oito anos, os pais retorna-

ram à Espanha e ela foi morar com “aqueles que mal conhecia”.

Suas tardes eram divertidas devido à tia Encarnita, mas, aos onze anos Eva perdeu sua tia e um sentimento de tristeza profunda se fixou em sua alma. Só não foi maior que o sentimento da perda da avó, que a fez ficar mais introspectiva. Como seus pais tinha dificuldade de pagar a escola, Eva começou a dar aulas de dança com doze anos.

Em 1985, começou a trabalhar em uma companhia de dança e na década de 90 dançou ao lado de grandes *bailaores*. Seu apelido, *Yerbabuena* (hortelã) foi dado pelo *luthier* Francisco Manuel Díaz, em referência a outro artista de *Granada*, Frasquito Yerbabuena.

Em 1998, criou sua própria companhia, *Eva Yerbabuena Ballet Flamenco*. Desde então, já produziu quinze espetáculos e participou de dois documentários sobre flamenco.

2.43.11. José El Francés

José “*El Francés*”, cujo verdadeiro nome é José Rodríguez Vásquez, nasceu em 1971, em *Hérault*, na França.

José tinha dez anos quando se mudou para *Madrid* e ouviu *Camarón* pela primeira vez. Como já tinha origens ciganas, decidiu seguir a carreira artística.

Iniciou sua carreira de compositor e cantor e conseguiu realizar seu sonho: ter uma música de sua composição cantada por *Camarón*, em seu último álbum, *Potro de rabia y miel*, de 1992, gravado meses antes de *Camarón* falecer. Nesse mesmo ano, José gravou seu primeiro álbum, *Las calles de San Blas*, e em 2017, seu último, *Hoy soy feliz*.

2.43.12. La Schica

Elsa Rovayo, mais conhecida como *La Schica*, nasceu em Ceuta, em 1976.

Aos quinze anos, mudou-se para *Madrid* para estudar baile flamenco, mas encantou-se pelo canto e, em 2008, lançou seu primeiro disco, *Trabajito de Chinos*.

Tem forte influência flamenca mesclada com música contemporânea, africana, brasileira e latina. La Schica tem dois álbuns e faz shows por todo mundo em colaboração com vários artistas.

2.43.13. Rosario de Toledo

Rosario de Toledo nasceu em *Cádiz*, em 1977. É licenciada em dança pelo Conservatório de *Sevilla* e começou sua carreira artística em 1994, com o espetáculo *Por ley de vida*, dirigido por Charo Cruz e Enrique El Extremeño.

Já trabalhou com grandes nomes do flamenco, como Miguel Poveda, Israel Galván, Javier Barón, Joaquín Grilo, Manuela Carrasco, entre outros.

2.43.14. La Húngara

Sonia Priego nasceu em 1980, em *Sevilla*, e iniciou sua carreira artística como *bailaora* e professora de flamenco.

Por acaso, cantou um dia em um karaokê e um empresário a levou para fazer testes e a contratou. Como suas alunas já a chamavam de La Húngara, o apelido ficou.

Aos vinte e um anos, em 2001, criou seu primeiro álbum e, em 2016, lançou seu décimo quinto álbum, *La niña bonita*.

2.43.15. Soniquete

Soniquete é um grupo de jovens artistas flamencos da cidade de *Jerez de la Frontera*. Eles ficaram muito conhecidos na Europa pelo single *Chocolate*, de 2010. Em 2014, montaram um espetáculo teatral em que um professor ensina a seus alunos os ritmos flamencos.

3. Viajando pelo Flamenco

Esse capítulo não foi escrito com pretensão de ser um guia turístico, pois não são apresentadas todas as cidades que têm correlação com o flamenco, mas as principais de cada província da Andaluzia (Almeria, Cádiz, Córdoba, Granada, Huelva, Jaén, Málaga e Sevilla) (Figura 9) e outras com grande fluxo de turistas, além da capital espanhola. A grafia das cidades está em espanhol.

Ademais, em cada cidade escolhida não são mostrados todos seus pontos turísticos, e sim, algumas atrações que se correlacionam com as músicas executadas no programa Arte Flamenca.

Como cada programa possuía apenas trinta minutos de duração, foram apresentadas seis ou sete músicas associadas às sucintas informações. Assim, neste capítulo, como nos outros anteriores, o conteúdo serve para despertar a curiosidade do leitor sobre o tema.

A Espanha faz fronteira com Portugal a oeste, e com a França ao nordeste. Tem um amplo litoral ao norte, sudeste e sul. O país está separado de Marrocos, e da África, pelo Estreito de Gibraltar, de apenas 14,24 km, com profundidades de 300m a 1000m. Por esse motivo, recebeu forte influência africana e árabe, formando um povo multicultural, característica primordial do flamenco.



**Figura 9 – Região da Andalúcia, sul da Espanha
(em destaque, delimitada em vermelho)**

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

3.1. Madrid



Figura 10 – Vista de Madrid

Fonte: Julius Silver, por Pixabay

Madrid (Figura 10) é a capital da Espanha e ponto central da Península Ibérica (Figura 11).



Figura 11 – Localização de *Madrid* na Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

A visita a *Madrid* pode ser iniciada pela estação de trem *Atocha*, que infelizmente ficou famosa por ter sido vítima de um ataque terrorista em 11 de março de 2004. Na ocasião, quatro bombas explodiram em um trem entre sete e meia e oito horas da manhã, horário de pico. Quase duzentas pessoas morreram e mais de mil e setecentas ficaram feridas.

Entretanto, na verdade a fama de *Atocha* é por sua bela arquitetura (Figura 12), com um jardim interno tropical riquíssimo em espécies vegetais, com várias e enormes palmeiras. É um show para o viajante que chega pela primeira vez em *Madrid*.

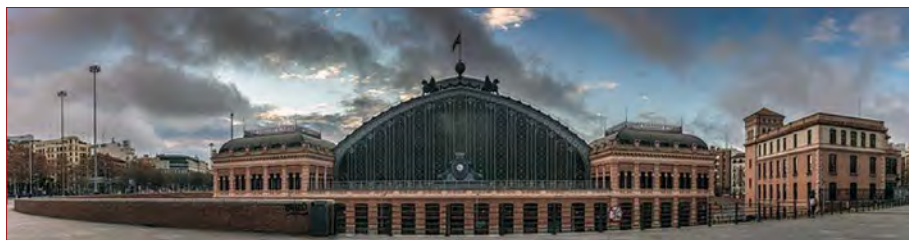


Figura 12 – Vista panorâmica da Estação de Atocha, *Madrid*

Fonte: Pixabay

O prédio atual já foi restaurado e foi construído, essencialmente, em aço e vidro, dando um aspecto moderno a uma construção que se iniciou em 1828. Na frente da estação, fica a Praça do Imperador Carlos V, que foi o último imperador do reino saxão a ser coroado por um papa, em 1530.

Com relação à história do local, apesar de ter sido ocupado desde a pré-história, as referências da região datam do século IX.

Durante o reinado de Muhammad I, foi mandado construir um pequeno palácio na localidade. Hoje em dia, no sítio onde antes se erguia esse edifício, está o Palácio Real de Madrid. Em torno desse palácio, desenvolveu-se uma povoação de poucos habitantes, chamada *al-Mudaina*. Perto do palácio, corria o rio *Manzanares*, ao qual os muçulmanos chamaram *al-Majrit* (em árabe: fonte de água). O nome evoluiu para *Majerit*, e mais tarde transformou-se em *Madrid*.

Desde 1561, *Madrid* é a capital da Espanha, pois, geograficamente, a cidade encontra-se no meio da península Ibérica, portanto é um ponto estratégico para governar toda a Espanha. Hoje, a cidade tem perto de cinco milhões de habitantes.

O clima da cidade é mediterrâneo, com estações bem definidas e extremas: invernos frios com geadas frequentes; e verões quentes, com temperaturas que normalmente passam os 35°C.

O símbolo de *Madrid* é um urso com as patas dianteiras apoiadas em um medronheiro, uma árvore típica da região. A história conta que o rei Alfonso XI caçou um urso pardo nos arredores do palácio e o animal entrou para o escudo da cidade. A estátua, em bronze, foi entregue à cidade pelo escultor Antonio Navarro Santafé, em 1967, como mostra a Figura 13.



Figura 13 – Estátua “A Ursa e o Medronheiro”, símbolo oficial de *Madrid*

Fonte: Maria Castellano, por Pixabay

Outro ponto turístico muito peculiar de *Madrid* é a *Fuente Cibeles*, localizada na praça *Cibeles*. Esse monumento mostra a Deusa *Cibeles*, que é o símbolo do planeta Terra, em um carro romano, puxado por dois leões (Figura 14).



Figura 14 – Fuente Cibeles, em Madrid

Fonte: NakNakNak, por Pixabay

Sua construção foi concluída em 1782, por ordem do rei Carlos III quando retornou de uma viagem da Itália disposto a transformar *Madrid* em uma grande capital, como estava ocorrendo na França. Mas, ao contrário da torre *Eiffel*, em Paris, a *Fuente Cibeles* é um monumento que poderia passar despercebido por um turista, pois ela se encontra em uma movimentada avenida.

Hoje, a *Fuente Cibeles* é um dos pontos mais conhecidos de *Madrid*, pois é para lá que vão os torcedores do *Real Madrid* quando ganham algum título de futebol. Curiosamente, os torcedores do time rival do *Real Madrid*, o *Atlético de Madrid*, reúnem-se em outra fonte, chamada *Fuente de Neptuno*.

A *Fuente de Neptuno* (Figura 15) também é um ponto turístico, construído na mesma época da *Fuente Cibeles*, e pelo mesmo motivo. Em cima da fonte pode-se ver Netuno, deus do Mar, segurando uma cobra em sua mão direita e um tridente

na mão esquerda, sobre um carro de conchas, puxado por dois cavalos-marinhos.



Figura 15 – Fuente de Neptuno, em Madrid

Fonte: Angel Hernandez, por Pixabay

Não muito longe da *Fuente Cibeles*, encontra-se a *Plaza Mayor* (Figura 16), um dos locais mais emblemáticos de cidade de *Madrid*. Situada no centro comercial da cidade, é uma praça de planta retangular completamente rodeada por edifícios. Ao todo, existem nove entradas para a praça.

Originalmente, o seu nome era *Plaza del Arrabal*, e foi projetada em 1581, a mando do rei Filipe II, com o fim de remodelar a caótica área da cidade. A construção só começou em 1617, durante o reinado de Filipe III, e foi terminada dois anos mais tarde. Nesta época, foi construída a estátua que se encontra hoje no meio da praça, de Filipe III.

Em 1790, foi reconstruída, após um grande incêndio. Atualmente, a *Plaza Mayor* é cenário de vários eventos como feiras, autos de fé e carnaval.

Com o novo conceito de cidades sustentáveis, e em comemoração aos quatrocentos anos da praça, em 2017, a *Plaza Mayor* ganhou um círculo de grama em seu centro.



Figura 16 – *Plaza Mayor*, no centro de *Madrid*

Fonte: lapping, por Pixabay

Além de história, Madrid é rica em arte, como se percebe ao se chegar no *Paseo del Prado*, onde se encontra o triângulo de ouro da arte – o Museu do Prado, o Museu Thyssen-Bornemisza e o Museu Rainha Sofia.

O Museu do Prado (Figura 17) é um dos mais importantes museus do mundo. A sua coleção, centrada na época anterior ao

século XX, destaca a arte italiana, espanhola e flamenca. Existe também, no museu, um importante conjunto de esculturas clássicas greco-romanas, renascentistas e de outros períodos.

O *Museu Thyssen-Bornemisza* representa uma das maiores coleções privadas de arte do mundo. As suas coleções estão organizadas por ordem cronológica, começando no Renascimento e terminando no século XX. As obras estão divididas em cada um dos três pisos do museu.

O *Museu Rainha Sofia* (Figura 18) é o museu nacional espanhol de arte do século XX. Conta com coleções de *Pablo Picasso* e *Salvador Dalí*. A obra mais conhecida do museu é *Guernica*, de Picasso. Tem também uma biblioteca de acesso livre, especializada em arte, com mais de cem mil livros, três mil e quinhentas gravações de áudio e mil vídeos.



Figura 17 – Museu do Prado, em Madrid

Fonte: Falco, por Pixabay



Figura 18 – Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madrid

Fonte: Carabo Spain, por Pixabay

Com relação às tradições, o ponto turístico mais procurado é a *Plaza de Toros de Madrid*, chamada *Las Ventas* (Figura 19). Foi inaugurada em 1931, com uma bela e imponente arquitetura, e tem capacidade para mais de vinte e três mil pessoas.

O que hoje é considerado um absurdo contra o animal, historicamente já foi motivo de muitas glórias aos toureiros e, culturalmente, as touradas foram consideradas Patrimônio Cultural da Humanidade.

O touro, na Península Ibérica, está relacionado com as noções de força, bravura, poder, fecundidade e vida. Desde a idade do bronze, as touradas são praticadas de forma semelhante às touradas atuais, iniciada com uma corrida, para que o touro se canse, com várias pessoas espetando o touro, de forma que ele fique dolorido e, pouco antes de ele cair, por fraqueza e dor, o toureiro, com sua espada, o mata.

Isso mostrava a coragem do toureiro, que depois cortava os testículos do touro, mostrando também seu poder. Na Espanha, em algumas regiões, essa prática já foi proibida.



Figura 19 – Plaza de Toros, em Madrid

Fonte: Carabo Spain, por Pixabay

PLAYLIST MADRID:

1. *Madrid* (Lola Flores e Agustín Lara, 1956).
2. *Te dejo Madrid* (Shakira, 2001)
3. *Como el agua* (Camarón e Paco de Lucía, 1976)
4. *São Paulo – Madrid* (Rodrigo Domingues, 2004)
5. *Las Dolores* (CD Olé!, 1995)
6. *España Cañi* (André Rieu e Johann Strauss Orchestra, 2013)

3.2. Córdoba



Figura 20 – Vista de Córdoba

Fonte: Julie Clarke, por Pixabay

Córdoba (Figura 20) é uma cidade que fica no sul da Espanha, na região da *Andalucía*, a 395 km ao sul (Figura 21), por onde já passaram judeus, árabes, cristãos e ciganos. Tem uma cidade-irmã na Argentina, que leva o mesmo nome.



Figura 21 – Localização de Córdoba na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Córdoba é cortada pelo grande rio *Guadalquivir*. A ponte romana (Figura 22) é um dos mais belos cartões postais da cidade, construída no século II antes de Cristo. Foi a única ponte da cidade até a construção da ponte de São Rafael, em 1953.



Figura 22 – Ponte romana sobre o rio Guadalquivir, em Córdoba

Fonte: Yuki Mao, por Pixabay

O rio *Guadalquivir* é o quinto mais longo rio da Península, após o Tejo, o Ebro, o Douro e o Guadiana. É o maior da *Andalucía*, com 657 km. Ele nasce a 1400 metros de altitude, na cidade de *Quesada*, e desagua no Oceano Atlântico. No percurso final, existe uma zona pantanosa de grande importância ecológica, as *Marismas do Guadalquivir*.

O seu nome provém do árabe *al-wādi al-kabīr* (tradução: o grande rio). No seu percurso pela Andaluzia, de leste a oeste, atravessa cidades de importância como *Sevilla* e *Córdoba*.

Córdoba, que já foi capital do império romano na época de Júlio Cesar, foi uma cidade muito próspera até o ano 711, quando foi conquistada pelos mouros árabes. Como encontraram ali uma cidade grande, com uma população de quase quinhentos mil habitantes, os invasores a fizeram capital do império árabe.

Logo no primeiro governo, foi iniciada a construção da Mesquita, hoje o ponto turístico mais espetacular de *Córdoba*. Essa mesquita (Figura 23), ao longo da história da cidade, já serviu como sinagoga dos judeus, e hoje é a catedral católica da cidade. Essa mesquita-catedral fica às margens do rio Guadalquivir, próxima à ponte romana, no *barrio Juderia*, ou bairro judeu, centro histórico da cidade.

Córdoba é uma cidade que foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade em 1994. Dez anos antes, em 1984, a mesquita-catedral já havia recebido esse título.

Segundo estudos arqueológicos, *Córdoba* já chegou a ter mais de meio milhão de habitantes, no século X, sendo, naquela época, a maior cidade do mundo, mais culta e mais esplendorosa.



Figura 23 – Grande Mesquita de Córdoba

Fonte: Waldo Miguez, por Pixabay

A formação da população da cidade contou com vários ciganos, além dos romanos, muçulmanos e judeus (Figura 24). Foi dessa miscigenação que brotou o flamenco, com seus vários sentimentos.



Figura 24 – Barrio Juderia, em Córdoba

Fonte: Waldo Miguez, por Pixabay

O significado do nome da cidade tem sido discutido na atualidade. O primeiro nome conhecido para o local era *Colonia Patricia de Corduba*, no primeiro século antes de Cristo. A primeira aparição de *Córdoba* em textos antigos faz referência a um estabelecimento comercial fenício nas imediações da cidade. Outras versões também são aceitas, como *Qorteba*, que significa “moinho de azeite”, em árabe, ou “cidade bonita”, a partir de *Qart-tuba*.

Outras etimologias fazem referência à existencia de um assentamento íbero-indoeuropeu, anterior à chegada dos fenícios, que usava a terminação *Oba*, que significava “rio”. Se o rio Guadalquivir chamava-se *Oba*, então *Kart-oba* era a “cidade de Oba”.

Córdoba ainda possui, no centro histórico, altas e grossas muralhas com um fosso de agua que separa as regiões adjacentes. Além do bairro judeu, o *El Alcázar* (Figura 25), construído na Idade Média como forte dos visigodos, perto das margens do *Guadalquivir*, é ponto turístico obrigatório. Mais tarde, o local em

arte mourisca foi transformado em palácio árabe e, posteriormente, serviu de residência para Isabela I, de Castilha, e Ferdinando II, de Aragon.

Nesta época, anexo ao *Alcázar*, foi construída a Torre da Inquisição Espanhola, que serviu por três séculos como tribunal permanente, com salas de torturas onde originalmente eram as salas de banho árabe.

Em 1492, a rainha Isabela e o rei Ferdinando alojaram Cristóvão Colombo no *El Alcázar*, enquanto ele preparava sua viagem à America. Em 1810, esse local também serviu como base para as tropas de Napoleão Bonaparte, e em 1821, tornou-se uma prisão. Em 1950, finalmente a Espanha tombou *El Alcázar* como Patrimônio Cultural.



Figura 25 – Jardins do Alcázar dos Reis Cristianos, em Córdoba

Fonte: Pixels4Free, por Pixabay

A cidade de *Córdoba* guarda em sua memória muitas batalhas sangrentas e também muita religiosidade. Além da belíssima Mesquita, que hoje é catedral católica, *Córdoba* tem uma linda sinagoga, construída em 1315 pelos judeus. Após a expulsão dos judeus de *Córdoba*, em 1492, a sinagoga se transformou em um hospital e só em 1885 foi tombada como patrimônio histórico da cidade.

A cidade ainda possui várias igrejas católicas construídas na época dos reis cristãos, no século XIII. São doze ao total, que serviam tanto como igrejas quanto centros administrativos da vizinhança. A fachada dessas igrejas é de rica arquitetura, toda em pedras, e o interior possui vários detalhes em ouro.

Córdoba, em seu centro histórico, ainda tem a famosa *Calleja de las Flores* (Figura 26), que vai da mesquita à praça central. Nesta estreita rua, por onde não passam carros, apenas cavalos e pedestres, as casas foram construídas com as paredes rentes à rua, sem calçadas ou quintais. São todas pintadas de branco e têm vasos nas paredes ou nas sacadas, dando um aspecto romântico e muito charmoso.



Figura 26 – Calleja de las Flores e Mesquita, ao fundo, em Córdoba

Fonte: Klaus-Peter Katzbach, por Pixabay

PLAYLIST CÓRDOBA:

1. *Lo voy a dividir* (Estrella Morente, 2010)
2. *Yigdal* (Yasmin Levi, 2009)
3. *Lamento cigano* (Allex Flores, 1995)
4. *De Granada a Casablanca* (Grupo Alabina e Gipsy Kings, 2002)
5. *Flamenco oriental* (Dalida e Sebastian Abaldonato, 1965)
6. *Ya Msahar Aainy* (Rami Ayash, 2010)

3.3. Sevilla



Figura 27 – Carruagem turística usada na *Feria de Sevilla*, a festa mais típica da Andalucía

FONTE: Richard Chalmers, por Pixabay

Sevilla é o berço do flamenco. É a cidade mais conhecida pelo universo dessa bela arte, que se expressa em todas suas esquinas e nas mais diversas e tradicionais festas (Figura 27). Fica a 534 km ao sul de *Madrid* (Figura 28) e hoje tem quase setecentos mil habitantes, sendo a quarta maior da Espanha.



Figura 28 – Localização de Sevilla na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

A história diz que a cidade foi fundada, aproximadamente, no século XIII antes de Cristo, com o nome de *Hispal*. A cidade já foi ocupada por fenícios, cartagineses, romanos, visigodos e árabes. Os árabes deram à cidade o nome de *Ishbiya*, que depois se transformou em Sevilla. Foi nessa época que *Sevilla* se tornou a capital do mundo árabe no ocidente.

Para chegar a *Sevilla*, a melhor opção é o trem de alta velocidade, que atinge até 300 km/h. O nome da estação de trem principal de *Sevilla* é Santa Justa. Na Espanha, assim como em toda a Europa, o principal meio de transporte é o trem, pois é mais barato, rápido e seguro.

A primeira parada obrigatória em *Sevilla* é a Catedral de *Sevilla*, também conhecida como Catedral de Santa Maria da Sede, ou Catedral de Santa Maria de *Sevilla*. É a maior da Espanha, e o terceiro templo maior do mundo, atrás do *San Pedro do Vaticano*, no Vaticano, e *São Paulo*, em Londres.

A catedral, construída em estilo gótico, foi declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, no ano de 1987. Em seu interior, há o *Pátio de los Naranjos*, onde os fiéis faziam suas abluções rituais, e que hoje é tomado por laranjeiras (Figura 29).



Figura 29 – Catedral de Sevilla

Fonte: Siggy Nowak, por Pixabay

Segundo a história, a construção da catedral começou em 1401, embora só haja documentos a partir de 1433. Foi edificada no solar que ficou após a demolição de uma antiga mesquita, a *Mesquita Alfama*.

A construção foi finalizada em 10 de outubro de 1506, embora, na realidade, se continuassem os trabalhos, tanto para a decoração interior, como para acrescentar novas dependências ou consolidar e restaurar os estragos do passar do tempo. Em 1593, foi terminada a construção da *Giralda*, onde ficam os novos sinos da Catedral.

La Giralda (Figura 30), na época, era a torre mais alta do mundo, com seus 104 m de altura. Atualmente, é a torre mais alta da cidade de *Sevilla* e uma das mais altas de toda a *Andalucía*. No seu ponto mais alto, há um cata-vento (*giraldillo*), do século XVI, o que justifica seu nome.



Figura 30 – Catedral de *Sevilla* e a torre *La Giralda*

Fonte: Luis Francisco Pizarro Ruiz, por Pixabay

No interior da Catedral de *Sevilla*, (Figura 31) encontram-se enterrados o famoso navegador Cristóvão Colombo e o rei Fernando III de Castela, canonizado em 1671 como São Fernando.



Figura 31 – Interior da Catedral de *Sevilla*

Fonte: Adri Marie, por Pixabay

Quando se fala em tradição flamenca, Triana é o bairro mais famoso e populoso de *Sevilla*, pois foi onde provavelmente nasceu o flamenco. Triana fica à margem direita do rio Guadalquivir, onde surgiu a cidade, e atualmente é ligado ao centro da cidade pela famosa Ponte de Isabel II (Figura 32).



Figura 32 – Ponte de Isabel II, que liga *Sevilla* ao bairro de Triana

Fonte: Jose Luis Martinez, por Pixabay

Para a explicação do nome Triana, existem algumas versões. A primeira faz referência a seu fundador romano, Trajano. Outra versão é que o Guadalquivir se dividia em três na região, então *Tri*, de três, em romano; e *Ana*, de rio, em celta. Outros ainda falam que Triana veio de *Trans amen*, ou seja, além do rio. Qualquer que seja a explicação, Triana é um bairro muito peculiar de Sevilla, onde as festas e costumes religiosos são muito intensos.

O rio Guadalquivir, que também corta Córdoba, durante sua trajetória vai recebendo vários afluentes e, quando corta *Sevilla*, o corpo d'água tem uma vazão de 165 m³/s.

Às suas margens, fica a *Torre de Oro*, que, no século XIII, servia como vigilância para a cidade. Depois, se transformou em prisão e, posteriormente, em guardião das riquezas que chegavam das colônias das Índias e ocidente, daí seu nome.

Hoje a *Torre de Oro* (Figura 33) é um museu naval, ponto de parada obrigatório aos turistas que visitam *Sevilla*.



Figura 33 – *Torre de Oro* às margens do rio Guadalquivir

Fonte: Jaime PF, por Pixabay

O passeio em *Sevilla* pode ser o ano todo, mas há uma época em que o charme toma conta da cidade devido à *Feria de Abril*, uma festa centenária que se inicia no segundo domingo após a Semana Santa e tem duração de seis dias.

Existe um recinto específico para essa festa, dividido em dois locais – um para entretenimento e outro para gastronomia. A grande maioria dos visitantes da *Feria* vai com trajes tipicamente flamencos (Figura 34).



Figura 34 – Vestidos tradicionais da *Feria de Sevilla*

Fonte: Pablo Valerio, por Pixabay

PLAYLIST SEVILLA:

1. *Sevillanas Corraleras* (Rocío Jurado, 1992)
2. *Sevilla tiene una cosa que solo tiene em Sevilla* (Manuel Pareja Obregón, 1992)
3. *Que me busquen en Sevilla* (*Ecos de las marismas*, 1987)
4. *Triana* (Los Marismeños, 1982)
5. *Pasa la vida* (Albahaca, 1983)
6. *Que guapa está Sevilla* (Los Marismeños, 1974)
7. *Sevilla tiene un color especial* (Los del Río, 1991)

3.4. Huelva

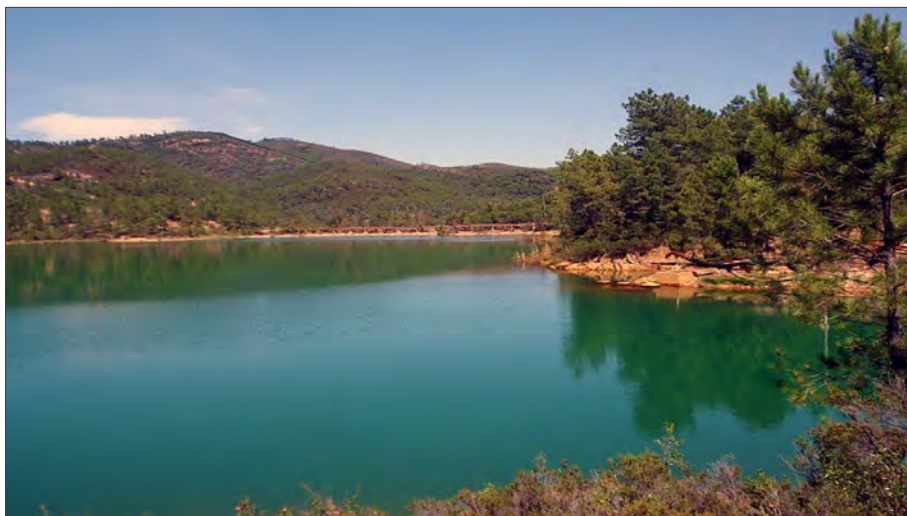


Figura 35 – Vista aérea da cidade de *Huelva*

Fonte: <http://www.huelva.es/turismo/index.php?lang=en>

A cidade de *Huelva* é banhada pelo Oceano Atlântico, possui extensas praias e tem uma paisagem característica de pinheiros e zimbros (Figura 35). Está situada a, aproximadamente, 450km de Madrid, na costa oeste da região da Andaluzia, chamada *Costa de la Luz* (Figura 36).



Figura 36 – Localização de *Huelva* na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Nos arredores de *Huelva* encontra-se o Parque Nacional de *Doñana* (Figura 37), declarado Reserva da Biosfera e Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 1994.

O Parque Nacional de *Doñana* está situado na parte sul da Província de *Huelva*, e estende-se por mais duas províncias, *Sevilla* e *Cádiz*. Trata-se da maior reserva biológica da Espanha e também de toda a Europa, contando com uma extensão de área protegida com mais de cinquenta mil hectares.

Nas diferentes estações do ano podem ser vistas mais de trezentas variedades diferentes de aves. Este é um lugar onde muitas espécies se reproduzem, além de uma das principais áreas de invernada para as aves do norte da Europa Central.

O parque também é o lar de animais únicos que estão em perigo de extinção, como a águia imperial e o lince ibérico. Para a visita, a entrada é gratuita e não é necessário fazer reserva.



Figura 37 – Lince ibérico no *Parque Doñana*

Fonte: Anne e Saturnino Miranda, por Pixabay

A cidade de Huelva já foi ponto de encontro de diferentes culturas e civilizações. Em 2006, em uma zona próxima do seminário da cidade, foram descobertos restos datados entre 3.000 e 2.000 a.C.

A descoberta de dois depósitos cilíndricos com cerca de trinta peças de idades pré-históricas, a maior conhecida até ao momento, fez com que o local fosse considerado “o povoamento mais antigo da Península Ibérica”.

Apesar disso, os historiadores concordam em assinalar o ano 1.000 a.C. como o da fundação do núcleo urbano, por parte dos fenícios, com o nome de *Onoba*. Consistia em um povoado de grande tamanho, que tinha trinta e cinco hectares, e que vivia da extração e comércio de minerais.

A cidade também já esteve sob domínio romano. Em 713 d.C., houve a conquista muçulmana e a cidade foi chamada de *Welba*, foneticamente próximo ao nome atual. Em 1262, d.C. a cidade foi tomada dos muçulmanos, durante as campanhas da Reconquista, também chamada de Conquista Cristã. Esse movimento ibérico-cristão, com início no século VIII, visava à recuperação das terras perdidas para os invasores árabes.

Em 3 de agosto de 1492, aconteceu a partida de Cristóvão Colombo do porto de *Huelva*, em busca de uma nova rota para as Índias. Porém, ele acabou chegando à América. Há controvérsias para as reais intenções sobre essa viagem.

Alonso Sánchez (também conhecido como Alonso Sánchez de Huelva) viveu no século XV. Foi um marinheiro e comerciante nascido em *Huelva*. Conta a lenda que ele chegou à América pelo menos vinte anos antes de Cristóvão Colombo e que os reis católicos não tinham como reivindicar a posse. Mas com a eleição do papa espanhol Alexandre VI, os reis obtiveram poder para realizar a viagem oficial e reivindicar a posse das novas terras.

Por esse motivo, existem alguns memoriais em *Huelva* para este navegador pioneiro pouco conhecido. Há um busto de Alonso Sánchez no parque da cidade e um parque menor com seu nome, assim como uma escola pública.

Em 1873, a exploração das minas do Rio Tinto (Figura 38), provocou um forte desenvolvimento da cidade, com a construção de estradas de ferro e a afluência de operários ingleses e suas famílias. A coloração avermelhada de suas águas se deve a elevadas concentrações de ferro.

Atualmente, *Huelva* tem 150 mil habitantes e suas fronteiras geográficas a leste e oeste são, respectivamente, *Sevilla* e o rio Guadiana, que divide a Espanha de Portugal.



Figura 38 – Rio Tinto nos arredores de *Huelva*

Fonte: Alfonso Cerezo, por Pixabay

Sobre a gastronomia de *Huelva*, assim como em toda a península Ibérica, o presunto ibérico, ou presunto de pata negra (Figura 39), é típico. É um presunto curado, produzido na Espanha e Portugal a partir do porco ibérico, que também se designa como porco de pata negra (porque ele tem o casco escuro) ou porco de raça alentejana.



Figura 39 – Presunto de Pata Negra

Fonte: Ben Kerckx, por Pixabay

Para a produção do presunto, o animal deve contar com um mínimo de 50% de pureza desta raça, para poder chamar-se “presunto ibérico”. As principais características que distinguem os presuntos ibéricos pela qualidade provêm da pureza da raça dos animais; da criação em regime extensivo de liberdade em locais arborizados, onde os animais se movem livremente; e o processo de cura, que se estende dos oito aos trinta e seis meses. O detalhe é que essa iguaria é degustada crua.

O presunto de pata negra representa cerca de 8% da produção de presunto na Espanha e atinge preços elevados, entre 50 euros por quilo, para os de menor qualidade, até 120 euros por quilo, para os de categoria superior.

Sobre a arte e cultura de *Huelva*, podem ser citados alguns artistas flamencos nascidos na cidade. Pepe Peregil, cantor, nasceu

em 1945 e morreu em 2012. Seu apelido (Peregil) é uma homenagem dele ao seu avô, cujo sobrenome era Perez Gil.

Em *Huelva*, também nasceu Gomez Manuel Velez, cigano guitarrista, mais conhecido no mundo da arte da guitarra com o nome artístico "*Manolo Huelva*". Nasceu em 1892, meia hora depois de seu irmão gêmeo, Aurelio. Manuel era tão magro que ninguém imaginaria que pudesse chegar aos 84 anos. Além de guitarrista, *Manolo Huelva* foi aprendiz de alfaiate e costurava seus próprios ternos.

Outro famoso artista que a cidade deu ao mundo foi Manuel Gonzalez Lora, mais conhecido por seu nome artístico *El Cojo de Huelva*. Nascido em 1900, morreu aos 55 anos, em um acidente automobilístico enquanto voltava para *Sevilla*, após uma festa em *Guadaira*.

Como representante feminina, Antonia Hernandez Peralta, mais conhecida como *Perlita de Huelva*, nasceu em 1939. *Perlita* foi cantora e dedicou sua vida ao flamenco. Ao longo de sua carreira, lançou trinta e sete álbuns, foi premiada com um disco de ouro e um de platina, ambos obtidos por seu famoso *hit Amigo conductor*, que foi até utilizado em campanhas no trânsito na Espanha. Hoje *Perlita*, já aposentada, vive em *Madrid*.

Como ponto turístico da cidade, destaca-se a Catedral de *Huelva*. Essa igreja é muito bonita. Na praça à sua frente, existem altos coqueiros e árvores, bem no estilo mediterrâneo.

Essa catedral serviu como uma capela para a adoração do convento de *Mercedarios Descalços*, e foi terminada em 1605. A igreja de *La Merced*, com sua aparência atual, é o resultado de um trabalho ao longo de três séculos e supõe-se que a fachada primitiva tivesse outro aspecto. A arquitetura que se vê hoje é renascentista, com aspectos barrocos e coloniais. O convento das *Mercês*, ao lado da catedral, funcionou de 1605 a 1844.

De 1844 até 1861, o convento transformou-se em instalações militares e, depois, abrigou uma escola de magistério e um hospital. Desde 1970, é declarada Patrimônio Histórico Artístico.

Hoje o convento deu lugar à Universidade de Huelva. Ela possui cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas, como direito, filosofia, administração e marketing, economia, história, sociologia, educação, artes, educação física, enfermagem, geologia, engenharias, física, biologia, química, matemática, psicologia e informática.

PLAYLIST HUELVA:

1. *Dos estrellas relucientes* (Camarón de la Isla, 1977)
2. *Huelva del alma mia* (Onuba, 1987)
3. *Fandangos del rio* (Niña Pastori, 1995).
4. *De pata negra* (Pepe Peregil, 1988)
5. *Amigo Conductor* (Perlita de Huleva, 1969)
6. *Andalucia* (Onuba, 1987)

3.5. Jerez de la Frontera



Figura 40 – Arquitetura moura característica de Jerez de la Frontera

Fonte: Pixabairis, por Pixabay

Jerez de la Frontera (Figura 40) é um município da província de *Cádiz*, no sudoeste da Espanha, situado no meio caminho entre o mar e as montanhas. *Jerez* fica a 15 km de *Cádiz*, que é no litoral (Figura 41).



**Figura 41 – Localização de Jerez de la Frontera
na Andalúcia, sul da Espanha**

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Jerez de la Frontera foi uma cidade romana, sob o nome de *Asta Regia*, usado para se referir a uma cidade antiga.

Provavelmente, o atual nome em castelhano veio por meio do nome árabe *Sherish*, que era designado a um famoso vinho fortificado, chamado *sherry*. Trata-se de um licoroso típico da Espanha, envelhecido no sistema de soleira, onde os barris são empilhados de forma que os vinhos mais antigos fiquem embaixo.

Esse vinho é produzido apenas em *Jerez* e em outras duas cidades vizinhas, região conhecida como triângulo dourado da Andaluzia. Ele é produzido em diferentes estilos, por uma mistura gradativa de vinhos novos com vinhos mais antigos. Cada qual tem características próprias e diferentes entre si.

Outros historiadores dizem que *Jerez* veio da palavra *Shiraz*, Pérsia. De *Sherish*, ou *Shiraz*, o nome em castelhano ficou

Jerez. A denominação de *Frontera*, em seu nome, refere-se à condição do local de ter sido fronteira entre as regiões dominadas por mouros e cristãos na Idade Média.

No início da Guerra Civil Espanhola, em 1936, era necessário um aeroporto para o transporte de tropas rebeldes do norte da África para a Espanha continental. Durante o conflito, um grupo de comerciantes de vinho levantou fundos para a construção de um aeródromo. E em 1946, o aeroporto, chamado de *Haya*, foi aberto ao público e a todo o tráfego aéreo turístico nacional e internacional, portanto, de militar passou a civil.

Uma famosa artista flamenca nascida em *Jerez* é *La Paquera*, já mencionada no Capítulo 2. A cidade a homenageou com um busto na praça *Nuestro Padre Jesús de la Sentencia*.

Em *Jerez* é possível encontrar vários monumentos históricos, como o Palácio de *Alcazár*, a Catedral de *Jerez*, a Prefeitura, construída em 1575, várias igrejas e um museu de arqueologia.

O *Alcazár de Jerez* (Figura 42) é uma antiga fortaleza moura, que hoje abriga um parque. Ele foi declarado Patrimônio de Interesse Cultural, em 1931. A primeira fortaleza foi provavelmente construída no século XI. No século XII, foi erguida uma nova estrutura, para ser usada como residência e fortaleza pelos governantes do sul da Espanha. Mais tarde, após a Reconquista da Andaluzia, foi a sede dos primeiros prefeitos cristãos.



Figura 42 – Palácio de Alcazár, em Jerez de la Frontera

Fonte: Anatolii Maks, por Pixabay

Próximo ao Alcazár, fica a Catedral de Jerez de la Frontera, que era conhecida como igreja de *San Salvador* e foi nomeada como Catedral apenas em 1980 (Figura 43). O edifício foi construído em cima de uma mesquita árabe em 1695 e essa construção só terminou em 1778. No século XVIII, o telhado desabou e teve que ser reconstruído.



Figura 43 – Catedral de Jerez de la Frontera

Fonte: Pixabairis, por Pixabay

A catedral é um edifício de estilo gótico que tem elementos barrocos e neoclássicos. A fachada da catedral é muito impressionante. Diz-se que foi a última igreja gótica construída na Espanha

Além de ser conhecida pelos monumentos históricos, Jerez é considerada a capital do hipismo, com exposições de cavalos espanhóis da Escola Real Andaluza de Arte Equestre (Figura 44). Essa é uma instituição dedicada à conservação das habilidades ancestrais do cavalo andaluz, também conhecido como o cavalo espanhol *Pure*, que é uma raça de cavalos da Península Ibérica e tem sido reconhecida como uma raça pura desde o século XV, mantendo as tradições clássicas do barroco espanhol. A Escola Real de Arte Equestre é comparável à Escola de Equitação de Viena, na Áustria.

Desde o século XX, é realizada a Feira do Cavalo, em Jerez, em maio. Declarada de *Interesse Turístico Internacional*, é um dos destaques da cidade.



Figura 44 – Escola Real Andaluza de Arte Equestre, em *Jerez de la Frontera*

Fonte: Pablo Valerio, por Pixabay

Jerez ainda se destaca no esporte automobilístico. O Circuito Permanente de *Jerez* (Figura 45) é um autódromo da Espanha que faz parte do calendário da Moto GP. O circuito de *Jerez* tem pouco mais de 4 km e começou a ser utilizado em 1986. A pista de *Jerez* sediou cinco Grandes Prêmios da Espanha de Fórmula 1, de 1986 até 1990. O saudoso Ayrton Senna ganhou em *Jerez*, em 1986, pela Lotus-Renault, e em 1989, pela McLaren-Honda. Além disso, o circuito abrigou duas vezes o *Grande Prêmio da Europa*, em 1994 e 1997.

Atualmente, serve para testes para as equipes de Fórmula 1, corridas da V8 Supercars, Fórmula Ford e Carrera Cup.



Figura 45 – Circuito Permanente de Jerez, em Jerez de la Frontera

Fonte: Edinikolic, por Pixabay

A cidade ainda abriga o Centro Andaluz de Flamenco, que está localizado no Palácio Pemartín e dispõe de uma biblioteca, exposições, filmes e demonstrações ao vivo da arte flamenca.

Jerez é considerada pelos especialistas como a cidade dos melhores guitarristas, bailarinos e cantores, exportando sua história do flamenco para o resto do mundo, como José Mercé, Lola Flores, La Paquera de Jerez, El Capullo, Manuel Morao e seu filho, Chico Moraito.

PLAYLIST JEREZ DE LA FRONTERA:

1. *Si me quieres escribir* (Marina Rosell, 2003)
2. *Mi canto por Bulerías* (La paquera de Jerez, 1960)
3. *Dime* (Leo de la Rosa, 2010)
4. *Caballo Viejo* (Maria Dolores Pradera, 1984)
5. *Bulerías* (Manuel Torre, 1994)
6. *La vida sale* (José Mercé, 2000)

3.6. Cádiz



Figura 46 – Litoral de Cádiz, no sul da Espanha

Fonte: Pablo Valerio, por Pixabay

Cádiz (Figura 46) se localiza perto de *Jerez de la Frontera* (Figura 47) e também exporta muitos talentos, como Manuel de Falla.



Figura 47 – Localização de Cádiz na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Por estar no Oceano Atlântico, a cidade tem um grande porto comercial e industrial. Devido ao porto, Cádiz possui indústrias variadas, como fabricação de bebidas alcoólicas, conservas, sapatos, perfumes e tabaco, além do turismo, pois acomoda belas praias.

A cidade de Cádiz foi fundada pelos fenícios, cerca de 1100 anos antes de Cristo, com o nome de *Gadir*, que significava ‘forte muralha’. Em Cádiz, os fenícios construíram um templo em homenagem ao deus *Melqart*, que era associado a Hércules na mitologia grega. Quando os gregos chegaram ao local, o templo já havia sido destruído, mas ainda restavam os grandes pilares, que deram origem à lenda de que a cidade havia sido fundada por Hércules após matar o monstro Gerião, que tinha três cabeças. As pessoas da época acreditavam que, no morro a leste de Cádiz, estava enterrado esse monstro. Os gregos chamavam a cidade de *Gadira*.

Depois, vieram os cartagineses e, logo após, os romanos, que chamavam a cidade de *Gades*. No século V, os visigodos destruíram vários templos e monumentos da cidade antiga. Do século VIII ao século XIII, os mouros dominaram a região e a cidade era chamada de *Qadis*. Em 1262, Alfonso X, do reino de *Castilla*, tomou a cidade, que passou a se chamar *Cádiz* (Figura 48).



Figura 48 – Rua típica em Cádiz

Fonte: Lacherlott, por Pixabay

O maior atrativo da cidade é, sem dúvida, sua orla. A praia de *La Caleta* (Figura 49) é a mais romântica de Cádiz. Essa praia tem beleza inigualável, está perto da cidade velha e fica entre dois fortes militares: *San Sebastián*, do século XVIII, e *Santa Catalina*, do século XVI.

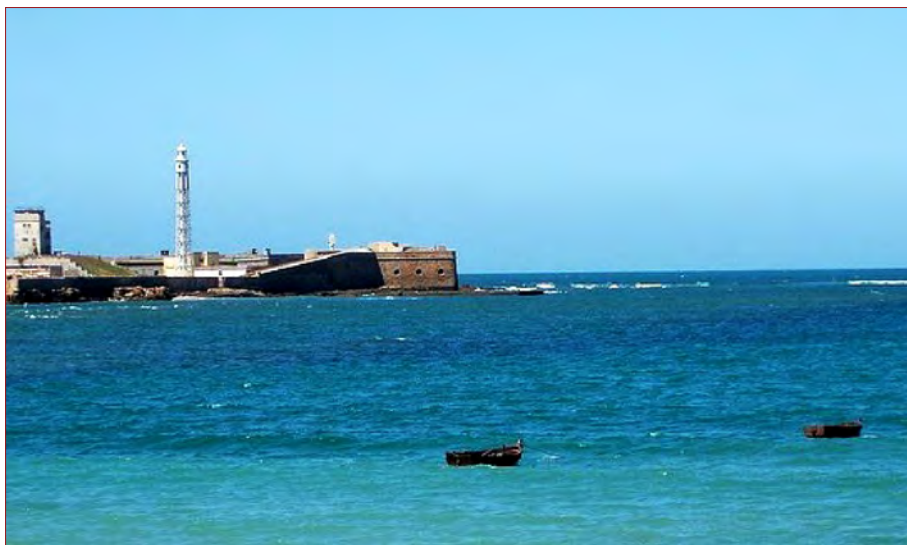


Figura 49 – Praia de *La Caleta*, em *Cádiz*

Fonte: Pixabay

A praia tem perto de quatrocentos metros de extensão e trinta metros de largura de areia. *La Caleta* tem muita semelhança com *Havana*, em Cuba, e até serviu de set de filmagem para um filme do *James Bond*: “007 – Um novo dia para morrer”, de 2002.

Além da praia de *La Caleta*, na parte mais nova de *Cádiz* há a praia mais badalada atualmente, a praia de *La Victoria*. Ela tem três quilômetros de extensão e uma média de cinquenta metros de largura de areia. É separada da cidade por uma avenida beira-mar, onde existem várias lojas e restaurantes. Outro ponto pitoresco é a praia de *Santa Maria del Mar* ou *Prainha de Las Mujeres*, que é uma pequena extensão de litoral entre a praia de *La Caleta* e a praia de *La Victoria*, com excelentes vistas da cidade.

Um ponto turístico muito visitado é a famosa Catedral de *Cádiz* (Figura 50), que originalmente foi construída em 1260, mas que, em 1596, foi parcialmente destruída por um incêndio.

A reconstrução iniciou-se em 1776, pelo mesmo arquiteto que fez a catedral de *Granada*.

Essa reconstrução durou cento e dezesseis anos e foi sendo edificada por vários arquitetos. O projeto inicial, que era barroco, acabou dando lugar para uma construção neoclássica. Na área interior, existem muitas pinturas e relíquias da antiga catedral e de monastérios de toda a Espanha, além de ter o corpo do compositor Manuel de Falla, enterrado na cripta da catedral. Essa cripta é uma construção subterrânea de pedra, que era feita nas igrejas mais antigas para enterrar pessoas importantes.

Manuel de Falla nasceu em *Cádiz*, em 1876, e morreu em 1946, na Argentina. Seus restos mortais foram levados para a catedral de *Cádiz* em 1947.



Figura 50 – Catedral de *Cádiz*

Fonte: Qrry, por Pixabay

Cádiz também tem monumentos peculiares, como as Portas ou Arcos, originárias da época medieval, quando a cidade era cercada por uma muralha.

Las Puertas de Tierra são do século XVI, embora a maior parte do trabalho original tenha desaparecido. Apesar de consistirem de várias camadas de paredes, apenas uma destas permanece até hoje.

No início do século XX, foi necessário remodelar a entrada para a *Cidade Velha*, para acomodar o tráfego moderno. Hoje em dia, os dois arcos, lado a lado, servem como uma das entradas principais para a cidade.

El Arco de los Blancos é a porta para o distrito de *Pópulo*, construída por volta de 1300. Essa foi a principal porta para a cidade medieval. O portão teve seu nome em homenagem à família de Felipe Blanco, que construiu uma capela dedicada à *Virgen de los Remedios* (hoje inexistente), acima do portão.

El Arco de la Rosa (Figura 51) é uma porta esculpida nas paredes medievais ao lado da catedral. Seu nome é em referência ao capitão Gaspar de La Rosa, que viveu na cidade durante o século XVIII. O portão foi restaurado em 1973.



Figura 51 – Arco de la Rosa, em Cádiz

Fonte: Antonio Garcia Prats, por Pixabay

Mais antigo que as *Puertas*, a cidade possui um sítio arqueológico – o Teatro Romano de Cádiz. Ele foi descoberto em 1980, no bairro de *El Pópulo*, depois de um incêndio ter destruído alguns armazéns antigos, revelando uma camada de construção, que foi considerada as bases de alguns edifícios medievais.

As fundações destes edifícios foram construídas, por sua vez, sobre pedras muito mais antigas, de pedra calcária talhada à mão. Escavações sistemáticas têm revelado um teatro romano em grande parte intacto.

Além do turismo natural e histórico, Cádiz oferece opção de estudos por meio da Universidade de Cádiz – UCA, a maior da Andalucía, com quarenta e um cursos de graduação, entre licenciaturas, bacharelados e engenharias. A universidade também oferece mestrados e doutorados.

PLAYLIST CÁDIZ:

1. *Sólo quiero caminar* (Paco de Lucía e Pepe de Lucía, 1981)
2. *Nothing else matter “Bulerías”* (Adriano Lozano, 2012)
3. *Tanguillos de Cádiz* (Chano Lobato, 1999)
4. *Danza ritual del fuego* (Manuel de Falla, 1986)
5. *Mandam alaik* (Noal al Zoghby, 1998)
6. *Cádiz* (Ecos del Rocío, 1983)

3.7. San Fernando

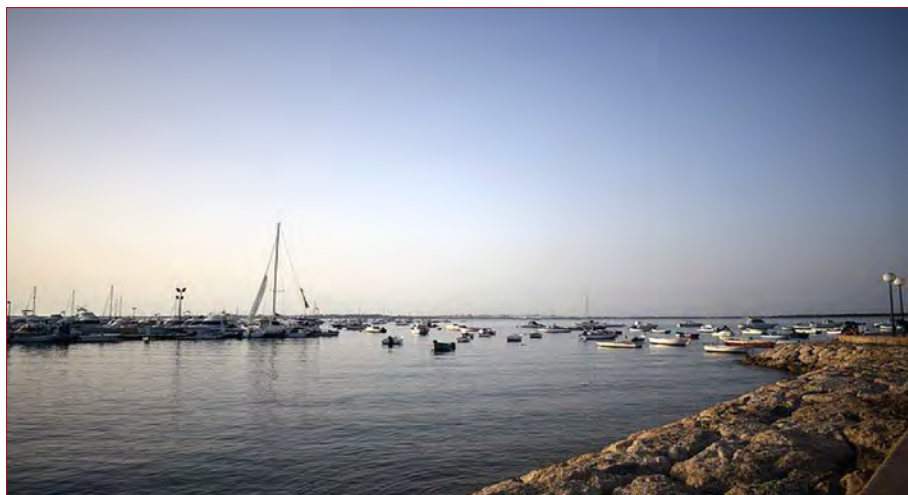


Figura 52 – Litoral de *San Fernando*

Fonte: José Ramón, por Pixabay

San Fernando é um município litorâneo, com quase cem mil habitantes (em 2016), na província de *Cádiz*, no sul da Espanha. Por ser em uma ilha bem junta à costa no Oceano Atlântico, a ponte *Suazo* liga a cidade ao continente (Figura 52). A cidade encontra-se situada a uma altitude de oito metros e a quatorze quilômetros da capital da província, *Cádiz* (Figura 53).



**Figura 53 – Localização de San Fernando na
província de Cádiz, sul da Espanha**

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

O primeiro nome deste lugar foi “*La Isla de León*”, devido a Ponce de León, que foi o primeiro que deu a vida a esta cidade, no século XV. Já no século XIX, o rei Fernando VII foi o homenageado, em reconhecimento à resistência que foi imposta à invasão napoleônica. Atualmente, *San Fernando* é uma cidade conhecida como simplesmente “La Isla”.

Ao longo dos anos, *San Fernando* tem sido uma cidade ligada à construção naval e à indústria salina, sendo ambas muito significativas para a sua economia. A tipologia da cidade é semelhante a das típicas povoações andaluzas. As casas têm portas e fachadas tradicionais e as janelas são de ferro.

O castelo de *Sancti Petri*, uma bela atração turística, é uma fortaleza de caráter defensivo localizada em uma ilha (Figura 54).



Figura 54 – Castillo Sancti Petri

Fonte: Stain_Marylight, em Pixabay

Um grande artista flamenco nascido em San Fernando foi José Monge Cruz, mais conhecido como *Camarón de la Isla*. Ele foi o mais popular e influente cantor de flamenco do período moderno. Embora o seu trabalho tenha sido criticado pelos tradicionalistas, é considerado de grande importância por mostrar às gerações mais novas a cultura do flamenco.

Em *San Fernando*, há uma estátua de bronze de 1,75m de *Camarón*, inaugurada em 1993, um ano após sua morte, na praça *Camarón da la Isla*.

Dizem algumas lendas que *Camarón* fazia milagres. Um dia, *Camarón* chamou ao palco uma menina para cantar junto com ele e essa menina veio a se tornar *Niña Pastori*. María Rosa García García, mais conhecida como *Niña Pastori*, também nasceu em *San Fernando*. Filha de cantora flamenca e fortemente influenciada por *Camarón de la Isla*, gravou seu primeiro disco ainda adolescente, com o apoio do *madrileño*, Alejandro Sanz.

Outra filha ilustre de *San Fernando* é Sara Baras, já apresentada em capítulo anterior.

Dentre o patrimônio histórico de *San Fernando*, se sobressai o Castelo de *San Romualdo*, uma fortaleza medieval. Na cidade também tem a Igreja *Mayor*, do século XVIII, onde se realizaram, em 1810, os juramentos dos deputados das primeiras Cortes Constituintes da Espanha; e o *Museo Naval*, também da mesma época, que fica no edifício neoclássico *Rey Carlos III*.

O Museu Naval foi construído em 1843, mas o museu atual foi inaugurado em 1992. Entre suas funções estão as de adquirir, investigar, conservar, comunicar e exibir coleções de valor histórico, artístico, científico e técnico relacionados com a atividade naval. Seus fundos procedem, em sua maioria, de *Cádiz*, do Museu Naval de Madri e de coleções particulares, que se distribuem em quinze salas. Destacam-se as salas dedicadas à Arqueologia Submarina, às Oferendas Marinhas, aos Objetos Religiosos e ao Folclore. Também existe uma sala de temas monográficos que se renovam periodicamente.

San Fernando conta também com diversas praias, entre elas as de *Camposoto* e a *Playa del Castillo*. O caminho para se chegar em *Camposoto* é muito interessante, é preciso atravessar um trecho inundado pelas marés. Esta praia é muito extensa e, por isso, é de fácil estacionamento. Possui vários acessos por passarelas de madeira, para a travessia do pequeno riacho que se forma com a maré, para que se possa chegar às areias da praia.

Já para se chegar à *Playa del Castillo* é necessário atravessar a pé a praia de *Camposoto*, ou ir nadando, pois uma praia fica de frente para a outra. A *Playa del Castillo* se localiza dentro da Paisagem Natural de *Sancti-Petri* e se converteu em uma das praias mais apreciadas da região, pois se conserva em um

estado natural, onde sua vegetação se confunde com a areia de excelente qualidade.

A gastronomia local gira em torno de peixes e frutos do mar. A cidade é rodeada pelo mar e por inúmeros córregos que produzem uma grande variedade de espécies de peixes: linguado, tainha, enguia, entre outros. Ao longo dos córregos, são produzidos mariscos, camarões, caranguejos e outras iguarias (Figura 55).

Outro elemento único de *San Fernando* é o crustáceo *Bocas de la Isla*. É um tipo de caranguejo que tem um sabor muito peculiar, do qual, se lhe cortarem as pinças, estas crescem novamente. Suas pinças podem medir entre quatro e sete centímetros e pesam cerca de vinte gramas. No interior da carapaça, a carne é comestível e tem delicioso sabor.

Este caranguejo, que pode medir cerca de doze centímetros de largura, também é chamado de “Violinista Africano”, porque se encontra por quase toda a costa oeste africana, embora seja muito comum na Baía de Cádiz e em *San Fernando*.



Figura 55 – Frutos do mar típicos da gastronomia em *San Fernando*

FONTE: Nadine Doerlé, por Pixabay

PLAYLIST SAN FERNANDO:

1. *Isla mujeres* (Javier Ruibal, 2001)
2. *Soy gitano* (Camarón de la Isla e Tomatito, 1989)
3. *Capricho de mujer* (Niña Pastori, 2009)
4. *Y solo se me ocurre amarte* (Niña Pastori e Alejandro Sanz, 2001)
5. *Cuando te beso* (Niña Pastori, 2011)
6. *La llama del amor* (Niña Pastori e Andy & Lucas, 2004)
7. *Por tu amor me duele el aire* (Javier Ruibal, 2011)

3.8. Algeciras

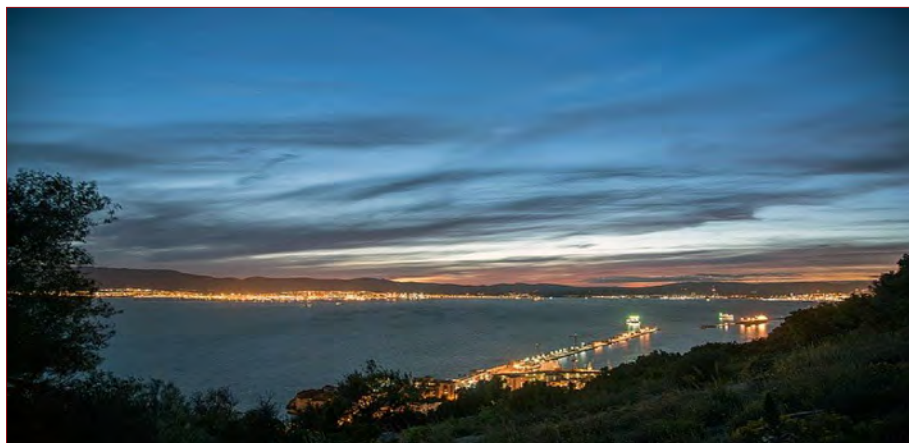


Figura 56 – Vista de Algeciras

Fonte: Manolo Franco, por Pixabay

Algeciras (Figura 56) é uma cidade portuária do sul da Espanha, situada na província de *Cádiz*, com pouco mais de cento e vinte mil habitantes (em 2016).

Algeciras localiza-se perto da cidade Gibraltar, que, embora seja situada no Sul da Espanha, é considerada um território britânico ultramarino, pertencente ao Reino Unido. *Algeciras* também fica perto de Tarifa, que é a cidade mais a sul da Europa continental. Ambas as cidades estão situadas no Estreito de Gibraltar e *Algeciras* fica de frente para o Mediterrâneo, na chamada *Costa del Sol* (Figura 57).



Figura 57 – Localização de *Algeciras* na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

O nome *Algeciras* é derivado do árabe “*al-jazeera*” (a ilha), devido à colonização desses povos na Península Ibérica, por volta do ano de 710 d.C. *Al-jazeera* é um nome muito conhecido na atualidade por ser um canal de televisão do Catar.

De *Algeciras*, o mundo recebeu de presente o genial guitarrista Paco de Lucía, de quem já falamos no capítulo anterior.

Começando a visita a *Algeciras*, pode-se conhecer o Museu Municipal, de entrada gratuita, que se divide em sete salas que contam a história da cidade. A exposição mostra desde o passado mais remoto, como a cultura pré-histórica, até a *Algeciras* contemporânea, passando pela época fenícia, romana, visigoda, bizantina e islâmica.

Pela linha cronológica, *San Isidro* é o bairro mais antigo da cidade, com ruas estreitas e íngrimes. Entre os monumentos da cidade, cabe citar a capela de *Nuestra Señora de Europa*, do século XVII, e a igreja de *Nuestra Señora de la Palma*, do século XVIII.

A cidade conta também com magníficas praias, como *El Rinconcillo*, de 4.200m de extensão. Essa é a maior e mais frequentada delas, por suas areias douradas e mar calmo. Grande parte da costa dessa região (23 km), no entanto, é dedicada ao uso industrial, devido à tradição marinha de *Algeciras*.

A cidade natal do gênio Paco de Lucía não é uma cidade grande, mas é muito charmosa. No centro da cidade, fica a *Plaza Alta*, de onde partem as mais movimentadas ruas, como a *Calle Ancha*. Neste local, frequentemente, são realizadas as manifestações e festas populares, como a Semana Santa, o ano novo ou a festa de todos os santos.

Essa praça já teve vários nomes, e cada um conta um pouco da história da cidade e da Espanha. Originalmente, em 1725, ela era chamada de Praça Alta, mas depois mudou-se para Praça do Almirante, Praça do Rei, Praça da Constituição, Praça do Reinado, Praça da República, Praça do General Franco e, finalmente, Praça Alta novamente.

A cidade também empresta o nome para acordos de paz e operações bélicas. A Conferência de Algeciras, em 1906, teve o propósito de mediar a primeira crise marroquina entre a França e a Alemanha e assegurar o pagamento de um empréstimo concedido pela Alemanha ao Sultão, em 1904.

Nesta época, a França tinha a influência sobre o Marrocos. A Alemanha, contudo, mostrou interesse em estabelecer um protetorado em Marrocos, o que colidia com os interesses franceses. O *Kaiser* Guilherme II chegou a desembarcar em Tânger, no Marrocos, em 31 de março de 1905, e estabeleceu contatos diplomáticos com os ministros do Sultão, Abdul-Aziz, em sequência dos quais se propôs a realização de uma conferência internacional, que foi realizada em Algeciras. A disputa terminou claramente a

favor dos interesses franceses, ainda que tivessem sido assegurados os investimentos feitos pela Alemanha no território.

Em 1983, a Guerra das Malvinas consistiu em um conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido pela soberania de três ilhas localizadas em território Argentino, no extremo sul. A Operação Algeciras foi um plano, que não deu certo, concebido pelos militares argentinos para enviar “Montoneros” para sabotar as instalações militares britânicas em Gibraltar durante o conflito. O plano falhou porque a inteligência britânica tornou-se ciente da missão e informou o governo espanhol, que prendeu os argentinos. O saldo final da guerra foi a recuperação do arquipélago pelo Reino Unido e a morte de 649 soldados argentinos, 255 britânicos e três civis das ilhas.

Atualmente, o moderno porto de *Algeciras* (Figura 58) é o vigésimo quarto mais movimentado do mundo, o quinto da Europa e o primeiro do Mar Mediterrâneo e da Espanha, com bastante tráfego para África. No porto, existe uma linha regular de navios porta-contêineres para a América do Sul (Santos, Montevideu, Buenos Aires) e um serviço regular de ferry-boats para Tânger (Marrocos) e para Ceuta, que é um território espanhol na África, ao lado do Marrocos. Também há uma área reservada para embarcações esportivas.

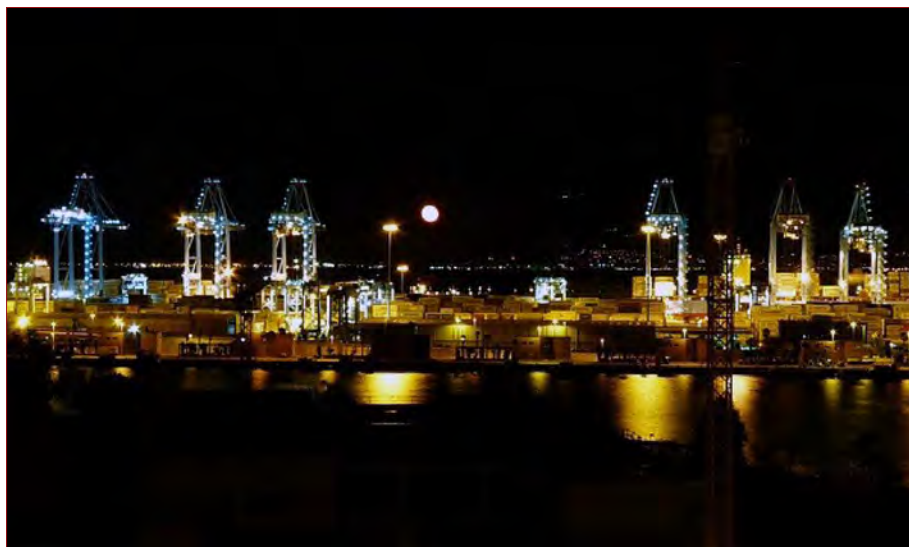


Figura 58 – Porto de Algeciras

Fonte: Janamathes, por Pixabay

Uma importante indústria na cidade é a refinaria da Cepsa (empresa portuguesa de produtos petrolíferos), que fornece tanques na baía de Algeciras e que se desloca para as águas de Gibraltar, a fim de vender o combustível com taxas mais baratas.

Para contemplação, o *Dársena del Saladillo* é muito procurado, por suas belas paisagens ao longo de passarelas sobre o Mar Mediterrâneo.

PLAYLIST ALGECIRAS:

1. *Soniquete* (Paco de Lucía, 1993)
2. *Peroche* (Paco de Lucía e Sextet, 1993)
3. *Spanish Rumba* (Paco de Lucía, Al di Meola e John McLaughlin, 1981)
4. *Mi inspiración* (Paco de Lucía, 1971)
5. *Guajiras de Lucia* (Paco de Lucía, 1971)
6. *Alta Mar* (Paco de Lucía e Sextet, 1984)

3.9. Málaga



Figura 59 – Vista de Málaga

Fonte: Alfonso Cerezo, po Pixabay

Málaga (Figura 59) está localizada na *Costa del Sol*, sul da Espanha, no litoral norte do Mar Mediterrâneo.

A cidade encontra-se aos pés dos Montes de *Málaga*, a cerca de cem quilômetros do estreito de Gibraltar e cerca de cento e trinta quilômetros do norte de África (Figura 60).



Figura 6o – Localização de Málaga na Andalúcia, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Málaga encontra-se em latitude similar a de cidades como Argel, na Argélia; Tunis, na Tunísia; e Fresno, na Califórnia, Estados Unidos. O clima da região é subtropical-mediterrânico, com invernos amenos e verões muito quentes.

A localidade tem muito sol durante todo o ano, com uma média de trezentos dias de sol e apenas cinquenta dias com chuva. Por sua localização costeira, os ventos que sopram do mar Mediterrâneo fazem o calor ficar suportável durante o verão.

Consequentemente, *Málaga* tem invernos quentes, com temperatura média durante o dia de 17-18° C. Durante o inverno, os *Montes de Málaga* bloqueiam o clima frio do norte.

Com esse clima, a vegetação de Málaga é exuberante (Figura 61). É uma das poucas cidades na Europa que mantém o verde durante o ano todo. O Parque Natural Montes de Málaga, ao norte da cidade, é uma boa opção para se ter esse contato com a natureza.



Figura 61 – Áreas verdejantes em Málaga

Fonte: Manfred Zajac, por Pixabay

Ao sul e sudeste da cidade destacam-se as lindas praias mediterrâneas, de onde é possível fazer passeios de cruzeiro. Saindo do porto a pé, pode-se chegar até o morro do *Castelo Gibralfaro*, que oferece vistas panorâmicas sobre a cidade. O castelo fica ao lado do *Alcazaba*, o antigo palácio muçulmano, que por sua vez fica ao lado do centro da cidade de Málaga.

Ali perto também se avista o *Paseo del Parque*, uma avenida que corre ao lado de um grande parque com muitas palmeiras e estátuas, terminando na *Calle Larios*, a principal rua comercial da cidade.

Sobre a história de Málaga, sabe-se que os fenícios fundaram a cidade em cerca de 770 a.C. O nome, originalmente *Málaka*, provavelmente é derivado da palavra fenícia para “sal”, que se pronunciava *Málah*, pois na época eles salgavam peixes perto do porto da região.

Após um período de domínio cartaginês, *Málaka* tornou-se parte do Império Romano. Na sua fase romana, a cidade mostrou um notável grau de desenvolvimento. O Teatro Romano (Figura 62), ainda existente na cidade, foi construído naquela época.



Figura 62 – Teatro Romano de *Málaga*

Fonte: Edwin Surbeck, por Pixabay

Após a queda do Império Romano do Ocidente, o local foi governado por visigodos e depois pelo Império Bizantino.

No século VIII d.C., durante o domínio árabe muçulmano sobre a Espanha, a cidade se tornou um importante centro de comércio. Naquele tempo, foi construída a mesquita, que ainda resiste ao tempo em *Málaga*, assim como outras várias edificações de arquitetura mourisca (Figura 63).

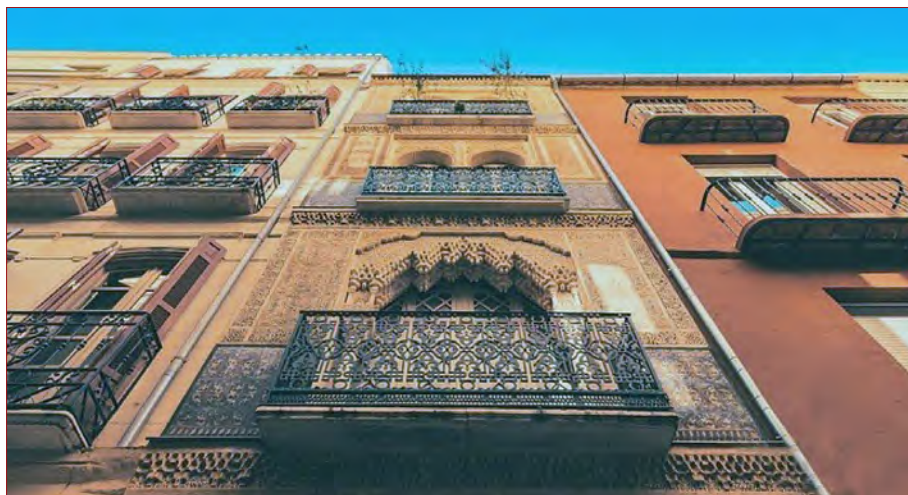


Figura 63 – Arquitetura mourisca em Málaga

Fonte: Ddzphoto, por Pixabay

Outras atrações, próximas ao Teatro Romano, são o antigo bairro judeu, a Catedral (Figura 64) e a Igreja de Santiago.



Figura 64 – Catedral de Málaga

Fonte: Manolo Franco, por Pixabay

Para abrigar tanta história, a cidade acomoda diversos museus, a escolher:

- *Museo de Málaga* (Figura 65);
- *Centro Pompidou* (Figura 66);
- *Museo Picasso Málaga*: localizado no *Palácio de los Condes de Buenavista*;
- *Fundación Picasso*;
- *Museo Carmen Thyssen*: localizado no *Palácio de Villalón*;
- *Museo de Málaga de Artes e Arqueologia*: no *Palácio de la Aduana*;
- *CAC Málaga*: museu de arte moderna, o mais visitado da *Andalucía*;
- *Museu do Automóvel de Málaga*;
- *Museu do Vidro e Cristal*;
- *Museu Interativo da Música*;
- *Museu do Vinho*;
- *Museu de Artes e Tradições Populares*;
- *Museu da Semana Santa*.



Figura 65 – Museo de Málaga

Fonte: Jaceko, por Pixabay



Figura 66 – Centro Pompidou

Fonte: Cotermianbanyelo, por Pixabay

Como provavelmente já observado nos nomes dos museus, o artista Pablo Picasso nasceu em *Málaga* (em 1881, e morreu em 1973). Ele teve vários amores, mas oficialmente casou-se duas vezes. Teve quatro filhos: Paulo, com sua primeira esposa; Maya, com a amante Marie Terese; e Claude e Paloma com outra amante, Françoise. Não teve filhos com sua segunda esposa, Jaqueline.

Em *Málaga*, há pelo menos duas estátuas representando Picasso. Uma na *Plaza de la Merced*, do artista Francisco López Hernández, chamada “O retrato do pintor Pablo Picasso”; e outra em *Torremolinos*, por Salvador García.

Outro famoso artista *malagueño* é Antonio Banderas, que nasceu em 10 de agosto de 1960. Banderas, quando criança, queria ser jogador de futebol, mas aos quatorze anos quebrou o pé e desistiu da ideia. Começou, então, a atuar no teatro, por influência de sua mãe, que era professora de teatro.

Depois que conheceu e trabalhou com Pedro Almodóvar, Antonio Banderas nunca mais foi o mesmo. Em 1991, Madonna apresentou Banderas para o mundo, quando disse em um documentário que seu sonho era seduzir Antonio Banderas, mesmo sabendo que ele era casado. Melanie Griffith é sua segunda esposa, e com ela tem uma filha, Stella. Banderas já participou de oitenta filmes, incluindo a dublagem do Gato de Botas, de Shrek. Como diretor, já fez três filmes e também canta nas horas vagas.

E para encerrar a visita a *Málaga*, pode-se conhecer um pouco sobre as festas. A celebração da Semana Santa, a Feira de *Málaga* e o Festival de Cinema de *Málaga* são os três principais eventos realizados na cidade.

A Semana Santa de *Málaga* tem sido comemorada por cerca de cinco séculos. As procissões começam no Domingo de Ramos e continuam até o domingo de Páscoa. Imagens que retratam

cenas da Paixão são exibidas em grandes troncos ornamentados, enquanto tambores e trombetas dão o ritmo da cerimônia.

Durante a celebração da Feira de *Málaga*, em agosto, as ruas se transformam em símbolos tradicionais da cultura e história espanhola, com vinho doce, tapas e espetáculos de flamenco. Durante o dia, pode-se ver os shows de dança e música flamenca, além de touradas na praça de touros *La Malagueta* (Figura 67). À noite, a festa continua no Recinto Ferial, composta por restaurantes, clubes e um recinto de feiras com passeios, artesanatos e jogos.

Outro grandioso evento é o Festival de *Málaga Cine Español*, dedicado exclusivamente para filmes produzidos na Espanha. É realizado anualmente, durante uma semana em abril. Em 2017, foi concedida uma menção honrosa a Antonio Banderas.



Figura 67 – Plaza de Toros de Málaga

Fonte: Juan José Berhó, por Pixabay

PLAYLIST MÁLAGA:

1. *Montes de Málaga* (Enrique Morente e Estrella Morente, 2008)
2. *Malagueña Salerosa* (trilha sonora do filme *Kill Bill 2*, 2004)
3. *Gitana* (Shakira, 2009)
4. *O Fantasma da Ópera* (Sarah Brightman e Antonio Banderas, 1998)
5. *Adiós Málaga* (Enrique Morente, 2008)

3.10. Granada



Figura 68 – Vista do *Palácio de Alhambra*, em Granada; ao fundo, a *Sierra Nevada*

Fonte: David Mark, por Pixabay

Ao pé da *Sierra Nevada*, avista-se a bela e verdejante *Granada* (Figura 68), que fica a 418 km de *Madrid* ao sul, em uma depressão formada pelo rio Genil, entre várias colinas (Figura 69).



Figura 69 – Localização de *Granada* na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

A origem do nome da cidade é controversa. Alguns afirmam que *Granada* vem do árabe *Gar-anat* (que significa colina de peregrinos) (Figura 70); outros dizem que vem do latim *granatum* (romã, que em espanhol é *granada*). Há também uma lenda fantástica muito antiga que atribui a origem do nome a uma filha de Noé de nome *Grana*.



Figura 70 – Vista panorâmica de Granada

Fonte: Yanko Peyankov, por Pixabay

Como as demais cidades andaluzas, *Granada* possui arquitetura árabe medieval (Figura 71), com misteriosas ruelas e banhos públicos.



Figura 71 – Arquitetura árabe medieval, em *Granada*

Fonte: Frank Nürnberger, por Pixabay

A visita a *Granada* pode ser iniciada pelo ponto turístico mais conhecido: o *Palácio de Alambra* (Figura 72). Declarado Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 1984, é, sem dúvida, o monumento mais emblemático de *Granada* e também de toda a Espanha. É composto por uma zona defensiva, de carácter militar, a *Alcazaba*; outra, de carácter residencial e representativo, os *Palácios Nasridas*; e uma última, de lazer, o *Generalife*, composto por um palácio, jardins, hortas e fontes.

O conjunto atualmente existente é resultado de muitos séculos de ampliações e de destruições. As primeiras obras de construção do palácio militar devem-se ao fundador da dinastia nasrida, Muhammad I, no século XIII. Entretanto, já existia no local uma fortificação anterior no local pelo menos desde o século IX.

Todos os governantes do *Reino de Granada* adicionaram elementos ao complexo. Após a conquista castelhana da cidade,

durante o reinado de Carlos V, foram realizadas as maiores modificações, destruindo-se parte do palácio nasrida para erigir o chamado Palácio de Carlos V. Este último, cuja construção foi iniciada em 1533 e só terminou completamente em 1957, é uma das obras mais relevantes do Renascimento espanhol.



Figura 72 – Interior do Palácio de *Alhambra*, em *Granada*

Fonte: Shrutimkrishnan, por Pixabay

Depois de conhecer o *Palácio de Alhambra*, que é todo construído em pedra e tem infinitos entalhes mouros, o próximo ponto de parada obrigatório é o *Generalife*, que fica logo atrás do palácio.

O *Generalife* é uma zona de jardins e hortas anexas à *Alhambra* que foi convertida em lugar de recreio e descanso dos reis granadinos muçulmanos, quando estes queriam fugir da vida oficial do palácio. É constituído por um palacete e vários jardins românticos, passeios e mirantes (Figura 73).

Começou por ser uma horta criada por iniciativa de Muhammad II, sem as funções de lazer que teria mais tarde. A ampliação de 1319 incluiu a canalização de água procedente do vizinho rio Darro e, com ela, a construção de fontes e sistemas de irrigação. O espaço ocupado pelos jardins em volta de terraços é delimitado por muros altos, no mais clássico modelo de jardim privado presente na cultura medieval.

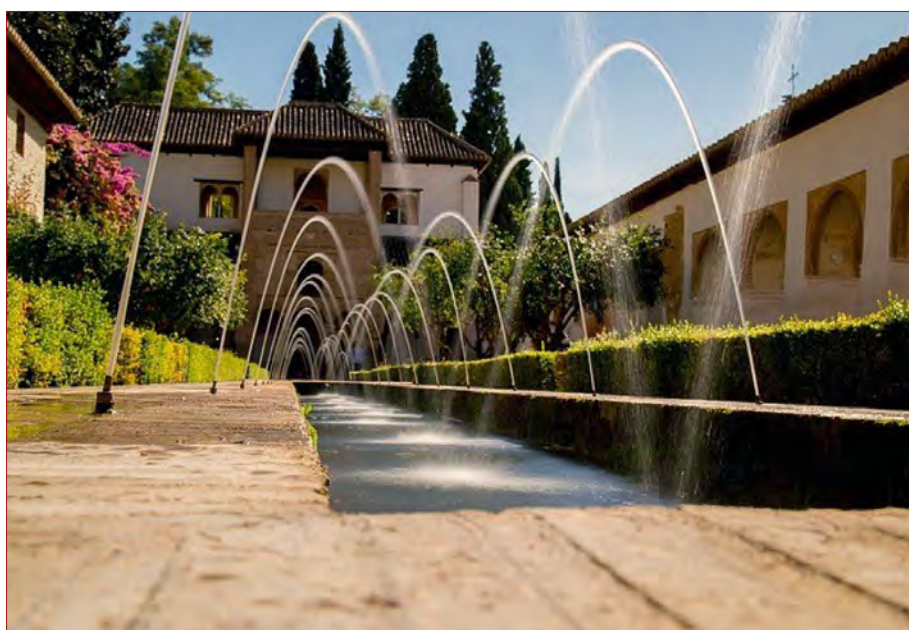


Figura 73 – Jardins de *Generalife*, em *Granada*

Fonte: Granadandyou, por Pixabay

Logo abaixo do palácio de *Alambra*, nas margens do rio Darro, fica o bairro *Sacromonte*. Esse é um lugar muito pitoresco, pois tem casas escavadas na encosta, que constituem a habitação tradicional do bairro (Figura 74). A origem dessas construções não é certa, mas supõe-se que começaram a ser construídas a partir do século XVI, quando a população judia e muçulmana

foi expulsa das suas casas, e tiveram que se juntar aos ciganos de costumes nômades.



Figura 74 – Interior de uma *cueva*, em *Sacromonte*, *Granada*

Fonte: Manuel Ramallo, por Pixabay

As grutas surgiram como habitações para os marginalizados, situadas fora dos muros da cidade, o que implicava estarem fora do controle administrativo e eclesiástico.

Neste bairro, nasceram dois famosos cantores flamencos: Enrique Morente, em 1942, e sua filha Estrella Morente, em 1980.

Também pode-se citar Juan Carmona Carmona, mais conhecido como *Juan Habichuela*. Ele nasceu nesta linda cidade, em 1933, e foi um exímio guitarrista flamenco. Ele pertence a uma família tipicamente flamenca – seu avô, *Habichuela el Viejo*, também era guitarrista, assim como seu pai, José Carmona.

Continuando sua dinastia, Juan Habichuela é pai de Juan José Carmona Amaya y Antonio Carmona Amaya, e tio de José Miguel Carmona Niño. Resumindo, seus dois filhos e o sobrinho integraram o grupo musical *Ketama*.

PLAYLIST GRANADA:

1. *Granada* (Agustín Lara e Plácido Domingo, 1981)
2. *Nour el ein* (Amr Diab, 1996)
3. *Salama ya Salama* (Alabina e Los Niños de Sara, 1998)
4. *Vuelvo a Granada* (Miguel Ríos, 1969)
5. *Zambra* (Estrella Morente, 2006)
6. *La cuesta la cava* (Ketama, 1995)

3.11. Sierra Nevada

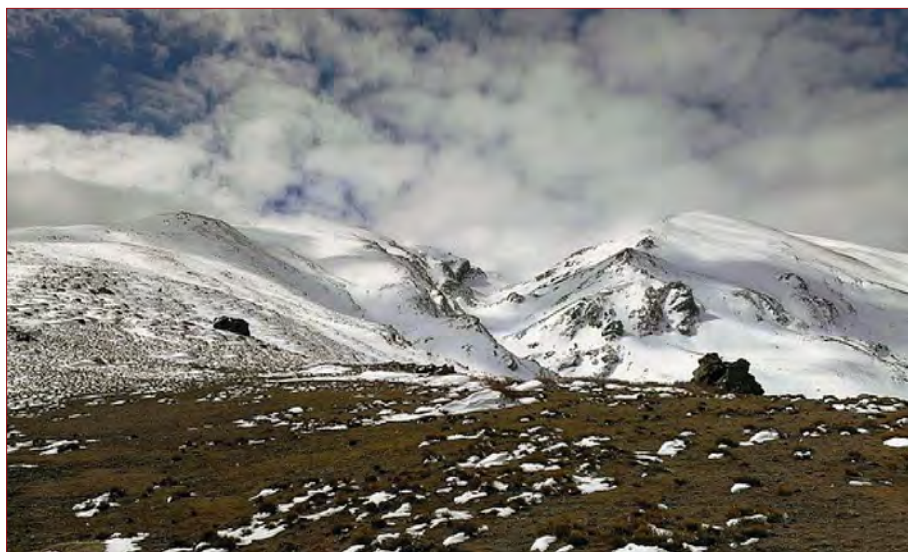


Figura 75 – Parque de *Sierra Nevada*

Fonte: Javier RTG, por Pixabay

A turística *Sierra Nevada* (Figura 75) é um maciço montanhoso que fica na província de *Granada*, na *Andalucía*, a cerca de 470 km de *Madrid*.

O local é o terceiro maior em altitude da Europa, depois do Cáucaso e dos Alpes, tendo como o topo o *Pico Mulhacén*, de 3.482 m (Figura 76).



Figura 76 – Localização de *Sierra Nevada* na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Em 1986, a *Sierra Nevada* foi declarada Reserva da Biosfera pela UNESCO e, em 1999, grande parte do território foi declarado Parque Nacional, pelos seus valores botânicos, paisagísticos e naturais (Figura 77).



Figura 77 – Paisagem do Parque Nacional de *Sierra Nevada*

Fonte: Ddzphoto, por Pixabay

Dentre outros objetivos do parque, alguns são: proteger seus ecossistemas; assegurar a conservação e recuperação dos habitats e espécies ali presentes; contribuir com a proteção dos seus valores culturais; promover desenvolvimento para a população dentro do território; e incorporar o Parque Natural de Sierra Nevada no programa nacional e internacional de conservação da biodiversidade. Dentro do Parque Nacional encontra-se a estação de esqui mais meridional da Europa, que é a de maior altitude da Espanha.

Existem referências à Sierra Nevada desde a Antiguidade. Plínio, o Velho, já mencionava no século I a existência do monte *Solaris* na zona fronteiriça entre as províncias romanas da Hispânia, da Bética e da Tarracones. Durante a época visigoda, Isidoro de Sevilla falou do monte *Solorio*.

A *Sierra Nevada* é o local ideal para quem gosta de praticar esportes de inverno, como esqui e o *snowboard*, desde iniciantes a profissionais. Nas estações, pode-se alugar todo o equipamento necessário para a prática dos esportes e existem escolas à disposição. Para aumentar a emoção das práticas esportivas, o esqui e o *snowboard* são permitidos à noite nas épocas de férias e fins-de-semana.

Outro passeio agradável é por meio da floresta, com rios de água natural das neves, e uma escalada pelas rochas da montanha. Turistas também podem aproveitar a agitada vida noturna de *Sierra Nevada*, composta por *pubs*, bares e restaurantes. Os hotéis na *Sierra Nevada* são muito conhecidos pelo baixo preço e o ótimo serviço.

Mas há também quem prefira explorar as zonas mais baixas de *Sierra Nevada*, onde se encontra uma comarca chamada *Las Alpujarras* (Figura 78), que significa “terra de ervas” ou “terra de pasto”, em árabe.

Las Alpujarras é rica em cultura e história, pois foi influenciada pela presença de árabes muçulmanos até o século XVII e foi palco de várias batalhas. É um destino muito interessante àqueles que desejam aproveitar não apenas a agitação e o frio das zonas mais altas, como também a paz e o calor das zonas mais baixas.



Figura 78 – Las Alpujarras, em Sierra Nevada

Fonte: Paco Benítez de la Lama, por Pixabay

Além das belezas naturais, *Sierra Nevada* é uma região de muitos mitos e lendas, como, por exemplo, a *Laguna de Vacares*.

Conta-se que, onde hoje se encontra a *Laguna de Vacares*, em um tempo longínquo, existia um soberbo jardim que frequentemente era visitado por uma esplêndida princesa e seu amante. Um influente príncipe mouro também a amava, sem ter a mesma sorte de seu rival. Certo dia, cansado de ser rejeitado, e cegado pela inveja, quis vingar-se, decidindo assim matar o escolhido pela princesa. Em uma noite, enquanto os amantes estavam juntos, conseguiu sua vingança, cortando a cabeça do jovem inimigo que, em seguida, transformou-se em uma pedra negra ainda visível hoje sobre umas das margens da laguna. Ante esta visão, a princesa subiu em uma pedra e começou a lamentar-se. Seu choro encheu o jardim com lágrimas, inundando-o por completo. Depois disso, ela também se converteu em uma pedra. Diz a lenda que,

em algumas ocasiões, é possível escutar terríveis gemidos procedentes do fundo da laguna.

Para visitar a *Laguna*, um lugar inóspito a 50 km da cidade de *Granada*, são necessárias algumas horas andando em uma trilha.

Outra lenda interessante de *Sierra Nevada* é a *Vassoura do Diabo*. Diz a lenda que, em tempos antigos, havia um castelo em *Alpujarras*, no qual vivia um homem rico e sua filha, a quem o pai mantinha como se fosse um tesouro precioso. Quando ela completou vinte anos, foi prometida em casamento a um senhor da região que possuía riqueza e poder, mas era tão autoritário e brutal como seu pai. Ao receber a notícia, a jovem, que estava apaixonada por um pastor, tomou a decisão de escapar com seu amado, mesmo sabendo que não haveria esperança, pois, com tal decisão, colocaria em risco a própria vida. À noite, o pastor saiu em busca de sua amada. Ao longo do caminho, um homem que afirmava ser o diabo ofereceu sua ajuda, proporcionando-lhes uma vassoura capaz de varrer a neve. Com a vassoura na mão, os jovens fugiram até chegar ao pico próximo a *Alcazaba*. Lá, a vassoura começou a varrer sozinha, provocando uma avalanche. A vassoura ficou ali esquecida e continua, até hoje, varrendo a neve, causando enormes avalanches.

Outra lenda do local é sobre a tumba do rei Muley Hacén. Contam que, quando o rei Muley foi destronado por seu filho Boadibil, retirou-se do mundo, refugiando-se na cidade de *Mondujar*. Ali, longe de todos, passou seus últimos dias, com a companhia de Zoraya e as crianças nascidas com ela. O velho rei vivia amargo, sempre trancado na torre mais alta da fortaleza, olhando sem descanso os altos e distantes picos de *Xolair* – que mais tarde seriam chamados de *Sierra Nevada*. Escutando histórias sobre a montanha, contadas por Zoraya, ele desejou ser enterrado lá, longe dos homens, com a companhia única do céu infinito, onde ninguém

jamais perturbaria a paz de seu espírito. A lenda diz que Zoraya cumpriu esse desejo, enterrando-o na parte mais alta da *Sierra*, na neve eterna onde reina o silêncio.

Para encerrar a temporada em *Sierra Nevada*, é interessante conhecer um pouco sobre a cultura e a música do local: *El Trovo*. Considerada como a manifestação cultural, musical e poética mais importante da região, o *trovo* tem suas raízes na comarca de *Las Alpujarras* com a chegada de árabes, que, segundo estudos, já praticavam algumas atividades de improviso em sua terra natal.

Apesar de a expulsão dos mouros ter destruído parte da cultura árabe existente na Espanha, o *trovo* conseguiu sobreviver em sua comarca natal, espalhando-se para províncias próximas como *Murcia* e *Almeria*. Dentro do que se chama de *El Trovo*, existem o *Trovo Cantao* e o *Trovo Hablao*.

O *Trovo Cantao* é formado por um *trovador* e uma banda, acompanhado de instrumentos musicais de corda. O *trovador* recita versos poéticos improvisados, gerando uma espécie de música, que deve ser seguida pelo próximo grupo.

O *Trovo Hablao*, normalmente realizado em pequenas reuniões ou confraternizações mais simples, dispensa o uso de instrumentos. Funciona da mesma maneira que o *Trovo Cantao*, sendo também muito utilizado como forma de descanso após essa prática.

PLAYLIST SIERRA NEVADA:

1. *Libre* (Nino Bravo, 1980)
2. *La virgen mui gloriosa* (Al Andaluz Project, 2007)
3. *Esperare* (Presuntos Implicados, 1999)
4. *Sierra Nevada* (Hugo Blanco, 1972)

5. *Siempre Amanece* (Los Romeros de la Puebla,1988)
6. *Agustito* (Ketama, 1999)

3.12. Jaén



Figura 79 – Vista de Jaén

Fonte: Antonio Garcia Prats, por Pixabay

Jaén (Figura 79) é um município na província de *Jaén*, na *Andalucía*, com população de cerca de 120 mil habitantes, a 331 km de *Madrid* (Figura 80).



Figura 8o – Localização de Jaén na Andalucía, sul da Espanha

FONTE: Google Maps (adaptado pela autora)

Os primeiros restos arqueológicos encontrados na cidade de Jaén vinculam os primeiros assentamentos ao segundo milênio antes de Cristo, apesar de serem abundantes as pinturas rupestres e inclusive alguns restos de arquitetura megalítica, em seus arredores.

No ano de 712 d. C., a cidade passou ao domínio árabe e recebeu o nome de “Geen”, que significa “passagem de caravanas”. A cidade prosperou sob as mãos árabes, principalmente a partir do século IX, quando foi convertida em capital do território de Yayyan.

Na província de Jaén, existe uma grande variedade de passeios para se fazer, principalmente devido à grande oferta cultural com a que conta esta localidade e por ser uma zona de turismo rural com quatro parques naturais de grande interesse.

A Catedral de Jaén tem uma estrutura impressionante (Figura 81), domina completamente a cidade e o horizonte, no coração da parte antiga da cidade, rodeada de estreitos labirintos de ruas

sinuosas. Suas torres chegam aos vinte e seis metros de altura e, no interior da igreja, se exhibe um coro do século XVIII.



Figura 81 – Catedral de Jaén

Fonte: PactoVisual, por Pixabay

Muitos ficam surpresos com o quão grande é a catedral para o tamanho da cidade, mas é que, desde a sua construção, foi projetada para abrigar os milhares de peregrinos que vêm de toda a Espanha e Europa para visitar a relíquia *El Santo Rostro*, que pode ser vista em alguns dias do ano, entre às 10h30min e às 12h00, na capela da catedral, que fica em sua lateral.

Segundo a Bíblia, *El Santo Rostro* é o lenço com que Verônica enxugou o rosto de Cristo no caminho ao Calvário e, milagrosamente, a imagem de Jesus sofredor teria sido gravada. *El Santo Rostro* também é símbolo da fachada da catedral e do escudo da bandeira da cidade de Jaén.

O exterior da catedral é impressionante. Existem varandas, o que a distingue das outras catedrais, de onde se pode ter uma vista espetacular sobre a catedral e os vitrais. A sacristia também é muito bonita e, às vezes, recebe apresentações culturais.

Outro lugar histórico para se visitar em Jaén são os *Banhos Árabes*. Essa construção também é um dos símbolos da cidade, um local de encontro histórico desde o século XV.

Esses banhos foram descobertos em 1913 e declarados Patrimônio Nacional em 1917. São os mais bem preservados da Espanha e a entrada é livre e gratuita. Também inclui visitas a vários museus. No mesmo prédio, há o Museu Internacional de Arte Naif e o Museu de Artes Populares.

Construídos no século XI, os *Banhos Árabes* estão localizados no subsolo do Palácio de Villar Dom Pardo. Eles têm uma área de 450 m², tornando-se, provavelmente, o maior de todos na Espanha, com decoração típica e preservada em alguns de seus quartos.

No mundo islâmico, a preparação corporal é uma obrigação religiosa que todo muçulmano deve fazer antes de cada uma das cinco orações diárias. Uma vez que nem todos os cidadãos podiam se dar ao luxo de ter uma banheira em casa, foram criados os banheiros públicos.

Entre os séculos XIV e XV, esse local perdeu o seu papel como banho para estabelecer um curtume em seus quartos. Prova disso são os restos de suas instalações, que ainda estão preservados nos quartos de banho morno e quente.

Em 1936, começaram os trabalhos de restauração. No entanto, esses trabalhos foram interrompidos pela Guerra Civil Espanhola. Recomeçaram em 1970 e foram terminados em 1984, ano em que a Associação Europa Nostra concedeu a Medalha de Honra para a restauração do local.

Outro local que deve ser visitado é o Castelo de *Santa Catalina*, que é uma das mais importantes heranças da cultura hispano-árabe nas terras de *Jaén*. O Castelo de *Santa Catalina* faz parte da rota dos castelos da Espanha.

O mirante é o mais belo da capital, situado a mais de oitocentos metros. De estilo cristão-medieval, está no alto da serra de *Santa Catalina*, por isso sua beleza é um dos símbolos de *Jaén* (Figura 82).

Esse castelo foi originalmente uma fortaleza mourisca. Após a reconquista definitiva, operada por San Fernando, em 1246, acima da fortaleza moura foi construída uma fortaleza cristã, com uma igreja dedicada à *Santa Catalina*.

No mesmo perímetro, ao longo dos séculos, foram construídas três fortalezas: o *Castillo Viejo*, o *Alcázar* e *Nuevo para Abrehuny*. Hoje em dia, do alto, pode-se desfrutar de uma fantástica vista da cidade e de seus arredores, de onde são observadas muitas oliveiras e laranjais.

A fortaleza sofreu profundas alterações ao longo dos séculos, por períodos de negligência. Hoje o castelo encontra-se restaurado e abriga a capela onde se celebra o culto de *Santa Catalina*, a santa padroeira da cidade.



Figura 82 – Cruz do castelo de Santa Catalina

Fonte: Antonio Garcia Prats, por Pixabay

Mas muitos dos visitantes que chegam todos os anos à província de *Jaén* vêm de férias, principalmente pela qualidade do seu turismo rural. Não só a cidade, mas toda a província, contam com uma natureza privilegiada, em que se destaca o *Parque Natural de Cazorla, Segura e Las Villas* (Figura 83), o maior da Espanha e o segundo maior de toda a Europa.



Figura 83 – *Parque Natural de Cazorla, Segura e Las Villas*, na província de Jaén

Fonte: Angelcascaraso, por Pixabay

Outros parques naturais que formam parte desta grande riqueza natural de Jaén são o *Parque Natural de Despeñaperros*, o *Parque Natural da Sierra Mágina* e o *Parque Natural da Sierra de Andujar*.

Com esta variedade de espaços protegidos, as possibilidades de fazer turismo rural e esportes ao ar livre são muitas. As caminhadas e os passeios de bicicleta podem ser feitos pelas chamadas “Vías Verdes”, que são lugares ideais para isso.

Para quem gosta de esportes de aventura e prefere atividades com mais adrenalina, destaca-se o parapente, pelas qualidades geográficas que apresenta a Província de Jaén, com espaços espetaculares para a sua prática.

Nos limites dos parques, encontram-se pequenas povoações andaluzas, cheias de cultura e de tradição. As corridas de touros são particularmente populares, desde o século XVIII.

Jaén também é dona de curiosas lendas. A mais conhecida é a lenda do Lagarto de *Jaén*, ou Lagarto de Madalena (ou Malena).

Segundo conta a lenda, nas proximidades do povoado, em áreas alagadas, existia um lagarto que assustava os pastores e comia suas ovelhas. Temerosos, os cidadãos pediram ao rei que enviasse alguém para acabar com o animal. Sabendo da história, um prisioneiro se ofereceu para matar o animal, em troca da sua liberdade. O condenado dispensou o uso de armas e só pediu uma pele de ovelha, pólvora e pães para lutar contra o lagarto. Ele foi até o riacho e começou a jogar pães para o enorme lagarto, fazendo com que ele o seguisse até um local sem saída. Foi então que o prisioneiro jogou a pele da ovelha recheada com pólvora para o lagarto, que a comeu e explodiu.

Daí surgiu o famoso ditado por toda a Espanha: “Então exploda como o lagarto de *Jaén*”, usada quando a pessoa come em excesso ou para maldizer alguém.

Atualmente, o Lagarto de *Jaén* é um dos candidatos listados pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Entretanto, no dia 02 de julho de 2009, já foi declarado um dos dez Tesouros do Patrimônio Cultural Imaterial da Espanha. Por esse motivo, a cidade de *Jaén*, que possui um monumento do lagarto no bairro de Madalena, decidiu declarar o dia 02 de julho como o *Dia do Lagarto de Madalena*.

PLAYLIST JAÉN:

1. *Law Saalouni* (Mustafa Amar, 2000)
2. *Le cantamos a Jaén* (Ecos de las Marismas, 2012)
3. *Esmaani* (Carole Samaha, 2006)
4. *Tu me camelas* (Niña Pastori e Radio Tarifa, 2009)
5. *Seninle cok isim var* (Ebru Gundesh, 2004)
6. *La Toña y la Malena* (Los Marismeños, 1982)

3.13. Linares



Figura 84 – Vista de *Linares*

Fonte: Quique, por Pixabay

Linares (Figura 84) está situada na província de *Jaén* a, aproximadamente, 40 km da cidade de *Jaén* (Figura 85).

É a segunda maior cidade da província em número de habitantes. A cidade fica entre a *Sierra Morena* e o rio *Guadalquivir*, o que lhe confere paisagens diferenciadas e exuberantes.



Figura 85 – Localização de *Linares* na *Andalucía*, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Os primeiros relatos que se referem a *Linares* datam de épocas anteriores a Reconquista, ainda que nos arredores dessa região já existisse, há muitos séculos, um povoado histórico chamado *Cástulo*, que constitui uma das áreas arqueológicas mais importantes da *Andalucía*. *Cástulo* foi uma das cidades mais importantes do Império Romano na Ibéria.

Linares apareceu na Idade Média como um pequeno povoado, com o nome de *Leñares de Baeza*. Com a Revolução Industrial, *Linares* começou a se destacar pelas minas de chumbo e, em 1875, foi elevada a cidade por Afonso XII.

Cresceu muito no século XX, mas, por volta de 1950, quando se comprovou que o chumbo era tóxico, o preço do produto caiu e as minas foram sendo fechadas. Em 1991, a última mina de *Linares*, *Mina de la Cruz*, foi encerrada. Atualmente sua vocação é para o comércio e indústria.

Linares, como outras várias localidades da *Andalucía*, é uma cidade histórica e repleta de lugares encantadores para se visitar.

Possui uma surpreendente profusão de praças e recantos paisagísticos, sombreados de árvores frondosas. A Rua dos Álamos, por exemplo, termina em um desses lugares: a encantadora *Plaza del Gallo*.

Ali perto pode-se ver a *Casa del Torrén*, construída possivelmente sobre um edifício da época da dominação muçulmana. Ela se destaca por sua graciosa torre castelhana, a terceira que ainda está preservada na cidade, e na fachada apresenta o escudo de seus proprietários originais. Hoje essa casa abriga o Museu Arqueológico de *Linares*, fundado em 1956, e declarado Patrimônio Nacional.

O Museu Arqueológico de *Linares* é dedicado à antiga cidade íbero-romana de *Cástulo*, que constituiu uma das zonas arqueológicas mais importantes do rio Guadalquivir. Este importante museu dedica sua atividade, principalmente, para recolher as ruínas da antiga *Cástulo*, e abriga uma extensa coleção de ouro e cerâmica, peças arquitetônicas ibéricas e arte do baixo Império Romano, como máscaras de terracota, uma cabeça feminina em mármore, esculturas, capitéis, colunas e fragmentos de relevos, entre outras.

Depois de conhecer o Museu Arqueológico, os turistas precisam conhecer de perto o emocionante o Sítio Arqueológico de *Cástulo*. Habitada desde o século III a.C., a cidade de *Cástulo* foi a capital dos íberos-romanos e teve um papel primordial nas guerras entre romanos e cartaginenses.

A importância que alcançou no mundo antigo se explica por sua proximidade aos ricos sítios mineiros da *Sierra Morena* e sua estratégica situação entre o vale do Guadalquivir e o planalto.

Nessa época, a cidade chegou a alcançar quarenta hectares de extensão e foi uma das maiores cidades da Espanha pré-romana.

O sítio arqueológico tem entre seus edifícios e escavações mais importantes o teatro, o anfiteatro e um templo dedicado ao culto imperial da época romana. Também tem fragmentos da muralha, assim como várias necrópoles e tumbas.

Além de arqueologia, *Linares* também está na rota dos castelos da *Andalucía*. A poucos quilômetros da cidade, pela estrada para *Jabal-Quinto*, está o *Castillo de la Tobaruela*, construído em 1475, por Don Alonso Sanchez de Carvajal, sobre outro antigo castelo andaluz em ruínas.

As muralhas possuem forma retangular e no canto extremo há uma torre de três andares. Na porta da frente, retrata-se o brasão de armas dos proprietários do castelo. À esquerda da fachada principal, há uma torre quadrada, talvez pertencente ao castelo primitivo.

Esse castelo é um típico castelo residencial. Entretanto, sua construção não tinha a autorização dos reis católicos, que já haviam proibido a construção de fortalezas e torres no Reino de *Jaén*, para tentar erradicar as lutas entre nobres. Por esse motivo, suas obras foram suspensas antes da conclusão.

Mas, pouco a pouco e de forma discreta, os nobres foram terminando a obra. Em 1985, o Castelo de *Tobaruela* foi declarado Patrimônio Nacional da Espanha.

Com relação aos artistas flamencos nascidos na cidade, destaca-se uma das melhores *cantaoras* de todos os tempos: Carmen Pacheco Rodríguez, mais conhecida como *Carmen de Linares*. Antes dela, Petra Garcia, conhecida como *La Niña de Linares*, nascida em 1911, já havia levado o nome da cidade ao mundo com vários sucessos flamencos. Nos anos 50, um grupo musical local também se sobressaiu na Espanha, *Luisa Linares y los Galindos*.

Portanto, percebe-se que a tradição na cidade é o canto flamenco. Há várias tabernas que podem ser visitadas, como *Taberna Flamenca Pepe Linares*, *Peña Flamenca Carmen Linares*, *El Cabrelillo*, *La Taranta*, *Mina y Olivo*, *Plomo e Plata* e *Luis Moreno “Niño de la Paz*.

Como incentivo para novos e consagrados cantores, a prefeitura de *Linares* promove, desde 1964, o Concurso Nacional de *Tarantas*, realizado no Teatro Cervantes.

Uma boa época para se visitar *Linares* é entre meados de agosto a meados de setembro. Neste período, acontece uma das festas mais conhecidas de *Linares*, a festa religiosa de *La Virgen de Linares*, padroeira da cidade, como também da Feira Real e Festa de Santo Agostinho, que tem origem em uma antiga feira de gado.

A Feira de *Linares* é realizada desde 1734, quando foi autorizada pelo Rei Filipe V. São exibidas atrações musicais que reúnem grandes figuras da cena musical espanhola, e uma vasta programação teatral com as melhores companhias nacionais. Durante o evento, também são realizadas as famosas touradas, com os melhores toureiros da atualidade.

Aliás, as touradas são tradicionais na cidade. Em frente à *Plaza de Toros de Linares*, há um monumento do maior toureiro da história: Manolete. Em 28 de agosto de 1947, ele morreu nessa *Plaza de Toros* pela chifrada do touro *Islero*, que acabou ficando tão famoso quanto o próprio Manolete. Todos os anos, no dia 28 de agosto, são colocadas flores no centro da praça onde o toureiro tombou.

Apesar de tantas atrações turísticas e históricas, *Linares* é uma cidade de médio porte, tem hoje pouco mais de 60 mil habitantes. Ainda assim, é uma cidade universitária, com cinco bibliotecas públicas e diversos cursos superiores, dentre eles magistério, curso de assistência social e engenharias, como engenharia civil,

elétrica, mecânica, química industrial, engenharia de telecomunicações e engenharia de minas e energia.

PLAYLIST LINARES:

1. *A lo loco* (Jarabe de Palo e Célia Cruz, 1998)
2. *Andante rumba* (Gustavo Montesano e Orquestra Filarmônica Real, 2000)
3. *Como poden* (The Ivory Consort, 2002)
4. *Habibi ya nour el ein* (Alabina e Los Niños de Sara, 1998)
5. *La rosa, el sol y el niño* (Carmen de Linares, 1991)
6. *Canto a Manolete* (Gracia de Triana, 1969)

3.14. Almeria

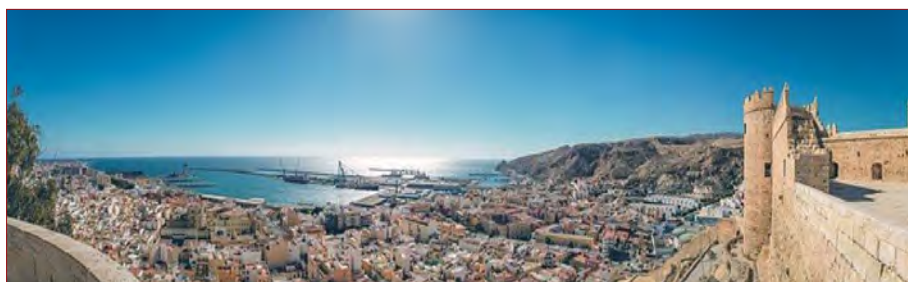


Figura 86 – Visão panorâmica de Almeria

Fonte: Ddzphoto, por Pixabay

Almeria (Figura 86) é uma linda cidade litorânea que também fica no mar Mediterrâneo, no sul da Espanha, na chamada *Costa de Almeria* (Figura 87).

É uma das cidades europeias com maior número de horas de sol por ano, o que faz jus ao seu lema: “Almeria, onde o sol passa o inverno”. É por essa particularidade que Almeria se destaca como cidade muito procurada por turistas para as férias.



Figura 87 – Localização de Almeria na Andalúcia, sul da Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

A cidade foi fundada em 955 d.C. pelos árabes que estavam na península Ibérica e, àquela época, seu nome era *Al-Mariat*, que significa “espelho do mar”.

A cidade também teve o nome de *Al Miraia*, que significa “o viajante” e, depois da formação da Espanha, seu nome foi modificado para o castelhano como *Almeria*.

O turista que chega a *Almeria* de avião já observa grandes obras arquitetônicas árabes e medievais. A que mais chama a atenção é a *Alcazaba* (Figura 88), uma antiga fortaleza árabe, a segunda maior da Espanha, situada na parte mais alta da cidade, com três grandes divisões.



Figura 88 – Alcazaba, em Almería

Fonte: Skeeze, por Pixabay

A primeira divisão era acampamento militar e refúgio para a população em caso de guerras. A segunda alojava o Palácio de *Almotacín*, residência de governantes, guarda e servidores. Naquele castelo havia mesquita, banhos e comércios, mas, devido aos terremotos que assolaram o local, durante a Idade Moderna, só existem hoje restos arqueológicos (Figura 89). A terceira parte consiste em um castelo cristão, construído por ordem dos reis católicos, na parte mais elevada, adaptado à artilharia moderna depois de sua conquista em 1489.



Figura 89 – Parte interna do *Alcazaba*, em *Almería*

Fonte: Skeeze, por Pixabay

Além desse imponente castelo, *Almería* tem uma grande muralha, chamada de Muralha de *Jairan*, parecida com a muralha da China, mas não tão longa. Construída no século XI pelo rei *Jairan*, o primeiro governador da Taifa de *Almería* durante o período de dominação árabe, constitui-se de um muro que desce pela parte norte da *Alcazaba* e sobe pelo Monte de *San Cristóbal*, na parte mais distante.

Mas, em meio aos muitos monumentos árabes e cristãos históricos na parte velha da cidade, com muitas casas e ruas de pedras, *Almería* esconde um mistério: é por essa maravilhosa cidade que se inicia o maior caminho de *Santiago de Compostela* na Espanha, pois, na verdade, existem vários caminhos para *Santiago*.

Entre *Almería* e *Santiago*, que fica na parte noroeste da Espanha, são 1.353km. O percurso, na diagonal máxima da Península Ibérica, oferece aos peregrinos paisagens inigualáveis, que mesclam regiões de quase deserto com áreas verdes e rios, sem falar na cultura que vai sendo desvelada ao longo do caminho. Os percursos podem ser feitos a pé, de bicicleta ou cavalo, sozinho ou em grupos.

Além desses monumentos históricos, outro belo lugar para um passeio é o Parque Natural de Cabo de Gata (Figura 90), a vinte

minutos da cidade. É a maior reserva terrestre-marítima na parte ocidental do mar Mediterrâneo, cobrindo 460 km², incluindo a Serra do Cabo de Gata, e 120 km² de mar como reserva marinha.

O local ainda inclui salinas, praias e dunas. A zona é de origem vulcânica e circunda o Cabo de Gata. Em 1997 foi designado como reserva da biosfera da UNESCO. Em 2001, foi listado como Zona Especialmente Protegida de Importância para o Mediterrâneo. Em 2010 foi proposto, insanamente e sem sucesso, o uso do local para armazenamento de resíduos radioativos.

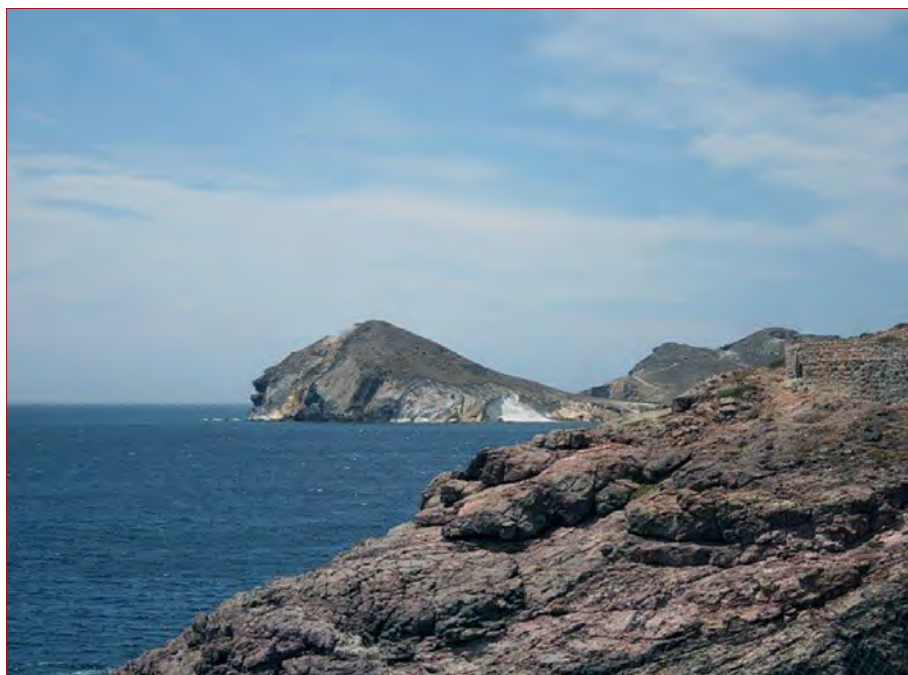


Figura 90 – Parque Natural de Cabo de Gata, em Almería

Fonte: Francisco J. Cruz, por Pixabay

Nessa região encontram-se os maiores contrastes de todo o litoral mediterrâneo. As praias do Parque Natural de Cabo de Gata são as mais misteriosas, com muitas pedras e desfiladeiros. Já

as praias de *El Toyo* (Figura 91) são bem conservadas e com grande faixa de areia. Normalmente as praias do mediterrâneo são de areia escura e grossa, e a vegetação é menos densa.



Figura 91 – Praia El Toyo, em Almeria

Fonte: Antonio Jose Cespedes, por Pixabay

Dois cantores de renome nascidos em *Almeria*, Manolo Escobar e David Bisbal, já foram mencionados no capítulo anterior. Outro artista famoso que tem relação com a cidade é Federico García Lorca. Ele nasceu em *Fuentevaqueros*, perto de Granada, em 1898. Foi alfabetizado por sua mãe, que era professora. Mais tarde, teve Antonio Espinoza como tutor e, com sete anos, mudou-se com ele para *Almeria*. Foi dessa época que ele tirou inspiração para, mais tarde, escrever *Bodas de Sangre*, seu primeiro sucesso.

Hoje, em *Almeria*, há uma praça com o nome de seu tutor, *Plaza Maestro Rodrigues Espinoza*, que fica em frente da casa onde eles moraram de 1906 a 1911. Nesta praça, há um busto de Federico Garcia Lorca. Lorca foi fuzilado na Guerra Civil Espanhola, em 1936, acusado de contraventor e homossexual, pois falava abertamente de suas ideias e orientações.

PLAYLIST ALMERIA:

1. *Almeria, tierra noble* (David Bisbal, 2010)
2. *Y viva la España* (Manolo Escobar, 1975)
3. *Camino de Santiago* (Carlos Nuñez e Amigos, 2004)
4. *Almeria* (Ecos del Rocio, 1999)
5. *Bulería* (David Bisbal, 2004)
6. *Te recuerdo Amanda* (José Mercé, 2002)

3.15. Valencia



Figura 92 – Vista aérea de *Valencia*

Fonte: Jade87, por Pixabay

Continuando o passeio pela *Costa de Almeria*, pode-se aportar em *Valencia* (Figura 92), que fica na costa mediterrânea leste da Espanha, a 335 km a sudeste de *Madrid* (Figura 93).

A cidade é conhecida pelas belíssimas praias de *Malvarrosa* e *Arenas*, onde é bastante praticado o *topless* pelas banhistas.



Figura 93 – Localização de Valência na Espanha

Fonte: Google Maps (adaptado pela autora)

Valencia foi fundada em 138 a.C, sob o nome de *Valentia Edetanorum*, pelos romanos. Em meados do século I d.C, já ocorria na cidade um considerável crescimento urbano, motivado pela existência do porto. A cidade já foi ocupada também pelos visigodos, árabes e judeus.

Em 1348, a Peste Negra quase dizimou a população da cidade. Os sobreviventes se revoltaram contra os excessos do rei na conhecida Guerra da União.

No século XV, *Valencia* floresceu economicamente, possibilitando um importante desenvolvimento urbanístico e cultural. Surgiram conventos, hospitais e jardins, dentro e fora da muralha da cidade. Foi nesta época, no século de ouro valenciano, que foi fundada a Universidade de *Valencia* (Figura 94).



Figura 94 – Praça do Patriarca da Universidade de *Valencia*

Fonte: Condedraki, por Pixabay

Valencia, no início do século XX, era uma cidade industrial, onde se destacavam a produção de seda, vinhos e cítricos. A primeira grande guerra mundial, entretanto, fez com que a exportação de cítricos entrasse em colapso.

Em 1937, durante o conflito da Guerra Civil Espanhola, *Valencia* foi a capital da Espanha Republicana, até 1939. Nesta época, a cidade foi intensamente bombardeada por ar e por mar, o que deixou vários monumentos destruídos que tiveram que ser restaurados.

Até 1957, o rio Túria atravessava a cidade, porém uma grande cheia naquele ano fez os gestores decidirem pelo desvio do curso d'água. O grande espaço que o rio antigamente ocupava foi preenchido com espaços verdes e campos de jogos. De fato, esse espaço é considerado o maior jardim urbano que existe em toda a Espanha, com cerca de nove quilômetros de extensão, que atravessa

a cidade de oeste a leste. Por isso, *Valencia* é conhecida na Europa como “a cidade das flores”.

No fim desse grande parque, fica a *Cidade das Artes e das Ciências*, um exemplo de arquitetura futurística feito pelo arquiteto valenciano Santiago Calatrava, que consiste no *Hemisfèric*, o maior cinema 3D da Espanha (Figura 95); o *Oceanogràfic*, o maior aquário da Europa; a sede principal do Open de Tênis 500, entre outras atrações.

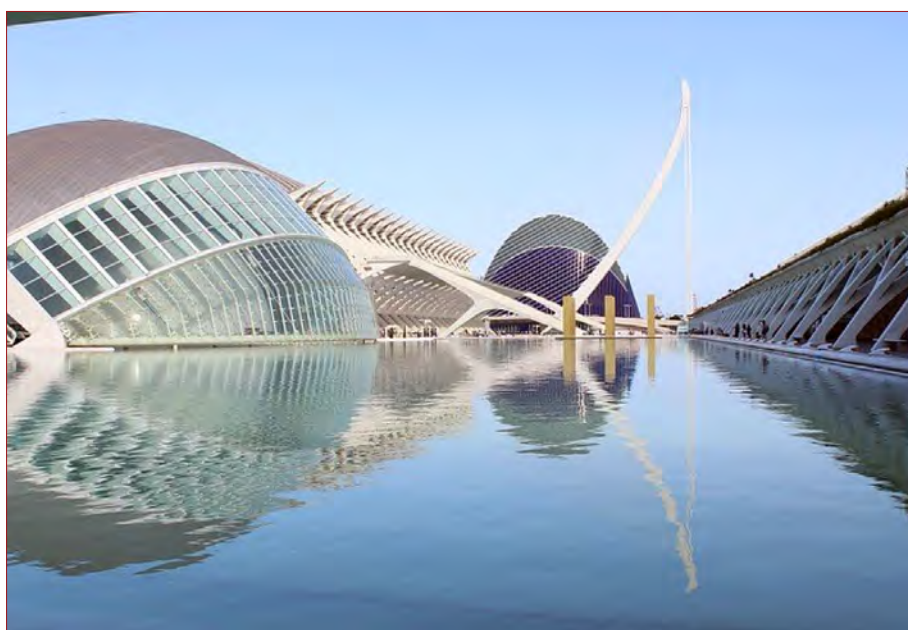


Figura 95 – *Hemisfèric* na Cidade das Artes e das Ciências, em *Valencia*

Fonte: Enrique Zuñiga, por Pixabay

Os turistas que chegam a *Valencia* se surpreendem com a quantidade de possibilidades culturais. No centro histórico da cidade saltam aos olhos os belíssimos monumentos, como as *Torres de Serrano* e *Torres de Quart*, que são lindos palácios medievais construídos em pedra. Essas duas torres, por volta dos anos 1440, faziam parte dos muros que rodeavam a cidade.

A *Torre de Quart* ainda tem buracos de balas de canhão, de quando Napoleão tentou invadir *Valencia*, mas não obteve sucesso.

Nessa região também se encontra a Catedral de *Valencia* (Figura 96) e, ainda, o centro comercial em estilo gótico, chamado *La Lonja de la Seda*, que no século XV servia como local de comércio de seda. Hoje é Patrimônio Cultural da Humanidade. A praça de touros de *Valencia* também é um ponto turístico obrigatório.

Além disso, na parte nova da cidade encontram-se os grandes museus, como o Museu da Pré-história de *Valencia*, o Museu *Taurino* (sobre as touradas), o Museu Valenciano da Ilustração e Modernismo e até o Museu do Arroz, em alusão ao prato típico local, a *paella*.

A gastronomia valenciana é famosa em todo o mundo por esse prato, feito com arroz, frutos do mar (como mariscos, lagosta, camarões, polvo e lula), frango, porco e linguiças. Para dar um sabor espanhol, também são acrescentados pimentão verde, vermelho e amarelo, e o charme fica por conta do açafrão (Figura 97).

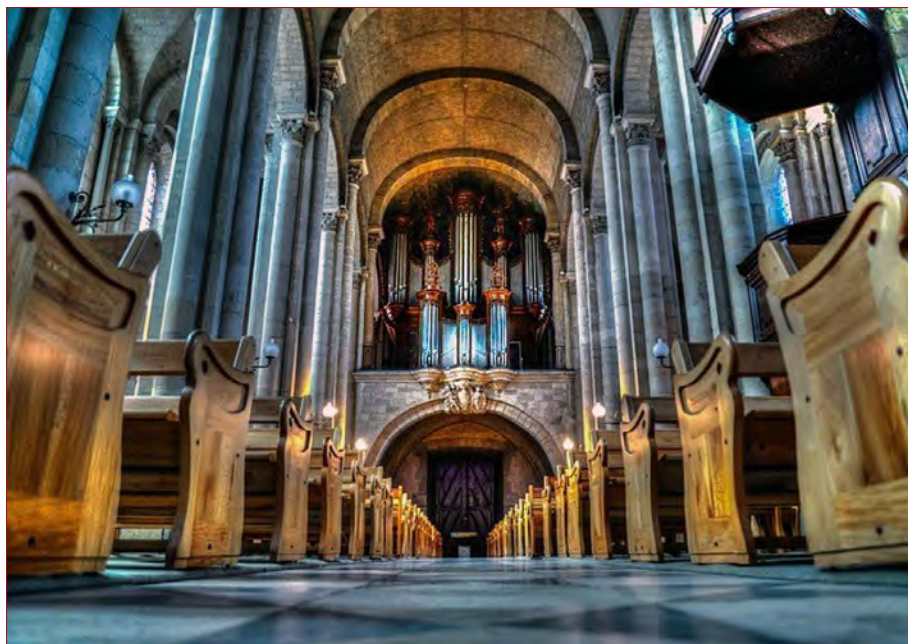


Figura 96 – Interior da Catedral de *Valencia*

Fonte: Rudy and Peter Skitterians, por Pixabay



Figura 97 – Paella valenciana

Fonte: EstudioWebDoce, por Pixabay

Para quem gosta de esportes, em especial de Fórmula 1, a dica é a visita ao Circuito Urbano de *Valencia*, que acolheu o Grande Prêmio da Europa de 2008 a 2012. O circuito era feito com grande vista do mar, com belíssimas paisagens.

Em 2008, o grande ganhador da corrida foi Felipe Massa, da Ferrari, e, em 2009, foi Rubinho Barricello, da Brawn-Mercedes. Em 2010 e 2011, o grande ganhador foi alemão Sebastian Vettel, da Red Bull-Renault, sendo que em 2011 ele ficou com a *pole position*, quando bateu o recorde com a volta mais rápida do circuito: 1min 36s 975. Em 2012, para alegria dos anfitriões, o ganhador da corrida no circuito de rua de *Valencia* foi o espanhol Fernando Alonso, da Ferrari.

Valencia também tem grande tradição no futebol, com o *Valencia* Futebol Clube, que é o terceiro time da Espanha, ficando atrás dos gigantes Real Madrid e Barcelona. O estádio do *Valencia* é o *Mestalla*, com capacidade para cinquenta e cinco mil pessoas.

Em *Valencia* há pouca tradição flamenca. Tradicionais mesmo são as *Fallas*, que acontecem todo mês de março, quando todos se preparam para receber a primavera com uma festa típica (Figura 98). Durante os cinco dias de festa, figuras satíricas, chamadas *Fallas*, são queimadas nas ruas e praças da cidade, o que simbolicamente é a eliminação dos problemas e males. Pode-se dizer que é o carnaval da cidade de *Valencia*, com grande show pirotécnico.

A versão mais popular da origem das *fallas* é que elas foram iniciadas por carpinteiros, que queimavam as sobras das oficinas na véspera do dia do seu padroeiro, São José, em uma fogueira purificadora.



Figura 98 – Falla de San José nas ruas de Valencia

Fonte: Mathieu Militis, por Pixabay

Um artista valenciano muito conhecido é o cantor Nino Bravo, vencedor de vários prêmios, que morreu precocemente, aos 28 anos, por conta de um acidente automobilístico.

PLAYLIST VALENCIA:

1. *Valencia* (Plácido Domingo, 1989)
2. *Nadie como tu* (Presuntos Implicados, 1999)
3. *Islas Canarias* (Yvette horner, 1975)
4. *Un beso y una flor* (Nino Bravo, 1972)
5. *Donde voy yo* (Presuntos Implicados, 2008)
6. *El fallero* (Los Serenade e Bernadino, 1972)

Considerações Finais

Por essa singela pesquisa sobre a arrebatadora Arte Flamenca, pode-se compreender que o flamenco não é apenas um estilo peculiar de canto, dança e toque de guitarra. Ele é, acima de tudo, uma forma de viver e de compreender a vida. Os praticantes e aficionados tendem a usar vestimentas, sapatos, acessórios e penteados de estilo flamenco no dia-a-dia. Além disso, adotam uma postura corporal perceptível devido aos anos de atividades. Psicologicamente, percebe-se também um amadurecimento quanto ao controle dos sentimentos, a elevação da autoestima, a superação de limites e o aumento de segurança perante os problemas da vida. Dessa maneira, só é possível entender realmente o flamenco se houver estudo e vivência de suas emoções.

Um show autêntico de flamenco consegue dar dimensão a essa experiência, onde os artistas compartilham com a atenta plateia um estado de êxtase, permitindo que o *duende* se manifeste. Esse termo, *duende*, é muito utilizado e se aplica à alma flamenca. É quando um artista se encontra em um estado elevado de emoção e expressão. Em uma apresentação é como se o *duende* vencesse os limites físicos dos artistas, inflando-se e envolvendo a todos em um só encanto.

Da mesma forma, em uma *juerga* flamenca (celebração espontânea), o baile, o canto e a guitarra são interligados e interdependentes, o que proporciona uma sinergia e uma dinâmica única ao flamenco. Cada um desses três elementos dialogam com os demais por meio de uma linguagem de códigos criando uma conexão enigmática entre *bailaores*, guitarristas e *cantaores*, em uma experiência coletiva sem protocolos.

Embora a arte flamenca tenha origens arraigadas na Espanha, atualmente encontra-se ramificada em diversos países,

assim como no Brasil de forma geral. A comunidade flamenca brasileira tem crescido e se consolidado nas últimas três décadas, principalmente pela facilidade de comunicação e interação com o advento da *internet*. É possível encontrar escolas e grupos de dança de norte a sul e de leste a oeste do país, com profissionais de nível internacional. Sobressaem-se agrupamentos em São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Recife, Curitiba, Londrina, dentre outros.

Contudo, no Brasil são escassos os ambientes adequados para a prática e apreciação, como *tablaos* e *peñas*, e ainda mais raros os guitarristas e os *cantaores*. Isso faz com que a dança flamenca seja mais difundida do que o *quadro flamenco* – cenário composto por guitarristas, *cantaores*, *palmeros* e *bailaores*.

Por esse motivo, e pelo fato de o flamenco ser moldável, dinâmico e adaptável, no Brasil (e provavelmente em outras partes do mundo) há duas formas bem distintas de dança flamenca: com música ao vivo e com música gravada. Embora ambas sejam apreciadas pela maioria das plateias, as estruturas de baile são totalmente divergentes. Tradicionalmente, na Espanha, o baile é idealizado e posteriormente acompanhado pelos instrumentos ao vivo. Em locais aonde isso não é possível, o baile é concebido a partir de uma composição gravada. Não se pode, entretanto, dizer que uma forma é certa e outra, errada. Indiscutivelmente, o *quadro flamenco* é tradicional, mais original e rico, mas a outra opção é igualmente válida por manter viva a arte.

Ademais, a dança flamenca apresenta inúmeros benefícios comprovados para a saúde física e mental, a educação e o desenvolvimento cognitivo e social, como mostram Arbelos (2003), Barberena (2008), Monastero (2009), Cuevas (2010), López (2012) e Camargo (2014), para citar alguns.

Espera-se que esse livro, de forma lúdica, apelando para os sentidos audiovisuais, tenha alcançado as expectativas de aproximar o flamenco do público em geral. É possível, por meio desse conhecimento teórico, desenvolver empatia com os povos que formaram o flamenco e, extrapolando para outras culturas, descobrir que somos todos iguais.

Talvez algum conteúdo desse texto possa despertar interesse por ouvir algumas músicas sugeridas, ou a assistir a um filme, ou apreciar um espetáculo de dança. Mais satisfatório ainda seria se o leitor se estimulasse a aprender a dançar, cantar ou tocar um instrumento flamenco. Com a rotina da vida contemporânea quiçá seja uma opção para adicionar um pouco de magia à vida e um pouco de cor às sombras (Figura 99).

Enfim, gostaria de terminar esse livro da mesma forma que encerrava os programas na rádio:

“¡Queridos e queridas, muchas gracias! Hasta la proxima, ¡y olé!

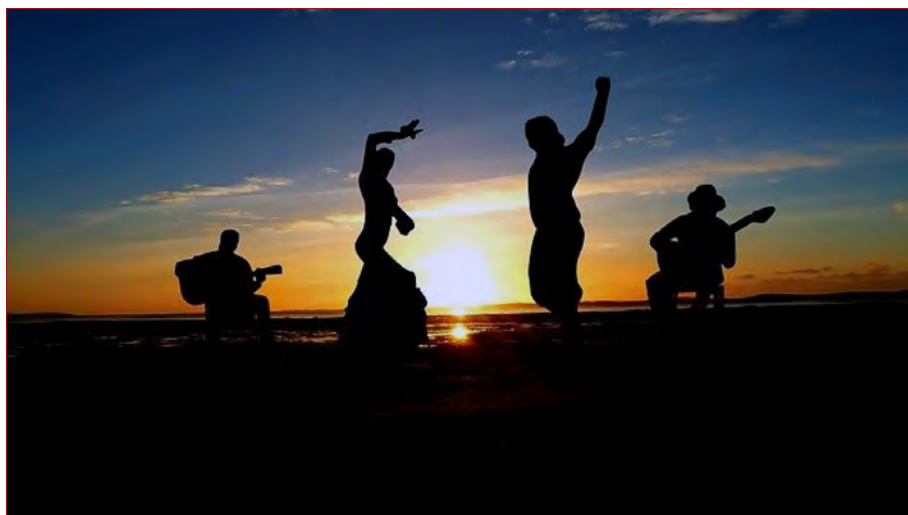


Figura 99 – Quadro flamenco ao por-do-sol

Fonte: Rene Rauschenberger, por Pixabay

Referências

ANTUNES, Celso. As inteligências múltiplas e seus estímulos. 14 ed. Campinas: Papirus, 2008.

ARBELOS, Carlos. El flamenco contado com sencillez: prólogo de Cristina Hoyos. Madri: Maeva, 2003.

BARBERENA, Erika Leticia Hernández. A dança flamenca: uma experiência de ensino-aprendizagem. [Dissertação]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008.

CAMARGO, Maria Isabel Saczuk. Contribuições da psicologia corporal ao ensino da dança. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIX, XI, III, 2014. Anais... Curitiba: Centro Reichiano, 2012. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em 10 jan 2018.

CAMPOY, Ana Paula Giro. Arte flamenca em São Paulo. [Monografia]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. V, 2009. Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em 08 mar 2019.

CUEVAS, Emilia Navarrón. Estrategias didácticas para el uso del flamenco como vehiculo de participación social en personas con trastorno mental. Disponível em: <https://www.juntadeandalucia.es/cultura/redportales/comunidadprofesional/sites/default/files/libroblanco/didacticaflamencosocial_memoriafinal.pdf>. Acesso em 10 jan 2018.

CRIMALDOS, Alfredo. Historia social del flamenco. Barcelona: Península, 2010.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2014.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. Educação e arte: linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LÓPEZ, Elvira Salazar. Aplicación de la termografía a la psicología básica. Tese (doutorado). Granada: Universidade de Granada, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Emilio_Gomez3/publication/316919502_Brain_Image_of_Flamenco_Dancing_and_thermography/links/5918c450a6fdcc963e869e05/Brain-Image-of-Flamenco-Dancing-and-thermography.pdf> Acesso em 10 jan 2018.

MINTZ, Sidney W. Cultura: uma visão antropológica. **Tempo** [online]. 2010, vol.14, n.28, pp.223-237. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>>. Acesso em 08 mar 2019.

MONASTERO, Bárbara de las Heras. **Ell@s tambien pueden bailar flamenco**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2009. Disponível em: < https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/18216/file_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10 jan 2018.

MORGADO, Ana Cristina. As múltiplas concepções da cultura. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**. v. 4, n.1, mar, 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2333/1544>>. Acesso em 08 mar 2019.

OLIVEIRA, Maria Oliveira de (org.). Arte, educação e cultura. 2. ed. Editora da UFSM: Santa Maria, 2017.

PORTO, Cristiane de Magalhães. Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In: PORTO, C.M., BROTAS, A.M.P., and BORTOLIERO, S.T., orgs. **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>. Acesso em 08 mar 2019.

SIGUÁN, M. Lengua y lenguas de España. Revista Cuenta y Razón. n. 138. Disponível em: < http://www.cuentayrazon.org/revista/pdf/138/Num138_012.pdf>. Acesso em 07 mar 2019.

THON, Bárbara Machuca; CAMARGO, Maria Isabel Saczuk. Contribuições da psicologia corporal ao ensino da dança. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais...** Curitiba: Centro Reichiano, 2012. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em 10 jan 2018.

VERGILLO, Juan. Conocer el flamenco. Signatura: Sevilla, 2002.

ZANIN, Fabiano Carlos. O violão flamenco e as formas musicais flamencas. Revista Científica da FAP. v.3, p.123-152. Curitiba, jan./dez. 2008.

Webgrafia Consultada

<http://andyylucas.weebly.com/>
<http://antoniogades.com/>
<http://cantecademacao.net/landing/>
<http://cristina-hoyos.com/>
<http://chambao.es/>
<http://chicuelo.com/>
<http://josemerce.es/home/>
<http://maitavendeca.es/>
<http://marcusnand.com/biography/>
<http://rosariofloresoficial.com/>
<http://tomatito.com/>
<http://vicenteamigo.com/>
<http://www.andalucia.org/en/flamenco/artists/manuel-morao/>
<http://www.andalucia.org/es/flamenco/artistas/chano-lobato/>
<http://www.antoniocanalesbailaor.com/>
<http://www.benise.com/>
<http://www.canalsevillanas.com/artistas/los-marismenos/los-marismenos.php>
<http://www.conchabuikamusic.com/>
<http://www.culturaespanhola.com.br>
<http://www.davidbisbal.com/>
<http://www.deflamenco.com>
<http://www.elcigala.com/>
<http://www.estopa.com/>
<http://www.evayerbabuena.com>
<http://www.facebook.com/flavio.flamenco>
<http://www.farruquito.com/>
<http://www.flamencobrasil.com.br>
<http://www.flamencopolis.com>
<http://www.flamencoviejo.com>

<http://www.flamenco-world.com>
<http://www.gipsykings.com/>
<http://www.javierruibal.com/>
<http://www.jessecook.com/>
<http://www.joaquincortes.com/>
<http://www.lahungara.net/>
<http://www.manueldefalla.com/en/childhood-and-youth>
<http://www.mariapages.com/>
<http://www.mariatoledo.es/>
<http://www.ojosdebrujo.com/>
<http://www.pastoriproducciones.com/>
<http://www.rociojuradofanclub.com/discografia/>
<http://www.sarabaras.com/>
<http://www.spain.info>
<http://www.spainisculture.com>
<http://www.totalflamenco.com>
<https://estudioflamenco.com/profesores/juan-vergillos/>
<https://fondo-flamenco.webnode.es/>
<https://ich.unesco.org/es/RL/el-flamenco-00363>
<https://joseelfrances.com/>
<https://www.andalucia.org/es>
<https://www.antonioacarmonaoficial.com>
<https://www.discogs.com/artist/1164736-Los-Marisme%C3%B1os?page=3>
<https://www.discogs.com/artist/1185990-Cantores-De-H%C3%ADspalis>
[https://www.discogs.com/Chanela-Flamenco-Nuevo-De-Andalucia-A-Rio/
release/6258179](https://www.discogs.com/Chanela-Flamenco-Nuevo-De-Andalucia-A-Rio/release/6258179)
<https://www.facebook.com/Grupo-Luces-Del-Alba-1144067012334684/>
<https://www.lashica.com/>
<https://www.miguelpoveda.com/>
<https://www.rodrigodomingos.com.br/>
<http://flamencobrasil.com.br/escolas-de-flamenco>

Ser convidada para falar da história do Programa Arte Flamenca e do trabalho da, entre outras tantas funções, *bailaora* de flamenco, Máriam Trier, é uma honra. Lembro-me até hoje da nossa primeira reunião para a criação do programa. Na época, eu trabalhava como coordenadora de projetos da RUP – Rádio Universitária Paranaense de Umuarama (PR) – e buscava uma grade de programação que possibilitasse o acesso à cultura. Sentadas na sala de reuniões, discutimos as ideias que se converteram em sete anos de programa no ar. Mas, além do compromisso e profissionalismo da autora na produção, direção e formatação dos programas, e de nosso envolvimento vinculado as nossas instituições, o que vivemos foi uma troca. A soma do seu conhecimento de flamenco com minhas raízes espanholas e latino-americanas resultou em uma parceria que não se resume ao profissional, mas também no engajamento pessoal e ativismo pela cultura. Então, falar sobre o *Arte Flamenca* não é falar de um programa na grade de uma rádio, é falar de pessoas apaixonadas e empenhadas em difundir aquilo que amam fazer. O resultado que esse livro dará acesso ao leitor é uma parte, mas esses sete anos vão além das palavras, porque foram anos de paixão pela arte! ¡Vale!

Ana Ribas (licenciada em Pedagogia; graduada em Comunicação Social; especialista em História do Mundo Contemporâneo; especialista em Comunicação, Publicidade e Negócios; Mestre em Comunicação e Cultura; atua atualmente como produtora de audiovisual na Dale! Produtora).

Realização:



Parceria:

